

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

PAULO BARRAGAT
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - Plantas medicinais: história e memória da pesquisa e da política científica no Brasil

Entrevistado- Paulo Barragat (PG)

Entrevistadoras - Tania Fernandes (TF), Lina Rodrigues (LR) e Maria Gilda de Oliveira

Data – 22/08/1996 e 12/12/1996

Local – Rio de Janeiro/RJ

Duração – 4h10min

Responsável pelo sumário - Carlos Henrique Assunção Paiva

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

BARRAGAT, Paulo. *Paulo Barragat. Entrevista de história oral concedida ao projeto Plantas medicinais: história e memória da pesquisa e da política científica no Brasil*, 1996. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 73p.

Sumário

Fita 1 - Lado A

Aborda sua origem familiar, a formação e as atividades profissionais do pai na Cidade de Petrópolis; sua educação básica e sua afinidade com a Química e a aviação; sobre concurso para aviador da Força Aérea Brasileira (FAB); sobre curso de Químico na Universidade do Brasil; sobre sua esposa; sua experiência como aluno do Colégio Interno São José; seu estágio no Instituto de Química Agrícola (IQA) e sua passagem pelo Instituto de Malariologia.

Fita 1 - Lado B

Sobre suas atividades e as condições de trabalho no Instituto de Malariologia; sobre a criação do Departamento Nacional de Endemias Rurais (DNERu); suas atividades no IQA e no laboratório de sua residência; sobre a Universidade do Brasil; sobre trabalho com inseticidas no Instituto de Malariologia; sobre o desenvolvimento e a patente dos inseticidas DDT e BHC.

Fita 2 - Lado A

Sobre as atividades do Instituto de Malariologia; sobre a Campanha Gambia promovida pela Fundação Rockefeller; sobre as atividades de Nestor e Madeira no Instituto de Malariologia; sobre Walter Mors e o trabalho de Jarede na aplicação de inseticidas; sobre as atividades do Departamento Nacional de Endemias Rurais (DNERu); sobre sua equipe de trabalho e sua mudança para Manguinhos; sobre a constituição da Fundação Instituto Oswaldo Cruz e a criação do Instituto de Produção de Medicamentos (INPROMED).

Fita 2 - Lado B

Sobre a criação da FAR-Manguinhos e a BIO-Manguinhos; sobre a relação da FIOCRUZ com a Central de Medicamentos (CEME) e a produção de medicamentos; sobre a relação da FIOCRUZ com a FINEP; sobre seu trabalho no conselho de Desenvolvimento Industrial do Ministério da Saúde; sobre patentes; sobre a relação da universidade com a indústria farmacêutica.

Fita 3 - Lado A

Referência à criação, objetivos e atividades do Instituto de Malariologia; sobre o funcionamento, direção e as pesquisas do Instituto Nacional de Endemias Rurais (INERu); sobre a trajetória de Mário Pinotti; sobre as instalações do Departamento Nacional de Endemias Rurais (DNERu) na Av. Rio Branco, Centro do Rio de Janeiro; sobre a fabricação do inseticida BHC.

Fita 3 - Lado B

Sobre o Serviço de Produtos Profiláticos (SPP); sua experiência e seus estudos nos Estados Unidos e sua ida para Manguinhos; sobre Carlos Modesto; sobre a Cidade das Meninas; sua mudança para o Serviço Nacional de Malária; sua saída do Instituto de Química Agrícola (IQA); suas atividades no Aeroclube de Manguinhos; sua atividade docente na Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP); sobre a aplicação do DDT nas residências e sobre acidente com ácido sulfúrico.

Fita 4 - Lado A

Referência à Neri Guimarães; sobre o Instituto Nacional de Produção de Medicamentos (INPROMED); sobre a localização de FAR-Manguinhos; sobre Wilson Aguiar; sobre suas atividades com a Central de Medicamentos (CEME); sobre a saída da CEME do Ministério da Saúde e sua subordinação ao INPS; sobre financiamento para fabricação de medicamentos no Serviço de Produtos Profiláticos (SPP); sobre a criação do SPP.

Fita 4 - Lado B

Sobre sua nomeação para direção do INPROMED; sobre convênio entre a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) com a FIOCRUZ e a NORQUISA para produção de medicamentos; sobre produção de soda cáustica na Indústria Salgema; sobre a criação e a atividade do Grupo da Indústria Farmacêutica (GIFAR); sobre sua nomeação para assessor da presidência da FIOCRUZ; sobre suas atividades atualmente na FIOCRUZ; sobre árvore que produz resina na Amazônia.

Fita 5 - Lado A

Sobre a produção de medicamentos e inseticida a partir de uma resina extraída de planta; sobre sua visita ao Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (INPA); sobre a possibilidade de industrialização de resina de árvore.

Data: 22/08/1996

Entrevistadores: Tania Fernandes (TF) e Lina Rodrigues

Fita 1 – Lado A

TR - Entrevista com o dr. Paulo Barragat, em 22 de agosto de 1996, para a Casa de Oswaldo Cruz, com Lina e Tania Fernandes. Bem, dr. Barragat, nós gostaríamos de, pode se sentar à vontade, nós gostaríamos de começar essa, essa conversa com o senhor falando um pouco da sua infância, tendo memórias, de algumas lembranças dos seus pais, de sua infância.

PB - Certo. Eu tenho descendência, ascendência, minto, ascendência principalmente francesa e um pouco alemã e um pouco portuguesa. Da parte do pai eu tenho ascendência francesa, minha avó era nascida na Alsácia, o nome dela era Elizabeth Vintz, ali na Alsácia há uma mistura de França e Alemanha, isso mesmo, inclusive a Alsácia passou de mãos durante, algumas vezes, pertenceu aos franceses primeiro, depois aos alemães, depois aos franceses, depois aos alemães e depois voltou aos franceses. Ela nasceu ainda na ocupação francesa, mas tem naturalmente, tá aí a fotografia dela, né? Ela tem muitos traços assim... mais de franceses, não resta dúvida, agora, o meu avô era do sul da França, dos Pirineus, esse nome Barragat é um nome..., não é um nome basco, mas é um nome relacionado com a linguagem ali, com o patuá, como o dialeto do local e realmente Barragat significa barra o gato, porque em dialeto... gato em francês é *chat*, mas em dialeto é *gat*, aquele dialeto lá do sul da França. Então, Barragat seria barra o gato. Bom.

TR - Mas por que barra o gato? Vem de onde essa...

PB - Não, não, é comum, sabe os nomes tem os seus significados...

TR - Pois é, exatamente, o significado do nome em si.

PB - É barra o gato, quer dizer, não deixa o gato entrar, não deixa o gato vir, gato mesmo animal, porque *gat* em dialeto é gato.

TR - Mas por que barrar o gato? O que é que o gato estava fazendo para ser barrado?

PB - Ah, eu não sei... (risos) isso vem há gerações, eu não sei. De qualquer forma, meu pai, nascido em Petrópolis também estudou lá na França, lá nos Pirineus, era a cidade de (inaudível) que fica na vertente para a França e essa cidade foi considerada uma cidade de grandes competições aeronáuticas, de afluência de aviadores no princípio do século, então, meu pai assistiu lá, por exemplo, voar o Blériot¹. Blériot foi um aviador francês que foi o primeiro a atravessar o Canal da Mancha de avião, e lá também estiveram residindo até os Irmãos Wright, residiram em (inaudível), era um centro aviatório. Bom, meu pai fez ali os primeiros estudos e num desses... e já moço ele voltou para o Brasil e veio com o meu avô que aí transferiu a família toda para cá e foram para Petrópolis. Aliás, eles iam só passar

¹ “BLÉRIOT, LOUIS (1872-1936), engenheiro, inventor e aviador francês. Foi o primeiro homem a sobrevoar o canal da Mancha em um aparelho mais pesado do que o ar, em 25 de julho de 1909” (Dicionário Enciclopédico Tudo, Ed. Círculo do Livro, 1977, p. 215)

pelo Brasil porque o destino deles era a Argentina e o irmão dele, de meu avô, foi realmente para a Argentina, mas o meu avô resolveu parar um pouco aqui pr'a conhecer o país e gostaram tanto de Petrópolis que ficaram aqui. E lá em Petrópolis então, o meu pai, o meu pai se formou como contador, naquela época não havia assim, digamos, como hoje em dia, administrador, naquela época o sujeito se formava em Contador. Se formou em Contador e entrou para um banco, um banco francês que tinha atualmente a matriz aqui... matriz brasileira aqui, era o *Crédit Française de Brésil*. Esse banco tinha a matriz dele aqui num edifício muito bonito na Av. Rio Branco, número 46, onde ficam hoje as Docas, o escritório das Docas, e que está tombado pelo patrimônio. As portas são maravilhosas, todo o edifício é um... um edifício maravilhoso, no número 46, e lá então era a matriz desse banco. Acontece que esse banco, na França, ele controlava também a *Air France*, a companhia aérea que na época até chamava *Aéro-Postale*, e essa companhia fazia vôos já para o Brasil, na década de 30, para trazer correspondência, não trazia passageiros, mas trazia correspondência, e tinha atualmente esses pilotos todos que nós conhecemos, o Saint-Exupéry² e um grande piloto francês também que foi Jean Mermoz. Foi um ás da aviação francesa, Jean Mermoz, e ele fez algumas dezenas de travessias do Atlântico, mas, em 1936 o avião dele desapareceu no Atlântico e não se teve mais notícias. Mas nesse mesmo ano, eu fui apresentado a esse piloto francês, pelo meu pai, lá no banco e fiquei muito contente porque eu era muito apaixonado pela aviação, eu gostava muito de aviação e... voltando apenas a minha descendência... a minha ascendência, da parte da minha mãe, ela é descendente de portugueses, por parte do pai dela, e de alemãs por parte da mãe, que era filha de alemães. Meu pai foi ser bancário, ainda aqui no Rio, ele descia todo dia, ele morava em Petrópolis e descia todo dia, e um belo dia, naturalmente, ele conheceu a minha mãe, conheceu a minha mãe, eles casaram, mil novecentos e... dezesete, me parece, e aí eles adquiriram uma casinha ali na Rua General Osório, bem no centro de Petrópolis, General Osório, adquiriram uma casinha ali, e ali nasceu minha irmã, que já é falecida, Edith e depois eu nasci em 23. Minha irmã era 5 anos mais velha que eu. E meu pai então, como eu disse, ele descia, todo dia, de trem, mas um belo dia naturalmente, eles cansaram e resolveram se mudar. Naquela época, o normal de uma pessoa que vinha do interior do Estado do Rio era ir para Niterói e não para o Rio. Por que? Porque a capital do Estado era Niterói, o Rio era a capital da República, era o Distrito Federal, então, impostos, tudo se pagava em Niterói. Então, a tendência de uma pessoa que vinha do interior era ir primeiro para a capital do Estado, Niterói. Então, nós fomos para Niterói, e fomos morar numa rua, numa casa na Rua Gavião Peixoto e, curiosamente, eu vim saber há pouco tempo, eu fui ver também há pouco tempo, essa casa ainda existe, 70 anos depois, fazem 70 anos que eu morei em Niterói. Moramos pouco tempo lá em Niterói e aí mudamos depois para o Rio, viemos morar aqui na Rua Paulino Fernandes, aqui em Botafogo e... meu pai naturalmente continuava no banco, e aí meu pai foi indicado como gerente da sucursal do banco em São Paulo. Então, nós nos mudamos, meus pais, minha irmã e eu, nos mudamos para São Paulo, em 1929 e passamos, morávamos em hotel lá, porque era uma coisa passageira, meu pai não queria ficar em São Paulo e nesse ínterim meu pai havia adquirido um terreno aqui na Rua Miguel Pereira, em Botafogo, e meu pai construiu uma casa ali, e quando nós voltamos em 30, de São Paulo, nós já fomos morar nessa casa, na Rua Miguel Pereira, onde eu fiquei residindo, até me casar, em 48. Então passei toda a minha infância ali, compreende? E... havia um detalhe assim, para cortar a rigidez da coisa, eu tinha um amigo meu lá, Sigberto, me parece o nome dele, de qualquer forma, nessa altura eu estava com 10, 10-11 anos e ele

² “SAINT-EXUPÉRY (1900-1944), aviador e escritor francês, pioneiro das rotas aéreas sobre a América do Sul e o NW da África. Durante a II Guerra Mundial se tornou piloto de reconhecimento militar, e em 1944 partiu para uma missão da qual não voltou. Em suas obras de cunho épico, como *Correio do Sul* (1929), *Vôo Noturno* (1931) e *Terra dos Homens* (1939), valoriza a consciência da grandeza do homem; e em *O Pequeno Príncipe* (1943), considerada sua obra-prima, coloca o sentimento amoroso acima da ação desinteressada”. (Dicionário Enciclopédico Tudo, Ed. Círculo do Livro, 1977, p. 1110)

tinha recebido uma espingardinha dessas de ar comprimido, com chumbinho, e resolvemos caçar. Saímos por ali, avistou um pardal e quis atirar no pardal e eu fiquei com pena e eu disse “não, não faz isso!” e peguei com a mão e baixei a espingardinha. Quando eu baixei, pela pressão ela disparou e o chumbo entrou aqui na mão. E aí eu fui para casa, com a mão sangrando e tudo, aí a minha mãe fez curativo e tudo, e o negócio cicatrizou, e tudo muito bem. Muitos, muitos anos depois, quando eu fui a Europa, eu foi passar no detetor de metais lá, o negócio tocou a campainha (risos) e aí era esse chumbinho que eu tenho até hoje, e realmente eu só vim a conhecê-lo meses depois, no dia que eu machuquei a minha mão muito, eu pensei que tinha havido uma fratura, então, aí no Miguel Couto me fizeram uma radiografia e o médico disse “não, aí você não tem fratura nenhuma mas tem um corpo estranho aqui...”, e realmente a gente até sente, com a mão assim, a bolinha de chumbo, aquele chumbinho, sabe, de coisa. De qualquer forma, passei uma infância muito feliz e... aprendi as minhas primeiras letras com uma prima, que era professora, Ivone, que eu gostava muito dela, ela vinha em casa dar as aulas e tudo, e eu aprendi a ler e a escrever com ela. Depois, então, eu fui para o primário, no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, que ainda existe na Rua São Clemente, Colégio Nossa Senhor de Lourdes, de umas irmãs, e fiz ali o primário, depois eu me transferi para o [Colégio] Santo Inácio, e no Santo Inácio então eu fiz o Ginásio, que terminei depois no Colégio São José. Acontece que, eu tinha um gosto muito grande por aviação, muito grande mesmo, mas gostava muito de Química também, e lá no Santo Inácio eu aprendi Química com um padre belga, Padre Tez, Leopoldo Tez que ele falava muito depressa, e tudo, mas ele tinha uma maneira muito boa de ensinar, porque ele tinha uma série de formas mnemônicas para a gente memorizar os elementos químicos, por exemplo, e eu me lembro, na tabela periódica os elementos, os elementos alcalinos, alcalino-terrosos, então ele dizia “linaka Castroba”, que era lítio, sódio, potássio, cálcio, bromo³... ele dava uma forma mnemônica, e eu sei que eu comecei a gostar de Química ali, compreende. Mas a minha paixão maior era a aviação, e assim que eu pude eu fiz, me apresentei lá no Campo dos Afonsos para fazer exame na Aeronáutica.

TR - E essa sua paixão pela aviação vêm de onde, especificamente?

PB - É difícil dizer, compreende, o fato é que quando meu pai me apresentou o Jean Mermoz eu fiquei maravilhado...

TR - Foi no banco que o senhor estava contando...

PB - Sim, justamente, o que eu estou dizendo o mesmo banco era dono da *Air France*, compreende, lá na França, compreende, então, esse aviadores vinham lá no banco, lá e meu pai travou conhecimento... inclusive, eu tenho fotografias aí, preciso ver, mas meu pai lá no Campo do Afonsos, lá, naquela época o campo internacional aqui era o Campo dos Afonsos, que hoje é... hoje é tropas lá, pára-quedistas e tudo, mas os aviões da *Air France*, na época da *Aéro-Postale* desciam no Campo dos Afonsos, compreende, e lá então... naquele tempo tinha um avião muito famoso, era o *Arc-en-ciel*, o *Arc-en-ciel* e então, eu tenho uma fotografia, me parece aqui, meu filho tem, meu filho é quem guarda as coisas todas, justamente do Mermoz na frente do *Arc-en-ciel*, desse avião, compreende, que era um trimotor, mas depois ele veio a cair com o avião hidro, geralmente eles preferiam atravessar o Atlântico com o avião hidro, compreende, e foi um avião hidroplano, que desce na água, foi um hidroplano de quatro motores chamado *Raz-de-cidre*, que ele desapareceu... Houve um rádio deles dizendo que ele estava com um dos motores trabalhando mal, e tudo, e não teve mais notícia nenhuma... bom, mas de qualquer forma eu gostava muito de aviação, e sempre lia as revistas sobre aviação e tudo e fui então fazer

³ Ele erra, é bário em lugar de bromo. (N. do Rev.)

concurso... aliás, antes disso eu comecei a colaborar numa revista de aviação que chamava-se “Avião”, tinha um coronel da Aeronáutica, Coronel Liseas Rodrigues, que se tornou meu amigo, e... eu escrevi alguns artigos para ele lá, sobre certos modelos de avião e então fiz finalmente concurso pr’a aviador, lá no Campo dos Afonsos, na FAB [Força Aérea Brasileira], infelizmente eu fui barrado no exame de vista porque eu sou daltônico, confundo cores, confundo só tonalidades de cores porque, inclusive eu tenho carteira de motorista e tudo, eu não confundo verde com vermelho, mas confundo tonalidades e isso na aviação é muito importante, compreende, por causa do... quando se vê assim certos locais, confusão de... então, realmente, basta qualquer grau de daltonismo para eles barrarem. Então, fui barrado, tentei duas vezes e fui barrado, e aí, justamente, estava se aproximando o concurso para Química, então, numa carreira danada, comecei a estudar, estudar, estudar e me inscrevi no vestibular de Química. Aí, eu vi que estava difícil pra passar no vestibular, e soube que havia um segundo concurso pra Química, mas não podia entrar aqueles que tinham sido reprovados no primeiro. Eu abandonei...

TR - Para onde o senhor estava fazendo? Esse concurso o senhor estava fazendo para que universidade?

PB - Para a universidade, Universidade do Brasil. Na época, aliás, na época havia o... a Faculdade de Filosofia tinha um curso de Química que formava professores e pesquisadores de Química.

TR - Funcionava na Praia Vermelha?

PB - Não, funcionava na Casa da Itália, porque durante a guerra o governo tomou a Casa da Itália, então...

TR - A Casa da Itália fica aonde?

PB - Ali, no início da [Avenida] Antônio Carlos, perto daquele Hotel Aeroporto, tem a Antônio Carlos, tem o Ministério da Fazenda e tudo, ali no princípio tem uma pracinha e tem um edifício ali muito bonito que era a Casa da Itália que voltou, porque depois nós devolvemos isso tudo, isso foi devolvido a Itália, mas durante muitos anos funcionou ali a Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil e ela tinha um departamento de Química. Eu então, eu fiz o vestibular e aí houve aquele problema que... e aí ia haver um segundo vestibular, mas só podia se inscrever nesse segundo quem não tinha sido reprovado nesse primeiro. Então eu abandonei o primeiro vestibular, dei por... razões, motivo de saúde, senão eu não tinha podido freqüentar as provas daí eu tinha mais um mês, um mês e meio para estudar (risos)... aí depois...

TR - Por que é que tinham esses dois concursos? Por que tinham os dois concursos consecutivos?

PB - Porque iam haver vagas, então, o segundo concurso era pr’a ocupar as vagas que tinham sobrado do primeiro. Não sei se hoje em dia ainda tem esse sistema, compreende. Então... bom, então eu me inscrevi no segundo concurso e graças (risos)... aí entrei e comecei a fazer o meu curso de Química, gostando muito, eu sempre gostei muito de Química, e nessa época, 44, eu, dia 19, Dia da Bandeira, 19 de novembro de 44 era feriado, não sei se dia da Bandeira hoje em dia ainda é feriado, acho que não é não, o fato é que naquele dia foi feriado, 19, não esqueço mais a data por causa do que eu vou contar justamente. 19 de novembro de 44. Então, como qualquer coisa... então eu vou à cidade, eu moro aqui em Botafogo, eu vou à cidade, eu vou assistir um filme no Metro Passeio, um filme bom que eu quero ver, peguei o ônibus. No ônibus eu me encontrei com duas colegas da Faculdade e elas começaram “...

olha, tem um espetáculo para os estudantes no Municipal, só para nós estudantes, e tal e coisa, vem conosco, e vem conosco...”, mas tanto insistiram que eu desisti do meu cinema e fui com elas para o Municipal. Quando entramos no Municipal, aquele movimento todo de estudantes e tudo, elas avistaram numa das frisas uma conhecida e disse “vamos naquela frisa lá, com a fulana, lá e tal e coisa...”, aí eu fui com elas, eu estava com elas, elas estavam me levando. Quando nós entramos nessa frisa, tinha alguns lugares naturalmente, agora, tinha uma moça sentada, me lembro, à esquerda, compreende, quando entrei, à esquerda, compreende, e aí ela apresentou, e tal e coisa, me apresentou a essa moça, Maria Luíza, compreende, e aí eu me encantei por essa moça. Gostei dela, e tal e coisa, e até fomos a Copacabana, ainda tomamos um lanche e tudo, me parece que eu ainda me encontrei no dia seguinte com ela, e tudo, mas depois eu deixei de me encontrar com ela, não sei o que é que surgiu... Ah, nós fomos passar, minha mãe passava... nós morávamos aqui no Rio mas nós passávamos o verão em Petrópolis, então, eu não tive mais contato com essa moça. No dia 12 de maio do ano seguinte, 12 de maio de 45 eu telefonei pr’a ela, já estava aqui no Rio, de volta, telefonei para ela compreende, estava fazendo o curso de Química né, telefonei para ela e marquei um encontro com ela. E comecei a namorar, e tal, e coisa, e depois ficamos noivos e em 48 casamos. Foi a primeira e última namorada que eu tive (risos), e temos seis filhos, graças a Deus todos muito saudáveis e minha esposa engravidou 11 vezes, nós planejamos uma família grande, ela engravidou... ela vinha de uma família de 8, 8... a minha mãe tinha um irmão que tinha 12 filhos, compreende, então eram famílias muito numerosas. E a minha esposa é descendente de italianos e portugueses. O pai português, mas a família, que estava toda aí ... são de italianos, Zunco, e eu conheci a família dela em Portugal quando eu fui depois. A família descendente de italianos, estavam todos aqui no Brasil e eu mantive sempre um bom relacionamento com eles. Bom, de qualquer forma...

TR - Ela era estudante de que? Ela era estudante também?

PB - Não, ela não fazia curso não. Ela estudava, mas não seguiu... não fez nenhum curso superior, e o fato é que eu fiquei noivo dela e continuei o meu curso até que eu me formei. Quando eu me formei...

TR - Eu vou lhe interromper, posso?

PB - Pode, pode.

TR - Porque o senhor passou muito rápido assim, pela sua infância. Eu queria que o senhor voltasse a ela, a sua adolescência, a vida nessa... algumas memórias... em Botafogo...

PB - Algumas estrepolias que eu tenha feito, né? Eu estudava aqui no Santo Inácio, mas eu não ia bem no colégio, não ia bem mesmo, não era por namorar, porque eu não tinha namorada, mas não ia bem no colégio. Não ia bem no colégio, e os meus pais acharam que era melhor eu ir para o colégio interno.

TR - O senhor tinha quantos irmãos?

PB - Só uma irmã, eu e minha irmã. Então, me puseram num colégio interno em Petrópolis, Colégio São José, de Petrópolis, que naquela época era de padres de Sion, existem freiras de Sion, mas existem também padres de Sion. Eram padres de Sion que dirigiam esse colégio em Petrópolis na Avenida Koeler. É uma edificação muito bonita, é um prédio muito bonito mesmo. Deve estar tombado atualmente, uma beleza de construção. Então, eu fui para esse colégio em Petrópolis, onde fiz muito bons amigos e tudo, mas, em colégio interno... foi bom até eu ter passado dois anos em colégio interno,

porque eu jurei nunca botar um filho meu em colégio interno, porque... (risos) a gente só apanha em colégio interno, ou que os outros também que não... só reúne em colégio interno geralmente, ou o camarada que os pais não agüentam com ele e botam no colégio interno, ou então que moram longe das famílias... então, compreende, é um pessoal que não teve uma boa assistência da família. Então, tudo que é coisa que não presta, a gente aprende no colégio interno. O fato é que, nos fins de semana, que a gente não tinha o que fazer... eu tinha um grande amigo meu lá, que veio a ser depois... que veio para... coisa curiosa, da turma que se formou comigo, 5 foram para a aviação. Curioso, né, numa turma de vinte e poucos, 5 foram para a aviação, e ainda tenho contato com alguns deles. Esse, era o Francisco Eduardo, chegou a Brigadeiro, chegou a Brigadeiro, sofreu acidentes horríveis... o fato é que, eu era muito amigo dele, e nos fins de semana a gente não tinha o que fazer, então começava a procurar, a fazer bobagem. Então, o prédio tinha, em cima, no segundo andar, um parapeito, saliente assim, então a nossa brincadeira era fazer a volta naquele parapeito pelo lado de fora do prédio, e tinha um padre lá, que desconfiava que a gente estava fazendo estrepolia, compreende? Então, o nosso cuidado era ver que o padre não estava nos olhando para poder então sair de uma janela, fazer toda a volta da frente do prédio por aquela, por uma parte de fora assim, esses prédios antigos assim, e entrar na outra janela... e aliás, por sinal, esse padre, padre Henrique, padre Henrique, ele jogava muito bem xadrez, e eu jogava xadrez com ele, compreende, muitas vezes eu jogava xadrez com ele e... assim, e nesse colégio tinha um cão policial, bonito, grande, e quando eu vim para as férias, e eu voltei depois, e eu perguntei onde é que estava o cão. “Ah, não, ele andou muito triste, e foi, precisou matar”. “Mas como, matar como?”. “É, tivemos que dar umas pauladas nele aí”, porque o cão estava hidrófobo, e eu tinha sido mordido por ele, porque numa noite, como eu disse que em colégio interno se aprende tudo que não deve, né, eu dava as minhas fugidas de noite, compreende, então, quando eu voltei, o cachorro me estranhou, não sei se me estranhou ou se já não estava bom, compreende, o fato é que ele me mordeu, me mordeu aqui na perna, compreende, aí, quando eu soube, compreende, que eles tinham matado o cão a pauladas, eu fiquei apavorado, e fui ver meu médico, compreende. Felizmente, faziam, o que, me parece que uma semana, no máximo dez dias que eu havia sido mordido, no pé e aí o médico disse “não, olha, você fique tranqüilo, porque até 17 dias pode fazer, começar a fazer o tratamento anti-rábico”. E aí eu vim aqui no Instituto Pasteur e comecei o tratamento anti-rábico e graças a Deus (risos)..., mas me causou foi um susto danado, que eu tomei desses, e que toma não esquece mais. Depois, uma outra vez, uma outra vez, é... coisa curiosa, viu, meu pai estava construindo uma casinha em Petrópolis, e contou que a casa ia ficar pronta para o verão seguinte, e a casa não ficou pronta. Então, ele disse “não, eu vou arrumar uma casa, qualquer coisa para nós passarmos o verão em Petrópolis, para a gente não ficar no calor aqui no Rio. Vamos, vamos...” e tal e coisa, e meu pai alugou. Mas no final, quando a gente vai alugar uma coisa em Petrópolis já entrando o verão, a gente não encontra mais nada no lugar, está tudo cheio, compreende. Então, ele conseguiu um andar, um apartamento num andar na Avenida Quinze, hoje é a Rua do Imperador. Na Avenida Quinze. E nós fomos para lá, e tal e coisa, eu minha irmã, meus pais, e tal e coisa, vamos todos nós e de noite nós começamos a sentir um calor danado, compreende, e andando descalço a gente notava que o chão estava quente, compreende, era em cima de uma padaria, e era a primeira padaria que tinham feito em Petrópolis com um forno elétrico, pão quente a toda hora (risos) então, foi um problema a gente morar naquele andar lá em cima, um calor danado, a gente ia fugir do Rio no verão... (risos), e essa é a noção que faz, todo mundo tem coisas para contar da infância, da infância e da juventude. O fato é que depois eu concluí o meu curso, e a minha esposa... aliás, na época era ainda minha noiva, ela, nós só estávamos esperando eu conseguir um emprego, eu me formei, conseguir um emprego, para nós casarmos. E o pai da minha esposa, ele faleceu muito cedo, foi uma... não diria que foi uma epidemia, mas foi... tinha muito tifo naquela época, e ele morreu de tifo, e minha sogra casou em segundas núpcias com um engenheiro agrônomo, que eu me tornei muito amigo dele. Então, quando eu me formei eu pedi a ele, eu precisava arrumar

um lugar qualquer para estagiar, para depois... depois de formado, a primeira coisa tem que estagiar, se não consegue emprego em lugar nenhum. Então, como ele era do Ministério da Agricultura, ele me conseguiu que eu estagiasse aí no Instituto de Química Agrícola, hoje é EMBRAPA [Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias], aqui no Jockey Club, ali no Jardim Botânico, tem a parte, quem olha de frente à esquerda, que são os prédios da EMBRAPA, Empresa Brasileira de Pesquisas Agrônômicas. Naquela época chamava-se Instituto de Química Agrícola. Eu então comecei a estagiar lá e, felizmente, com 6 meses de estágio, veio um pedido, veio um... o Rio era a capital da República, era Distrito Federal, então a Secretaria de Agricultura do Distrito Federal fez um convênio com o Ministério da Agricultura para analisar as terras aqui do Rio de Janeiro e, esse convênio foi feito justamente com o Instituto de Química Agrícola, que fazia exame assim, de terra, de coisa, e então tinha que contratar, dois químicos. Então, contrataram a mim, e a Dra. Hilda Almeida de Aguiar. Trabalhamos lá durante um ano, e o convênio ia ser renovado no ano seguinte, assim, eu disse “bom, tá tudo...”, mal sabia como é que são esses empregos do governo, esses convênios e tudo, compreende. Eu achei, ingênuo, eu achei que estava garantido o meu emprego, marquei logo casamento, compreende, e casamos em 3 de janeiro de 48, e minha esposa engravidou. Minha esposa engravidou, e 6 meses depois eu recebo a notícia de que... aí o Distrito Federal tinha desistido de fazer, de continuar aquele convênio e em 15 dias estava interrompido o convênio. Eu com 15 dias recebi, disse que dentro de 15 dias eu não ia ganhar mais nada, eu e essa minha colega, Hilda Almeida de Aguiar. E eu preocupado, a Maria Luíza grávida, e tudo, eu disse “Meu Deus!”, mas isso, nós temos uma confiança muito grande em Deus, uns dias antes de terminar, dia 31 de maio, o dr. Mário Pinotti, que chegou a Ministro, e que na época era diretor do Serviço Nacional de Malária, resolveu fazer um instituto de pesquisas e pediu... não sei como chegou o pedido aqui, ao diretor daqui, de 2 químicos, lá para cima, para ir fazer, para trabalhar como químicos, nesse instituto de pesquisas. Então, esse diretor aqui do Instituto de Química nos chamou, a mim e a Dra. Hilda...

TR - No Nordeste ou aqui no Rio?

PB - Aqui no Rio, aqui no Rio. Aqui no Jardim Botânico, aqui no Rio, me chamou e disse “olha, eu tenho aqui um pedido do dr. Mário Pinotti, diretor do Serviço Nacional da Malária, do Ministério da Saúde...”, na época era Ministério da Educação e Saúde, “...pedindo dois químicos, lá para trabalhar no Instituto de Malariologia que vai ser criado...”. Aí nós fomos, eu e a Dra. Hilda, com quem eu já trabalhava lá, portanto, há um ano e alguma coisa. Nos apresentamos lá ao dr. Mário Pinote e, por sinal até, quem foi o intermediário nosso um holandês, essas coisas depois eu armo o puzzle para dizer porque holandês. Mas o fato é que eu recebi uma carta desse holandês, me convidando para trabalhar lá em cima para o Serviço Nacional de Malária, e aí eu tive lá um entendimento lá, eles me ofereceram lá o que eles me ofereceram, era um ordenado um pouco maiorzinho, um pouco maior do que esse que eu ganhava aqui, e então... mas aí é que está, era para trabalhar na Rio-Petrópolis, no Km 12 da antiga estrada Rio-Petrópolis, era chamada Estrada União e Indústria e, digamos, um pouco mais para lá, mas do outro lado, fica a Refinaria, mas ali naquela altura ali, próximo da Refinaria, naquela época não existia a Refinaria, não existia nada. Então, o que é que era aquilo? Era um terreno, mais plano que não tinha mais fim, ouviu, onde a Darci Vargas ia instalar uma cidade das meninas, e ela tinha um plano muito bonito, de aproveitar meninas assim abandonadas e tudo, e ali então educar essas meninas, e tudo, até maiores, e tudo e...

TR - Era um internato.

PB - Isso mesmo. Então, ela conseguiu, naturalmente com o Getúlio [Vargas], verba e fizeram, começaram a fazer 40 pavilhões. A área era tão grande, que a estrada que pegava a Rio-Petrópolis e que ia lá para dentro dessa área, tinha 4 quilômetros, e esses pavilhões começavam próximo da estrada Rio-Petrópolis e iam lá para dentro, até uma serra lá longe. Uma área muito grande mesmo. Então, o Pinotti... Ah sim, aí, retornando um pouco, o Getúlio foi destituído, da primeira vez, não quando ele... da última vez ele se suicidou, a primeira vez, quando ele foi destituído, em 45, a Darci Vargas se desinteressou por aquilo e não quis mais saber. Então, aquelas casas... aqueles pavilhões, ainda em construção, passaram para o abrigo Cristo Redentor, que tinha meninos, donde hoje se chamara aquilo Cidade dos Meninos, mas originariamente era Cidade das Meninas. Bom, então o Pinotti pediu o provedor...

TR - Acabou funcionando então?

PB - Hein?

TR - Acabou funcionando o...

PB - Acabou funcionando, e funciona até hoje. Bom, mas eu vou chegar até lá. Então o Pinotti pediu, era o Levi Miranda, era o provedor do abrigo, era o Levi Miranda, que era um... ele...

Fita 1 – Lado B

PB - O Levi Miranda se dedicava de corpo e alma àquela obra, do Cristo Redentor. Então... e aquela Cidade dos Meninos era o centro deles, e o Pinotti então pediu emprestado, primeiro dez, depois baixou para oito, pediu oito pavilhões emprestados para nós instalarmos ali um Instituto de Pesquisas. Aí, o Levi Miranda cedeu os oito pavilhões mais próximos da estrada, que estavam ainda no reboco, não tinham sido... os pavilhões não tinham sido acabados. Então, o Pinotti terminou com aqueles pavilhões, e instalou ali o que ele chamou de Instituto de Malariologia, que inaugurou em... um minutinho, deixa eu ver só... está aqui... é, 8 de maio de 49, isso é importante, essa data, 8 de maio de 49, ele inaugurou o Instituto de Malariologia. E no discurso de inauguração, ele disse que ele não estava ali para concorrer com Manguinhos, para não causar atritos, que aquilo ia ser um instituto para resolver problemas imediatos de campanha. Diga-se de passagem, que naquela época, apesar de ser Serviço Nacional de Malária, o Pinotti já havia recebido a campanha de Chagas, e a campanha de esquistossomose. Então, já eram três endemias que estavam sendo combatidas ali. Todas as três combatidas com os seus transmissores e, portanto, que necessitava de inseticidas... bom, de qualquer forma...

TR - Então o instituto, que tinha o título de malariologia, na realidade atendia a outras doenças...

PB - Já, a outras, mais amplo, mas manteve o nome Instituto de Malariologia. Bom, então, no discurso, ele disse isso, que em absoluto ele não era, não ia fazer concorrência a Manguinhos, mas ia... ali iam ser resolvidos problemas imediatos de campanha. Dizia-se, à boca pequena, que naquela época havia um atrito entre Manguinhos e o Ministério da Saúde. O Ministério da Saúde dizia que Manguinhos não se ocupava dos problemas que ele tinha, e Manguinhos dizia que não se ocupava porque o Ministério da Saúde não lhe apresentava os problemas. Então, essas picuinhas que existem, compreende? Bom,

de qualquer forma... apenas são detalhes que eu quero contar, compreende, que a gente sabe... isso faz a história, não é mesmo?

TR - É lógico, lógico.

PB - Bom, então começamos a trabalhar ali. O negócio... para eu que morava pertinho do meu trabalho ali no Jardim Botânico, viajar 50 km, nessa época eu já estava morando em Ipanema, e de Ipanema à Cidade das Meninas, ou dos Meninos era 50 km, mas mais um detalhe ainda, não havia ônibus lá para cima. Mas o Pinotti havia recebido de presente jipões, *sur-troupes* de guerra. Eram uns jipões Dodge, que eu suponho que devem ter feito a campanha da guerra na Inglaterra ou Norte da África, porque eles todos tinham direção à direita, e com uma molejitude que era uma barbaridade, compreende, e para completar os pneus muito duros também. A gente montava em cima desses Jipões, umas camionetas que nos apanhavam no Largo da Carioca, para nos levar lá no coisa, numa estrada que no fim era uma estrada de terra lá. Então, nós chegávamos lá com a coluna moída (risos), eu ainda tentava ler, eu gostava muito de ler, eu tentava ler nas camionetas, mas não dava jeito, era uma trepidação contínua, compreende, isso são detalhes todos... o fato é que nós chegávamos lá em cima... para trabalhar lá em cima, diga-se de passagem, era uma beleza. Era um silêncio que a gente escutava um alfinete cair no chão, compreende. E não nos faltava material, não havia esse negócio de hoje em dia, a falta de material que existe em toda parte. Eu considero, eu considero a Fundação Oswaldo Cruz uma exceção à regra, porque, se tem material para trabalhar, eu trabalhei muito tempo lá e tudo, eu sei como é que é. Mas, naquela época havia, realmente, fartura de material, o material que nós pedíamos nos era entregue e... então, nesses pavilhões... um naturalmente era o pavilhão da Administração, o outro era...

TR - Pavilhões de que tamanho, mais ou menos?

PB - Ah, eu diria 150 m², como um bangalô, eram bangalôs, compreende...

TR - De um andar só?

PB - Ah, um andar só, de um andar só, e tipo mesmo de bangalô, eu tenho fotografias, eu vou mostrar depois. E eles ficavam distantes, eu diria, 500 metros um do outro, compreende, 500 metros um do outro... de cada lado da estrada, certo. Bom. Então, por exemplo, o pavilhão mais próximo da estrada era o de Entomologia, onde trabalhava um americano, dr. Cousin, mas trabalhava, trabalhou também o Ivan (inaudível), que depois se aposentou, e hoje é entomologista da FEEMA [Fundação Estadual de Engenharia de Meio Ambiente - RJ], continua sendo muito meu amigo, trabalhou conosco lá. Bom, então, tinha esse pavilhão de entomologia, tinha, como eu disse, o pavilhão de administração, tinha o pavilhão de restaurante, tinha o pavilhão de inseticidas, que era o nosso. E realmente, quando o Pinotti fez o discurso inaugural, ele disse, daquela história de dizer que eram problemas de solução imediata, ele citou, por exemplo, o caso do Vale do Itajaí, em Santa Catarina, onde diziam que até as árvores tremiam de malária. A malária que dava no Vale do Itajaí era uma coisa bárbara, e o combate era difícilíssimo, por que? Porque lá havia o chamado problema “bromélia-quertésia”. Quertésia é um dos transmissores de malária, um dos anopheles que tem a particularidade de desovar nessas plantas chamadas bromélias, que ficam afixadas nas árvores em grandes alturas. A bromélia não funciona como um parasita, porque ela não suga nada da árvore, mas ela acumula água, e ela se utiliza dos sais, de tudo que tem nessa água, compreende, para viver. Então, nessa água, os mosquitos desovavam, e os guardas tinham que subir nas árvores para cortar cada bromélia dessas à machadada, árvores que

chegava a ter 30 metros de altura, e uma árvore às vezes tinha 40 bromélias, então era um trabalho de escravo, um trabalho horrível que não acabava mais, quando eles acabam de derrubar a última a primeira já estava nascendo, porque... então, esse pavilhão de entomologia começou a estudar herbicidas, porque nós verificamos que colocando herbicida, a bromélia abria as folhas, era atacada, e abrindo as folhas escorria a água, escorrendo a água acabava o criadouro.

TR - E ela morria.

PB - Ela morria. Então, se pensou de tudo para fazer chegar esse herbicida lá em cima, naquela altura, compreende. Então, testamos com jatos, com esguicho, tentamos primeiro o sulfato de cobre... o sulfato de cobre tem uma ação herbicida, tentamos o sulfato de cobre, e tentamos herbicidas mais modernos, tipo o famoso 2-4D, que hoje é condenado, aquele que jogaram lá no Vietnã, que deu aqueles problemas todos de teratogenicidade. Então, nós testávamos aquilo, e soubemos que próximo dali, onde era na época a Fábrica Nacional de Motores, que havia ali muitas dessas bromélias, então uma das idéias também era fazer um saquinho com o herbicida num foguete, e soltar o foguete, quando ele explodia lá em cima ele arrebentava o saquinho e caía aquele pó todo e era absorvido pelas bromélias, compreende. Isso são detalhes. Chegamos lá o negócio, começou a dar tiro assim, veio a segurança ali da fábrica saber porque que a gente estava dando tiros (risos)... muitas coisas assim interessantes assim que tem para, na vida da gente para contar, e com o tempo, depois, vai esquecendo. O fato é que em 1956, houve uma grande modificação no quadro do Ministério, no organograma, e foi criado o Departamento Nacional de Endemias Rurais.

TR - O DNERu [Departamento Nacional de Endemias Rurais].

PB - DNERu, que tinha seus órgãos... um desses órgãos era o Serviço de Produtos Profiláticos, que absorveria, como absorveu, o acervo do Instituto de Malariologia. Então o... Ah, minto, e foi também criado o Instituto de Endemias Rurais.

TR - O Instituto de Endemias Rurais foi criado junto, não, ele foi construído...

PB - Junto, junto, eu vou chegar lá, vou chegar lá. Então, ficou dito o seguinte, que a parte de fabricação, mais de fabricação ficaria com o Serviço de Produtos Profiláticos, Produtos Profiláticos, e a parte de pesquisa com o INERu [Instituto de Endemias Rurais], que se mudou para Belo Horizonte, e deu início ao René Rachou [Centro de Pesquisas René Rachou]. Então, todos os dois nasceram na Cidade das Meninas...

TR - Ou dos Meninos?

PB - Ou dos meninos, certo (risos) O fato é que...

TR - Só para eu conseguir entender...

PB - Pois não.

TR - A sua estada no IQA [Instituto de Química Agrícola, depois EMBRAPA] foi então muito relâmpago, ou o senhor conseguiu...?

PB - Foi, dois anos, dois anos.

TR - Lá o senhor fez o quê? Que tipo de trabalho?

PB - Eu trabalhava...

INTERRUPÇÃO

TR - Então, no IQA, eu queria que o senhor falasse um pouquinho do IQA

PB - Tem coisas interessantes para falar do IQA, tem coisas interessantes mesmo, que vão se relacionar com um projeto que eu tenho atualmente. É coisa curiosa, curiosa mesmo. Eu comecei a trabalhar lá, lá ele fazia análise de terras, mas fazia pesquisas também, e eu fui trabalhar na parte, mais na parte de físico-química, parte de analítica, com equipamentos físico-químicos, e fiz relacionamento... trabalhava na Seção de Análises... Análises Agrícolas ou Análises Químicas... bom, com o dr. Vittore, foi o primeiro chefe que eu tive, mas muito, muito eficiente, muito bom químico, ele trabalhava com a mulher dele, também lá, no laboratório, eu não sei se ela era química ou... mas de qualquer forma, ela trabalhava no laboratório com ele.

TR - Na faculdade, o senhor tinha tido alguma, alguma visão dessa coisa de produtos naturais, dessa área, que o senhor acabou desembocando posteriormente?

PB - Não.

TR - Ou foi apenas um acidente, enfim...

PB - Eu tinha um acidente, mais de um acidente, enfim... eu gostava de... chama-se depósitos em superfície, douragem, cromagem, niquelagem, eu então, eu montei um pequeno laboratório nos fundos de casa lá, para fazer assim depósitos de... a minha idéia era fazer depois com espessura, é o que se chama de folheado, folheado a ouro, compreende, aquilo a gente começa com dourado, para depois passar para folheado que é mais grosso. Bom, então eu montei um laboratorozinho em casa, nos fundos de casa, numa parte do quarto de empregada, tinham dois quartinhos lá, montei lá, e, para se fazer essa deposição de metais, se tem que trabalhar com corrente contínua, para justamente a corrente tem que seguir só numa direção para fazer deposição, se não ela deposita e tira, por isso não pode ser corrente alternada e sim corrente contínua. Então, o mais barato para se partir para um negócio desse, para se começar a aprender, é uma bateria de automóvel, que dá corrente contínua. Então, eu arrumei uma bateria de automóvel, e arrumei uma cuba lá, e tudo, e o meu primeiro problema, é lógico, era saber manter essa bateria, então eu comprei um carregadorzinho, que transformava corrente alternada em contínua, que jogava então corrente na bateria, para carregar a bateria, e depois então ia usar essa densidade da bateria para fazer os depósitos de metal. Sempre estudando, eu vi que a gente... eu não tinha um testador para ver se a bateria estava carregada, então eles diziam lá que notava-se o final da carga porque chegando uma chama na boca da bateria... a bateria tem várias bocas, hoje em dia ela é selada, mas aquelas antigazinhas tem aquela tampinha, a senhora sabe. Então, chegando um fósforo na boca da bateria, ele daria pequenas explosões devido a formação do chamado gás tonante, a mistura de hidrogênio com oxigênio. Mistura-se o hidrogênio com o oxigênio, na hora em que se chega a uma chama, aquilo explode. É o que acontece com os foguetes atualmente, esses foguetes que vão ao espaço, eles usam hidrogênio como combustível, mas eles levam oxigênio para, para, porque no espaço não

tem oxigênio. Então, eles usam o oxigênio para incendiar o hidrogênio e dar o foguete que sobe. Então, dentro da bateria, justamente, a eletrólise decompõe a água, H_2O , em hidrogênio e oxigênio, então, é o que se chama gás tonante, que explode, gás tonante. Então chegando... isso tudo na teoria, chegando um fósforo na boca da bateria, dá umas pequenas explosões e vê quando ela está carregada porque quando ela começa a decompor a água é que ela já carregou toda. Bom, e eu fui fazer a experiência, que deu uma explosão desgraçada (risos) que eu não sei como não me aconteceu nada de mais sério, porque a bateria ficou em frangalhos, compreende, o quarto ficou preto, foi uma coisa, todo mundo correndo, os vizinhos, todo mundo queria saber o que tinha havido (risos). Nas instruções que eu li não diziam que tinha que observar muito, que não descesse o nível da bateria, baixou o nível da bateria, então esse gás tonante encheu a parte de cima da bateria, e virou uma bomba, compreende (risos). Foi a minha primeira explosão, porque a segunda, com vinte (inaudível), eu vou contar depois. Mas isso foi a minha primeira explosão, compreende. Voltando ao estudo de química, realmente eles trabalhavam muito com produtos naturais, muito mesmo, e um colega meu lá, com muita idade já, ele já faleceu há muitos anos já, dr. Antenor Machado. Ele estudou a composição de uma resina de uma árvore que tem na Amazônia, árvore pela qual eu me interessei muito, porque depois eu vou lhe contar um projeto que eu já apresentei lá em FAR-Manguinhos [Instituto de Tecnologia em Fármacos, Fiocruz], e que está em evolução, mas isso é uma outra história para depois, mas de qualquer forma, daquela época, compreende, eu guardo como recordação também um químico que tinha lá, dr. Addor, que foi o primeiro a sintetizar no Brasil esse inseticida BHC⁴, hexaclorociclohexano, o hoje famoso pó-de-broca, né? E foi o primeiro no Brasil a sintetizar, e ele fez uma instalação lá, uma instalação-piloto, e eu assisti à produção.

TR - No IQA?

PB - No IQA, Instituto de Química Agrícola, compreende, depois vieram as fábricas, e tudo, mas ele fez isso em meu Deus, em 47, compreende, então realmente foi um principiozinho, quando esse inseticida surgiu no mundo. Ele era descoberto antes, mas quando veio a Lume, compreende, ele sintetizou lá... eles tinham trabalhos muito interessantes, muito interessantes mesmo, eu tive bons amigos lá, todos eles muito...

TR - Professor, a Universidade do Brasil, quer dizer, ela não tinha uma Faculdade de Química, ela tinha um Departamento de Química?

PB - É, e era Química Industrial, e o outro formava químicos, pesquisadores e professores, que era o meu caso, onde eu...

TR - O outro como?

PB - A Universidade do Brasil tinha duas faculdades. Uma, com esse departamento de Química que fazia, que formava o químico industrial. Depois eu vou lhe mostrar a história do engenheiro químico, só veio depois. Havia um engenheiro modalidade química na Escola de Engenharia, porque na Escola de Engenharia tinham modalidade de mecânica, modalidade de eletricista, compreende, e tinha então modalidade de Química, mas a escola, a famosa Escola de Química da Praia Vermelha, formava

⁴ “BHC, sigla inglesa do *hexaclorociclohexano* ou *hexacloreto de benzeno*, composto químico utilizado como inseticida, sobretudo na agricultura. Altamente tóxico, é perigoso para o homem” (Dicionário Enciclopédico Tudo, Ed. Círculo do Livro, 1977, p. 205)

químicos industriais, e a minha, que também era da Universidade do Brasil... essa da Praia Vermelha era Universidade do Brasil, eu não sei assim o departamento... era. A minha também era Universidade do Brasil, mas era Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. A Faculdade Nacional de Filosofia tinha então o seu departamento de química. É curioso que em São Paulo...

TR - Filosofia e Ciências. Em São Paulo era Filosofia e Ciências.

PB - Aí é que eu quero chegar. Houve sempre uma briga quanto a denominação, porque São Paulo chamava Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, aqui eles não queriam botar, porque eles diziam que a Filosofia abrange todo conhecimento. Então eles não queriam botar Ciências e Letras, mas já tinha o Departamento de Química onde eu fiz. Lá foi professor, o Athos, professor... gente que... professor Cardoso...

TR - Havia uma rixa, uma briga...

PB - Não, não, não. Havia uma pequena rixa... sempre houve uma pequena rixa com o pessoal de Farmácia, porque o pessoal de Farmácia sempre achava que eles tinham direito de entrar na nossa área de química, nós achávamos que não. Então havia uma pinimba, mas depois que a gente se forma não tem mais essa pinimba, compreende. Mas entre a Praia Vermelha e nós não, não mesmo, nós nos dávamos muito bem, mesmo professores e tudo, não, não havia mesmo.

TR - Sim, mas o IQA, o senhor ia falar do IQA...

PB - O IQA. Então, o IQA, eu realmente, eu comecei a ter ali a minha vida profissional com profissionais de Química, já bastante amadurecidos e tudo, e realmente foi um bom começo, um bom começo mesmo. Agora, quando eu fui para o Instituto de Malariologia, já foi uma coisa diferente, porque a idéia ali, no pavilhão de inseticidas era, como eu disse... o próprio Pinotti disse, que nós tínhamos que descobrir, por exemplo, esse, o caso da malária (inaudível) da coisa, e era preciso ver problemas que estavam havendo com os inseticidas da seguinte forma: o DDT⁵, que foi um grande inseticida, eu tenho a satisfação de ter sido, de ter cumprimentado o Paul Müller⁶, que foi prêmio Nobel de química por causa da descoberta do DDT, ele descobriu a ação inseticida do DDT, porque não resta dúvida, hoje em dia se fala o pior possível do DDT, mas foi indispensável para o combate da malária no mundo inteiro o DDT, indispensável mesmo, se continuasse, se não tivesse obtido o DDT, eu acho que a gente ainda continuaria com malária aqui na Barra da Tijuca, em Jacarepaguá, na Baixada Fluminense. O meu médico tinha um paciente que apanhou malária de trocar um pneu, um pneu na Rio-Petrópolis, e pegou malária, o que tinha de malária não era brincadeira, compreende, e foi com o DDT que nós saneamos isso tudo, compreende, fizemos muito larvicida, também, é verdade, mas no tratamento intra-domiciliar com DDT, foi isso que resolveu, não resta dúvida, compreende, e o nosso

⁵ “DDT (diclorodifeniltricloroetano), inseticida sintético que atua sobre o sistema nervoso dos insetos, causando-lhes a morte. É produto muito eficaz no combate a insetos parasitas do homem, sendo útil também contra os mosquitos transmissores da malária, tifo, febre amarela e peste. Quimicamente estável, persiste no ambiente por muito tempo, o que é inconveniente, pois permite sua concentração no curso de cadeias alimentares naturais. Por isso, seu uso vem sendo proibido em alguns países. Em vários casos, a eficácia do inseticida se reduz, porque se desenvolvem insetos que resistem à sua ação”. (Dicionário Enciclopédico Tudo, Ed. Círculo do Livro, 1977, p. 407)

⁶ “MÜLLER, Paul Hermann (1899-1965), químico suíço agraciado como Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina de 1948 pela descoberta das propriedades inseticidas efetivas do DDT (1939)”. (Dicionário Enciclopédico Tudo, Ed. Círculo do Livro, 1977, p. 903)

grande problema de malária atualmente que é em Rondônia é porque não tem, não tem, quase não tem casa, o sujeito dorme no mato, numa rede entre duas árvores, então não tem o que dedetizar, porque o DDT foi o grande, foi a grande arma nossa contra a malária. Não que outros inseticidas não matem o mosquito, mas nós não podíamos dedetizar toda a zona malariarística uma vez por semana, nós não tínhamos dinheiro e nem pessoal para isso, o DDT a gente fazia no máximo duas aplicações por ano. Então, cobria perfeitamente, porque nós começávamos a dedetização quando começava justamente a infestação dos mosquitos, então cobria perfeitamente, foi uma grande arma o DDT, grande arma mesmo. Mas eu não que me desviar muito. Então, voltando então ao estudo de química, eu aprendi muita coisa lá, foi útil depois na, no Instituto de Malariologia. Ah sim, então o Instituto de Malariologia... Ah sim, aí vem o então, sobre o DDT então, veio o problema que o serviço de malária recebeu a incumbência de combater Chagas e acontece que o barbeiro, o Triatoma transmissor de Chagas ele é inócuo ao DDT, ele não dá bola pro DDT. Então, é preciso encontrar outro inseticida para combater o barbeiro. Foi o que nós começamos lá no nosso pavilhão a testar novos, aliás, preparar novos inseticidas que eram testados dentro do pavilhão de entomologia e verificamos realmente que o BHC era ideal para o barbeiro, porque o BHC tinha ação residual de 6 meses, ação persistente, residual é o nome errado, o nome mesmo é ação persistente. Então, o BHC tinha ação persistente, compreende, suficiente para nós tratarmos as casas onde havia infestação de barbeiro e dar proteção a essa população que residem em áreas “chagases”. Então, veio trabalhar conosco... é aí que eu vou explicar ao fato de nós termos recebido a carta de um holandês. Naquela época começava a surgir no mundo esse inseticida... é curioso que esses dois inseticidas, DDT e BHC todos eles foram descobertos há muitos e muitos anos atrás sem os descobridores saberem que eles eram inseticidas. O DDT foi descoberto em 1854, por Zeidler, porque ele estava fazendo sínteses diversas, diversas sínteses. Então sintetiza aqui, sintetiza ali, junta esse com esse, esse núcleo com esse, e lá mais tantas, ele estava fazendo uma série de compostos cíclicos, clorados, e compôs o DDT, como uma porção de outros, e ficou então marcado, naturalmente, nas memórias dele que ele havia sintetizado o DDT, em 1854. Na guerra, os químicos suíços, da Geiger, resolveram estudar bons inseticidas porque com aqueles bombardeios e tudo faltavam alimentos e então eles tinham que colher o que desse a agricultura sem pragas, que ali não podia nada. Então, eles tinham que encontrar inseticidas bons para a agricultura e... a história é um pouquinho longa mas vale a pena contar porque é tão interessante...

TR - Não, pode, esteja a vontade...

PB - Anos antes, assim...

INTERRUPÇÃO

TR - Há muitos anos atrás, não me lembro quantos anos, havia um corante que eles usavam para tingir peles de senhora, aquelas peles de senhora... aquelas peles... não é pele da mulher não (risos) essas peles que as pessoas usam...

PB - Casacos.

TR - ...casacos de pele e tal e coisa e, principalmente os que tem pêlos, assim e tal e coisa, e se usava esse corante, e aí, com o avanço da química, eles foram purificando esse corante, e um belo dia eles verificaram que essas peles começavam a bichar. Que coisa curiosa, nós purificamos esse corante e agora a pele começa a dar bicho, pôxa! Aí foram ver que substâncias eles haviam afastado ao purificar o corante, e isolaram uma substância, eu acho que era um paracloro difenilo, de qualquer forma, uma

fórmula parecida com a do DDT, uma molécula parecida. Aí verificaram que aquela substância... Ah sim, mas aí eles foram testar aquelas substâncias todas que eles tinham tirado com a purificação, purificando, foram testar todas elas para fim de inseticida, e verificaram que realmente era aquela substância que matava os bichos que davam nas peles. Aí, Müller, Paul Müller, durante a guerra, quando recebeu ordem de desenvolver um inseticida para controle, me parece de... não sei se eram doríforas ou... eu acho que são doríforas, são bonitos os insetos, que atacam... não sei se atacavam plantações de batata, me parece, essa coisa... eu teria que ver isso. Bom, de qualquer forma ele recebeu ordens da Geiger para desenvolver um inseticida poderoso e então, ele foi, começou com essa fórmula desse inseticida antigo, do tal corante, e começou a modificar a fórmula, bota um cloro aqui, um cloro aqui, tira esse radical, bota um núcleo benzênico, outra coisa, montando aquela coisa toda, e testando cada vez. Lá pelas tantas ele faz um composto, e ele verifica que matava que era uma beleza e além disso... sim, em primeiro lugar, que matava pelo contato, não sei o que foi que houve que aqueles insetos não estavam se alimentando, e ele colocou o inseticida e os insetos morreram. Ele verificou que o inseticida matava por contato, porque até então se conhecia inseticida de ação estomacal, o inseto tinha que engolir, tinha que comer, esse não, matava por contato e, depois de algum tempo, continuava o mesmo efeito do inseticida, então ele notou que esse inseticida tinha uma ação persistente, uma coisa incrível, compreende? Foi justamente o DDT, e ele então mostrou lá à direção da Geiger, e a Geiger resolveu fabricar o inseticida. E sabe, que essas empresas, a primeira coisa que elas fazem é patentear o produto, descobriu o produto, já está estudando já está patenteado. Aí, foram olhar e descobriram que o Zeidler em 1854 havia sintetizado essa substância como um produto químico, então eles não podiam mais... uma coisa que está publicada não se pode patentear, então eles não podiam mais patentear a molécula DDT. Então, eles patentearam o uso inseticida do DDT. Mas, coitados, entraram pelo cano. Eu vou dizer porque. As fábricas aí começaram a fabricar o DDT e, as outras fábricas que não a Geiger, copiaram logo, é lógico e a Geiger ia cobrar a patente e elas diziam, “não, não, nós estamos fazendo um produto químico, agora, se vão usar isso depois como inseticida não é problema nosso”. Então, ela tinha que cobrar a patente dela aos formuladores, àqueles que juntam outras coisas e tudo para fazer o produto aplicável, junta caulim, junta sulfactante à fórmula, o formulador. Então a substância química (inaudível), chamado (inaudível), eles não podiam patentear. Aí então, eles começaram a ir em cima dos aplicadores, dos formuladores para aplicar, e vieram em cima, inclusive, até do Ministério da Saúde, e eu recebi o processo para dar um parecer, o processo já estava dessa grossura, compreende, e... e naturalmente sabe, o governo nunca gosta de pagar, não é isso mesmo. Então eles diziam “não, tá muito bem, vocês querem que a gente pague, mas a gente não compra mais DDT”, “Ah não, não, não, vamos deixar a dívida para depois, vocês compram primeiro o DDT” e assim nós nunca pagamos essa patente, compreende. O fato é que eles foram assim, passados para trás no mundo inteiro, e por isso é que houve tanta campanha contra o DDT, que eu estava até nos Estados Unidos quando começou o banimento do DDT, e eu digo que foi uma campanha de interesses comerciais, porque substituíam uns produtos que não era patenteado, ou não era bem patenteado de 50 centavos de americano, meio dólar o quilo, por produtos que eles desenvolveram que custavam 5 vezes mais caro, e que eram patenteados, compreende. Então, donde houve a grande raiva de banir o DDT, compreende. Eu sei, com tudo isso que dizem da poluição que ele causa e tudo, mas o grande interesse foi comercial, compreende. Eu visitei, por exemplo, uma empresa lá no sul dos Estados Unidos, e eles haviam arrasado a fábrica do DDT, mostrando que tinham colaborado, e tal e coisa. Não havia porque fazer aquilo, era um reator, reatores de multi-propósitos, podem servir para outras coisas e tudo, foi o protótipo da coisa demagógica, compreende, demagógica mesmo, compreende. E fiz..., mas onde eu quero chegar é assim, então, da mesma forma que o DDT tem uma ação muito boa sobre o inseto de malária, o *anopheles*, ele, como eu disse, ele não tem ação nenhuma sobre o triatomídeo, o barbeiro,

então, foi justamente quando... Ah sim, e aí então veio da Holanda, o Pinotti contratou um químico holandês, que veio indicado por esse holandês que fez a carta para mim me contratando...

PB - Por que ele foi contratar um químico na Holanda?

TR - Porque eles tinham um processo... veja bem, eu não sei qual foi a, qual foi o motivo, mas havia um motivo. Eles tinham um processo na Holanda, de fabricação do BHC, único processo à baixa temperatura, que, normalmente... o processo que o Addor fez aí no Jardim Botânico, que eu assisti, que ele foi o primeiro a sintetizar o BHC aqui, o Addor, era o processo sob ação do... Tudo é clorar o benzeno. O benzeno é um solvente conhecidíssimo, não é isso mesmo, cancerígeno, por sinal e, o benzeno é base de muitas sínteses, quase tudo entra benzeno, até na aspirina entra benzeno, naturalmente vai ser modificado, substituído... então, o benzeno, quando se clora ele em presença, digamos, de ferro, ele recebe o cloro por adição, ele continua com as duplas ligações, recebe o cloro por adição, então não dá um inseticida. Para dar um inseticida tem que romper as duplas ligações, para romper isso é ausência total de ferro e se usam catalisadores e a cloração leva 24 horas, pelo menos. Esse processo holandês fazia cloração em meia hora, uma coisa maravilhosa, compreende. Então, veio esse holandês nos dar esse, nos trazer esse *know-how* e, eu me tornei muito amigo dele, e tudo, então, fizemos lá no laboratório nosso lá, do pavilhão de inseticida, fizemos... essa parte ficou mais com o holandês e com a dra. Hilda... Ah sim, essa química foi comigo para Saúde e trabalhou até se aposentar comigo, compreende. Trabalhou comigo, chefiou laboratório de pesquisa, e tudo, até sairmos por completar o tempo de serviço ela trabalhou comigo, nunca deixou de trabalhar comigo.

PB - Que outros pesquisadores que o senhor poderia dizer que o senhor se recorda no IQA?

TR - Bom, só um instante, esse BHC, aí nós não voltamos, mas a ele. Então, esse holandês, ele trouxe da Holanda um pro...

Fita 2 – Lado A

TR - Entrevista com o doutor Paulo Barragat, 22 de agosto de 1996, fita número 2. Por favor

PB - Então, como eu estou dizendo, esse (a rigor, esse holandês chamava-se Hent Kemp, ele veio para trabalhar numa empresa privada, numa empresa que tinha em Niterói, uma fábrica de soda cáustica, mas é curioso que no meio, na metade do caminho, eu não sei qual foi a influência, que ele mudou de idéia e veio trabalhar conosco, e nos trouxe essa tecnologia. Então, eles desenvolveram isso lá, em (na cidade das Meninas, lá nesse pavilhão, e acharam que chegou ao ponto, fizeram uma planta-piloto, funcionou bem, foi quando construíram a grande fábrica. A minha atividade era outra, a minha atividade era, eu, eu preparava emulsificantes e formulações, eu me especializava mais em formulações, mas eles idealizaram e fizeram então essa, essa fábrica de BHC, não é? de hexacloroci (o nome mesmo é hexaclorociclohexano)

TR - Espera aí, deixa eu ver

INTERRUPÇÃO

PB - ...é, onde nós paramos mesmo? Ah, sim.

TR - Estávamos no holandês.

PB - (exato. Então foi construída essa fábrica lá, não é isso mesmo? Agora, como eu sempre digo, a gente se lembra (tá me pedindo os nomes, não é? a gente se lembra sempre do nome dos chefes, a gente nunca lembra os nomes dos soldados, não é? que general não ganha a guerra, quem ganha a guerra são os soldados. Então, há (a gente tem que se lembrar também daqueles que eram pau para toda obra, que quebravam galhos, e que morriam no serviço, com acidentes (nós tivemos, tivemos uma explosão lá em cima, uma certa ocasião, na fábrica de (essa fábrica, justamente, ela, ela produzia o... o inseticida à baixa temperatura, e nós tínhamos que usar benzeno, que é altamente inflamável, e jogar gelo dentro, gelo... gelo picado. Este gelo era picado num (num picador de gelo, que não era blindado, então, lá pelas tantas aquele negócio explodiu (e nós tivemos gente ferida e, enfim, de qualquer forma, eu... eu acho que a gente deve sempre lembrar também do pessoal de apoio, sem o qual a gente não faz nada, não é isso mesmo? Nós tínhamos lá, por exemplo, esses que são para toda obra, compreende, pau para toda obra, era o Madeira, o nome dele era Madeira, não era apelido, o nome dele era Madeira. O Madeira era originário do pessoal da Fundação Rockfeller, não sei se já ouviu falar na Fundação Rockfeller?

TR - Sim, claro.

PB - A Fundação Rockfeller trabalhou na área de saúde até janeiro de 50. Em janeiro tomou parte na famosa campanha do Gambiae no Nordeste, não é? e aliás, isso tem relação com o vôo lá dos pilotos franceses, é curioso, como a coisa toda se entrelaça. E esse Gambiae é um dos maiores transmissores de malária que existe, e ele, o habitat dele, é na África, e o grande medo nosso é que ele viesse da África para o Brasil, mas ele não agüenta muito tempo, é digamos, fora do habitat. Então, o que nos salvava é que o navio levava não sei quantos dias para vir da África ao Brasil e aí, então, há o mosquito morria. Acontece que, um belo dia. Ah, sim, a Rockfeller já estava instalada no Nordeste para combater o *Aedes aegypti*, e isso me foi, me foi relatado pelo doutor Fonseca, que conhece um bocado disso tudo, eu sou, eu sou, eu sou discípulo dele, um homem espetacular, bom. Então, o Fonseca me disse “olha, eu li o telegrama que, lá, o representante da Rockfeller mandou para nós, foi a primeira detecção do Gambiae, foi em Natal, é “encontraram o mosquito Gambiae em Natal. Pobre do Brasil”. Tava assim no telegrama, “Pobre do Brasil” (Graças a Deus, e Deus é brasileiro como dizem, não é? É o Gambiae não se deu bem na nossa, na nossa, no nosso habitat, então foi fácil erradicá-lo. De qualquer forma. Ah, sim, então, de qualquer forma, a Rockfeller tinha nos ajudado nisso tudo, mas um belo dia, ela resolveu encerrar a parte de ajuda na, na área, é de saúde, parece que ela continua na área de Educação, mas ela parou na área de saúde. De qualquer forma, em 1º de janeiro de 50, eles pegaram o pessoal brasileiro deles, e transferiu para o Ministério da Saúde, e eles tinham lá um bombeiro-eletricista de primeira ordem, que era o Madeira, que veio trabalhar para nós. Era um homem taciturno, e de poucas palavras e tudo, mas era um homem espetacular, compreende? Eu me tornei amigo dele, um homem espetacular mesmo, e quebrava os nossos galhos lá, de problemas que nós tínhamos de eletricidade muito sérios, de canalizações, tudo isso, e tinha uma cria, cria mesmo dele, um rapaz que aprendeu com ele, chamado Nestor, que veio trabalhar conosco aqui, que se aposentou agora comigo, há poucos anos aqui. Então o Nestor foi cria do Madeira, e também um ótimo elemento...

TR - Mas o Nestor e o Madeira estavam lá na malária?

PB - Sim, não, não, da Rockfeller só veio o Madeira.

TR - Mas esse veio é para a malária ou para o IQA [Instituto de Química Agrícola]?

PB - Não, ele veio para o Instituto de Malariologia, ele veio direto, eles distribuíram em vários lugares o pessoal, e um deles, não sei como, veio chegar em nossas mãos, que foi o Madeira, que veio ser o nosso eletricitista-bombeiro-chefe. Depois lá, na Cidade das Meninas, ele pegou um auxiliar, eu não sei se o(eu preciso perguntar, eu não sei se o Nestor vem a ser sobrinho dele, de qualquer forma, pegou esse auxiliar, o Nestor, que sucedeu a ele, o Madeira já tinha bastante idade, acabou falecendo, compreende?, e o Nestor pegou então as rédeas, e quando nós nos transferimos para cá, ele se transferiu para cá, e ficou trabalhando em Far-Manguinhos [Instituto de Tecnologia em Fármacos] até se aposentar, agora há pouco tempo, compreende?. Então, a gente tem que lembrar esses, esse pessoal, compreende?, que a memória vai, a gente vai esquecendo(é curioso(eu, eu, em 51, eu estava em Washington, quando chegou do Oriente o MacArthur, general MacArthur, ele tinha sido vencedor da campanha, da campanha do Japão, e tinha feito a campanha da Coréia, mas depois houve uma, um desentendimento entre ele e o, o presidente americano, ai meu Deus, como era o nome dele, eu esqueci agora o presidente daquela época, e destituiu o MacArthur, mas ele, nessas alturas, já era um herói nacional. Então, ele voltou de lá, e chegou a Washington com a chegada mais que anunciada, como, como chega qualquer autoridade em Washington, que se faz uma passeata, um... compreende? o pessoal vê o cara desfilar em coisa, com música e tudo. E essas passeatas apenas um detalhe, essas passeatas se fazem na Pennsylvania Avenue, que é uma das principais avenidas de Washington, Pennsylvania Avenue, que é cercada de repartições públicas, porque Washington é uma repartição pública, a gente vai andando, Washington não tem vida noturna nenhuma, é uma repartição pública, bom. Então, o que é que eles fazem, eles marcam essas passeatas, chegada de presidentes estrangeiros, de uma autoridade, assim, de um líder e tudo, às 5 horas da tarde. Por que? 5 horas da tarde é hora em que as repartições fecham, e os funcionários todos saem. Então, eles enchem ali a Pennsylvania Avenue, e o sujeito pensa que aquela turma toda veio para apreciar (risos) isso sem nenhum desdouro para o MacArthur, mas onde eu quero chegar é o seguinte, então, havia uma frase eu não sei se essa frase era atribuída ao MacArthur ou donde vinha essa frase, mas dizia assim “Old soldiers never die, they only fade away”, velhos soldados nunca morrem, eles apenas vão descolorindo, desbotando, empalidecendo, desaparecendo, compreende? Fade away, é difícil uma tradução, mesmo vendo o dicionário, o dicionário nunca dá uma boa tradução eficiente, que diga aquilo que a gente vê, como numa (inaudível), que a pessoa vai sumindo

TR - Vai desaparecendo.

PB - (então, fade away. Então, old soldiers, velhos soldados nunca morrem, mas eles apenas vão desaparecendo, curioso até que eles tinham uma cançãozinha lá que eles cantavam, justamente assim, diziam assim “old soldiers never die, never die, never die, old soldiers never die, they only fade away” e todo mundo cantava isso, tal e coisa. De qualquer forma, eu quero dizer isso, para dizer que a gente trabalha isso, na verdade é o fulano que trabalha... não, quem fazia isso? Não, quem fazia isso era o fulano, que ele já se aposentou, não está mais aí, onde ele está... a gente perde contato com os nossos colegas, nossos soldados de saúde, compreende, que também vão fade away, não resta dúvida, não é, não é isso mesmo? Mas feita a interrupção, desculpe, vocês vão ter que cortar muita coisa...

TR – Não e pesquisadores que o senhor lembre do IQA, o senhor tem alguma recordação de algum colega seu?

PB - Justamente, têm do que eu vou depois lhe dizer o porque do Antenor Machado, o Addor, que foi o primeiro a sintetizar o hexaclorociclohexano, inseticida BHC, aqui...

TR - O senhor conheceu o professor Walter Mors?

PB - Muito meu amigo! Ele é muito ele é meu amigo desde lá, justamente, começamos a trabalhar juntos, o Walter Mors lá comigo. O Walter Mors, justamente, começou nas pesquisas justamente de, de produtos naturais, que ele, que ele é o líder até hoje, não é? Ele foi diretor não sei quantas vezes do NPPN [Núcleo de Pesquisa em Produtos Naturais], não é isso mesmo, e atualmente ele está aposentado, mas continua trabalhando como eu, compreende, tem uma série de atividades e tudo para não insanizar, compreende. Grande sujeito! Grande sujeito mesmo. Eu encontrei muito com ele em Simpósios, Seminários e tudo, e de vez em quando bato papo com ele por telefone e tudo, compreende, grande amigo meu, o Walter Mors, era daquela equipe, uma equipe muito boa aquela lá, muito boa mesmo. Mas então, são pessoas assim que eu conheci daquela época, compreende, tinha assim como eu digo, tinha pessoal de apoio também muito bom lá, um tal de Haroldo, ele era formidável, na biblioteca. A gente chegava e dizia “Haroldo, eu queria um livro assim”, ele pá, ia buscar o livro. Não, ele não era... não tinha nível superior, ele não tinha nível superior, mas dava, ele conhecia todos os livros da biblioteca... tínhamos uma ótima biblioteca, o Instituto de Química tinha uma biblioteca maravilhosa, que depois transferiram pra...

TR - Para a Barra, não é?

PB - Pra a porcaria de Brasília (risos).

TR - Pedra de... Pedra de... Não, primeiro foi para Brasília.

PB - Brasília, antes tinha ido para Brasília. Então, ficou sem livros aí, mandou para Brasília, aquela biblioteca que é uma maravilha, maravilha de biblioteca. Quando iam formar outra e o pessoal não precisa de livros, pô, mas compara uma, uma cidade de um milhão de habitantes com uma cidade de mais de 10 milhões de habitantes, pôxa! Um absurdo a gente transferir uma biblioteca, façam outra lá, pôxa! De qualquer forma, ele conhecia todos os livros. Então a gente chegava... as revistas, chegavam “olha, chegou a tal, o número tal e tal da revista assim, assim, e tal e coisa...” um cara formidável, esses tais de apoio, compreende, esse pessoal de apoio que sem eles você não faz nada! Compreende? Lá tinha um guarda lá, o Jaredo, ele tinha um jeito de aplicar o DDT que era uma beleza, compreende, como ele fazia a aplicação do DDT(porque nós tínhamos problemas, eu tive muitos problemas sobre isso também, porque nós desenvolvemos lá uma fórmula de DDT que economizava muito solvente, e substituía o DDT em solução de querosene, que era muito caro, mas tínhamos que testar essa, compreende, e certa ocasião um guarda foi aplicar esse DDT lá numa casa lá na Bahia... geralmente, já o pessoal não gosta muito quando o guarda vem aplicar o DDT nas casas porque acha que mancha, e tal e coisa, e pode manchar os móveis e tal e coisa. Então, a turma já recebe com o pé atrás o guarda que vem dedetizar a casa. Então, ele tem que ser muito habilidoso pra... basta dizer que, na época da guerra, nós tínhamos que ter um intérprete, naquelas cidades lá em Santa Catarina porque o sujeito não falava uma palavra em português, só falava alemão, compreende? Então, para entrar na casa o guarda

levava um intérprete, que pedia em alemão licença para o guarda entrar e dedetizar a casa. De qualquer forma, era o Jaredo, compreende, e ele tinha muita habilidade, e certa ocasião nós tivemos uma, um problema na Bahia, porque o sujeito tinha uma casa... eles gostavam, às vezes, de ter casa assim pintadas com cores muito berrantes, então o sujeito tinha uma varanda enorme pintada de verde garrafa, compreende, e esse guarda foi aplicar o DDT lá, e não sei porque cargas d'água, deram a ele um bico de aplicação agrícola. O bico dava para aplicar pra, pra os mosquitos transmissores de malária e tudo, e é um bico que faz uma aspersão em leque, perfeita assim. Então, o guarda sabendo aplica, como esse Jaredo sabia aplicar, não mancha a parede mesmo, porque ele vai fazendo aquilo assim, vai que é uma beleza. O bico para agricultura, ele dá uma, uma coisa redonda assim, uma, um anel redondo, compreende, mas também deve ter sua, sua aplicação na... nas plantas, compreende? O fato é que o guarda foi aplicar lá na varanda verde lá do cara essa, esse DDT com esse bico agrícola, fez a varanda do homem toda de rodela, compreende, brancas, o homem quase matou o guarda (risos), uma loucura. E eu tinha que viajar, às vezes... por exemplo, esse emulsificante que nós fazíamos deu problema lá no médio São Francisco, porque a água lá é salobra. Então o emulsificante que nós estávamos usando não era bom, então eu fui lá pra resolver esse problema e fui de avião até Petrolina, tem um campo muito bom, Petrolina... Petrolina é ali no interior de Pernambuco, fui a Petrolina e lá eu tomei um avião da “malária”. A “malária” tinha uma dúzia de aviões, tudo pequenininho, compreende, com seus pilotos e tudo. Então, eu fui com esse piloto e saímos de Petrolina e subimos o Rio São Francisco até uma localidade chamada Remanso, que hoje não existe mais, porque foi coberto por aquela barragem de Sobradinho. Descemos lá em Remanso, eu fiquei lá para examinar o problema, e ele foi mais adiante para distribuir o inseticida, o avião também fazia distribuição do inseticida, um avião pequenininho, mais ou menos, um monomotor. Ele disse, “olha, na volta eu passo aqui às 4 horas para te pegar, porque Petrolina não tem iluminação de noite, o campo está sem iluminação, temos que descer lá antes de escurecer, 4 horas eu passo aqui para lhe pegar”. Diga-se de passagem, o campo ali, era o cerrado que eles marcavam assim o chão, porque era tudo igual, compreende, não tinha, não era um campo, uma pista feita, não, era o próprio chão que já era batido, seco, compreende, e eles marcavam, e ali era a pista. Então, o aviãozinho descia ali. Aí, umas 4 horas, eu tou lá esperando ele, e nada de aparecer. 4, 4 e meia, $\frac{1}{4}$ pras 5 às cinco horas ele aparece, desce, me faz sinal do avião assim, para eu ir correndo e tal e coisa, eu fui correndo, entrei no avião, era um Bonanzinho, pequenininho, era ele, eu ao lado dele assim, ele disse “não, eu me atrasei por isso, e tal e coisa, e tal e coisa... e vamos embora, e tal e coisa”. Aí eu disse “e aí... não, nós vamos chegar a tempo lá e tal e coisa”. Aí, nós estamos voando, estamos voando, aí eu vejo uma cidadezinha lá longe, aparecendo umas pequenas, primeiras luzes assim, eu disse “aquilo já é Petrolina, né?” Ele disse “não, aquilo é Sobradinho”. Eu disse “mas como? você não disse que nós...” “não, é que nós estamos com o vento contra”. Eu disse “bonito, mais essa aí”. E eu nervoso, e tal e coisa, eu comecei a olhar aqueles relógios todos ali na minha frente, ali, não é? Era ele, o piloto, e eu estava no lugar do co-piloto, e aí eu olhei, e aí tinha o conta-giros. O conta-giros é o que conta as rotações do motor, e o conta-giros tem um ponteiro assim, que vai aumentando conforme a rotação, e tem uma área verde, tem uma faixa verde, e depois, no final, tem uma faixazinha vermelha e o ponteiro estava na faixa vermelha, compreende? Eu disse “fulano, olha aqui, o conta-giros aí, tá no vermelho aí” Ele disse: “ah, não liga para isso não, isso é bobagem dos americanos, isso” (risos). Eu sei que, pra resumir a história, pra não dizer mais, nós descemos em Petrolina, tudo escuro, só com os faróis do avião, que era um monomotor, que é proibido voar de noite, um monomotor, tinha só um motor. Descemos, aí o sargento da aeronáutica disse para ele “olha...”, nem me lembro o nome do piloto, “olha fulano, eu vou te dar a tua entrada amanhã de manhã, viu porque já passa da hora de tu descer”. Eu sei que é o susto que a gente passa, compreende... eu tenho um colega meu que foi também, fazer uma expedição lá... ele foi meu chefe muito tempo, doutor Modesto de Souza, e eles se perderam lá no Piauí, se perderam lá no Piauí, e tá acabando a gasolina e

tudo, e então ele disse “olha doutor, o senhor se segura, nós vamos descer ali na frente daquela igreja ali”, e tinha uma pracinha na frente da igreja, ele chegou, desceu, e fez um cavalo de pau, que a cauda do avião bateu na escadaria da igreja. Não, tem coisas assim, eu tenho que te contar, mas isso tudo passa, faz parte da vida da gente, se não a gente não tinha nada para contar. Mas então, aí então foi... voltando, então, à criação do Endemias Rurais, foi criado o Departamento Nacional de Endemias Rurais, consistindo do Setor de Produtos Profiláticos, que absorveu, absorveu a parte de fabricação do, do Instituto de Malariologia. Continuamos lá. Olha que nós tínhamos feito um acordo com o Levi de ficar só 5 anos.

TR - O DNERu funcionava aqui no Rio?

PB - Aqui no Rio, aqui no Rio, aqui no Rio. Isso tudo só começou a mudar pra, pra Brasília em 60, que foi quando foi criada... não, e a idéia do Juscelino Kubitschek era só mudar a cúpula, no fim mudou tudo, compreende, mas a idéia de Brasília era mudar a cúpula. O fato é que Endemias Rurais funcionava aqui na, na Rio Branco, compreende? Então, continuamos lá na Cidade das Meninas, dos Meninos

TR - A Cidade das Meninas funcionou mesmo? De fato?

PB - Nunca funcionou. Nunca, porque eu estou dizendo, quando a Darci Vargas desistiu, quando o Getúlio foi, foi destituído, em 45, os pavilhões ainda não tinham sido terminados, nós é que terminamos os pavilhões.

TR - Não, eu não sabia se depois tinha sido retomado

PB - Não, não. O, o abrigo concluiu, mas pra meninos. Então, continuamos lá, e aí já era Serviço de Produtos Profiláticos. Foi quando se verificou que havia um plano, esses planos de ajuda, como hoje em dia tem FINEP [Financiadora de Estudos e Projetos], tem BNDES [Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social], era o Plano SALTE, e tinha uma verba do Plano SALTE que ia ser recolhida, então nós pegamos essa verba, e pegamos um daqueles pavilhões, que estava meio, meio abandonado, e transformamos ele em laboratório de produtos farmacêuticos, de fazer, fazer comprimidos, drágeas, xarope. E foi quando nós começamos a fabricação de medicamentos em 57.

TR - Eram medicamentos direcionados a doenças

PB - Endemias Rurais. Fazíamos muito sulfato ferroso, sulfas, penicilina pra, pra coma, pomada, pomada oftálmica, eram tudo tinha uma lista muito grande de coisas, e justo naquela época que nós montamos o nosso laboratório farmacêutico, houve a falência do laboratório Raul Leite. Então, nós pegamos o pessoal técnico do Raul Leite, os farmacêuticos, os nossos farmacêuticos certos eram o doutor

TR - O Raul Leite, o que era? O Raul Leite era ligado a quê?

PB - Era um laboratório privado, daqueles... como era o nome dele, esqueci agora o nome do dono, mas o fato que era um, era um laboratório privado nacional, não era multi não, era nacional.

TR - Já estávamos em cinquenta e...

PB - 56, 56. Então, fechou o Raul Leite, então nós pegamos o pessoal técnico do Raul Leite, com o dinheiro do Plano SALTE montamos o laboratório, compramos equipamentos e começamos a fabricar comprimidos, drágeas, para endemias rurais.

TR - Vocês tinham lá que tipos de profissionais? Eram químicos

PB - E farmacêuticos, e médicos.

TR - Agrônomos

PB - Também(agrônomos não, agrônomos não, tinham não(eu não me lembro, talvez tivesse um ou dois, tínhamos sim, o Mário, o Mário(veio para Manguinhos depois, o Mário, ele era engenheiro agrônomo(Ah meu Deus, o filho daquele grande cientista de Manguinhos(não dá pra, daqui há pouco eu lhe digo, me dá a coisa(daqui a pouco me lembro, o nome dele(tem, tem sim, tinham sim... bom, de qualquer forma era, realmente, uma equipe bastante diversificada, o que é bom, porque um, um ensina ao outro, compreende, nós tínhamos, nós tínhamos nossas reuniões, nós tínhamos uma vez por mês uma reunião técnica, e então a gente trocava idéias e tudo, compreende? O fato é que começamos a produzir então para endemias rurais. Acontece que o Levi Miranda, o provedor do abrigo tava farto de nós lá em cima, compreende? Era, era problemas de cheiro de inseticida, de, de tudo, compreende, eles achavam que nós atrapalhávamos os garotos lá, por causa de transporte, barulho sei lá o que, o fato é que(ele queria(depois, depois ele disse “pô, mas vocês fizeram contrato conosco de 5 anos, em 48, 49, e nós estamos já em 56, pôxa!”, compreende, e cada novo Ministro da Saúde que subia, ele fazia um ofício para o ministro, pedindo a nossa saída de lá. Fazia mesmo, fazia mesmo. Afinal, em 62, o ministro, que aí então, na época, eu não me lembro mais quem era, mas, disse “não, procura um lugar para sair de lá, eu não agüento com mais carta aí do provedor”. E a bomba estourou na minha mão, e eu saí então a procura de um lugar pra mudar, mudar o serviço. E eu fui a Manguinhos.

TR - O senhor lá era o que? Era o chefe

PB - Chefe da Seção Industrial. Aí eu fui mintó, eu já era diretor em exercício, porque o Modesto, que era o diretor, Carlos Modesto de Souza, foi ser chefe de gabinete do ministro, então eu passei a, eu assumi a

TR - O ministro dessa época era o Pinotti? Não.

PB - Não, não, não.

TR - 57 que o senhor falou

PB - Não me lembro, eu tenho que ver depois. De qualquer forma aí, eu fui a Manguinhos. O diretor de Manguinhos, eu me dava bem com ele, era o Travassos, e falei com ele “olha, eu estou precisando sair lá de cima, você não tem um lugar aí pra, pra eu me instalar, aqui em Manguinhos?”

TR - Eram quantos, vocês lá? Eram quantos profissionais? Muitos? Uma idéia.

PB - Sei lá, uns 100 talvez, uns 100 funcionário. Estou dando um número muito redondo. Aí o

Travassos me disse: “olha Barragat, eu estou com todos os pavilhões ocupados aí, tudo ocupado, mas lá nos fundos tem um esqueleto, que foi o Marechal Mendes de Moraes, quando era prefeito do Distrito Federal invadiu o meu terreno lá e montou aquele prédio lá que ia ser um hospital de doenças”.

TR - Torres Homem. É o Torres Homem?

PB - É o, a ENSP [Escola Nacional de Saúde Pública]

TR - Ah, tá

PB - (que fez aquele esqueleto lá, que ia ser um hospital para doenças transmissíveis ou infecciosas, uma coisa assim, e abandonou aquilo, foi ser, foi ser porque ele fez duas coisas, fez aquele prédio lá, e fez o Maracanã, não é isso mesmo, e aí ele deixou de ser prefeito, e aquilo, aquele prédio ficou abandonado, no esqueleto, e então o Travassos disse: “você querendo, você ocupa aquele esqueleto lá”. Aí eu pedi, eu fui ver. Fui ver, passei por lá, e vi que o esqueleto tinha 10 ou 12 andares, alto pra burro, além do mais, não dá pra vocês observarem agora, mas ele tem entre cada andar um espaço enorme, que é para ser piso-acústico, porque ali ia ser um hospital. Então, o teto do de baixo não é o chão do de cima, tem um vão muito grande. Então era um colosso, aquele, aquele, aquele esqueleto preto, compreende? Eu disse “Meu Deus, aqui como está!” Aí, eu fiz a volta no esqueleto, na entrada, hoje é onde tem o busto ali do Bross, tinha um vigia ali, tinha até criação de porcos, ali tudo, era uma coisa, era um pardieiro, compreende, ali embaixo, mas tinha um vigia, só ele morava ali, o vigia. Então eu fiz a volta do esqueleto, e do lado esquerdo, onde hoje é o Ambulatório Germano Sinval Faria, eu vi que era uma parte do prédio que saía do prédio, baixa, baixa, mas com um com um andar de pé direito industrial, porque tinha não sei quantos metros, 6 ou 7 metros, um bom pé direito, e que eu podia isolar do esqueleto. Então, eu vi o pessoal de obras, fechamos a parte lá do esqueleto, e resolvemos ali adaptar para o laboratório farmacêutico e, pronto aquilo, começamos a mudar. Trouxemos o laboratório para cá, e trouxemos a parte de inseticidas que não a fábrica de BHC, mas a parte de fazer de iscas, misturar a pasta de DDT, essas coisas nós trouxemos para cá, compreende? E então, começamos a trabalhar ali em 62. Ah, sim, eu tive que pedir autorização à Secretaria de Saúde aí do Estado, porque tinha sido, tinha sido o Estado que tinha invadido aquilo, aquele prédio era da Secretaria de Saúde do Estado

TR - Do Estado, não era prefeitura, era do Estado?

PB - Era do Estado, é. Quem era o secretário de Saúde era o Raimundo de Brito, porque era o governo [Carlos] Lacerda, e o auxiliar dele era o Maneco, o Manoel Ferreira, que era muito meu amigo, meu conterrâneo de Petrópolis. E Aí então ele disse “não, pode ocupar sim, me dá uma autoriza pode ocupar”(e então eu ocupei aquilo, transformei aquilo num laboratório, aquele pedaço onde hoje é o ambulatório. Veio a Revolução [de 1964], e o Raimundo de Brito vai a ministro. Indo a ministro, a grande ação do Raimundo de Brito foi acabar tudo que tava inacabado. Ele acabou a(ele completou aí a, essa escola de enfermeiras aí(

TR - Ana Néri

PB - Pinto(não sei como é, não sei(uma aí na, aí na Praia Vermelha(Ramos Pinto, não sei, tem um nome(De qualquer forma, enfim, e resolveu então, a pedido, é lógico de auxiliares, mudar a ENSP daí, da, da(do Fernandes Figueira(aquele prédio da frente era a ENSP, no Fernandes Figueira, aquele

prediozinho ali, de 6 andares, era a ENSP, funcionava ali, eu dei aula ali, eu dava aula de inseticidas ali, no tempo em que o diretor era o Escorseli. Então, resolveu mudar a ENSP dali para aquele esqueleto, e deu ordem, fizeram a planta e tudo, aí os engenheiros chegaram para ele e disseram “ué, mas tem um intruso lá no andar térreo”, ele disse “quem? Manda buscar”. Eu cheguei lá e ele disse: “Mas Barragat, mas você?”, ele me conhecia muito porque a esposa dele tinha sido colega da minha irmã no Sion, elas se formaram juntas, eram muito amigas, ele disse “Mas Barragat, você está me atrapalhando lá, sai já de lá”. Eu disse “não posso, eu estou fazendo medicamentos para endemias rurais, se eu sair eu paro”. Ele disse “dá um jeito, mas eu quero que você saia de lá em 30 dias, eu te dou dinheiro, eu te falo, não é questão de verba mas sai de lá em 30 dias”. Ele era muito violento, o Raimundo de Brito. Aí, eu nervoso, eu saí dali, e comecei a andar ali por perto, à procura de um lugar, pra mudar, porque eu disse “não, eu tenho que mudar pra um lugar perto, pra mudar sem grande atrapalhada, sem grandes problemas, não é? E fui caminhando por ali e cheguei a uma área, onde... tinha, já tinha aquela favela ali, aquela favela perto da FAR-Manguinhos, tinha um campo de futebol imenso, bem compactado, uma beleza de campo de futebol. Eu disse, “pôxa, mas que lugar ideal para botar um prédio aqui, digamos, num campo de futebol desse, já estava com plano já pronto!”, compreende? Eu aí falei com ele “olha ministro, tem um lugar lá, mas eu preciso agora”, “não, vá ver o pessoal da divisão de obra do ministério”, que foi uma beleza, como eles me ajudaram. Eles encomendaram na Manesmann estruturas prontas, de aço, ela faz isso, ela sai de lá, ela monta a estrutura onde a gente quiser, no tempo que quiser. “Não, em 30 dias temos uma estrutura de aço aqui”. Enquanto a Manesmann fazia a estrutura, o pessoal da divisão de obras do ministério fez o layout com os nossos farmacêuticos, e realmente em um mês estava montando a primeira estrutura, que é o atual pavilhão onde está a Eloan(

TR - Eloan, do lado direito.

PB - Do lado, do lado direito de quem olha de frente, veja bem (E já fazendo o segundo. Então eu disse “olha, vamos começar a mudar então para esse primeiro aqui”. Puxamos telefone, luz, tudo, compreende, e começamos a mudar. Então, parávamos comprimidos, mudávamos para lá, e continuamos drágeas, aí começava comprimidos lá, parava drágeas aqui e mudava para lá. E o pessoal trabalhou tão bem que foi o ano que eu produzi mais naquela época foi esse ano da mudança, compreende? Mas foi uma loucura, foi uma loucura mesmo, compreende? E o fato é que em 66, o então presidente, o aquele que morreu depois lá no Norte, aquele Marechal...
TR - Castelo Branco.

PB - Castelo Branco, inaugurou o SPP Serviço de Produtos Profiláticos novo, que veio a ser FAR-Manguinhos. Então, essa é que é a história da FAR-Manguinhos, compreende? E o pessoal do Raul Leite continuou conosco e tudo, e fomos ampliando, ampliando, e aí entramos na parte(olha, em 60, em 70, 71., passamos a fazer parte dos laboratórios oficiais da CEME [Central de Medicamentos], citados no decreto de criação da CEME, aparece lá laboratório do Ministério da Saúde, que era o nosso, compreende? Marinha, Exército, Aeronáutica, e então

TR - Tinha que nome já? Nessas alturas ele foi denominado como? Qual era o nome dele?

PB - Veja bem. Nós távamos lá, nós continuávamos como intrusos em Manguinhos, porque, mesmo nesses novos pavilhões, continuava Serviço de Produtos Profiláticos e Departamento de Endemias Rurais, e obedecia lá ao, à Avenida Rio Branco lá, onde ficava as endemias rurais, aquele edifício Monteiro Aranha, não é isso mesmo? Eu à noite eu até ia lá conversar com o Élbio, o Élbio era o

secretário lá do diretor, lá, o pau pra toda obra, o Élbio, muito... depois ele foi para Brasília, eu gostava muito dele. Então, eu no fim da tarde, eu ia para lá, a gente ficava conversando até tarde, e tudo, e o edifício ficava vazio, nós ficávamos lá em cima no 18º andar, conversando de problemas e tudo. Um dia eu estava lá com ele e eu comecei sentir cheiro de queimado, compreende, eu senti e tudo, quando eu saí do gabinete dele e abri a porta, o corredor, era 18º andar, de um edifício isolado, era só fumaça o corredor, eu disse “meu Deus! Eu vou morrer estorricado aqui em cima, e ninguém vai saber” (risos). Mas me deu uma paúra, compreende, eu fui até, não consegui chegar perto dos elevadores, compreende, felizmente era a lixeira que tinha pegado fogo, os bombeiros já tavam apagando tudo e nós saímos. Foi um susto que nós tomamos (risos). De qualquer forma eu obedecia a lei de endemias rurais. Aí em 70 o INERu [Instituto de Endemias Rurais]

TR - Como é que era a relação do

PB - Não, não, tudo isso só transferiu de fato, juridicamente para Manguinhos, em 70, quando transformaram a escola em Fundação Oswaldo Cruz. Tem mais essa história que tem que ser contada, que isso é engraçado, tá sendo coisa, mas é o seguinte era nessa época, em que cria, em que foi feita a Fundação Instituto Oswaldo Cruz era proibido fazer novas fundações. Porque tudo se transformava em fundação, para poder fugir, e ter verba própria, tudo mundo transformava as suas repartições em fundações. Então o governo botou uma pedra em cima e disse “não, não vamos transformar mais nada em fundação”. Nessas alturas, a escola já tinha se transformado em Fundação, Fundação ENSP, lembra? Fundação

TR - Sei.

PB - Então eles deram um golpe eles fabricaram carro com a roda que tinha, compreende, ou seja, transformaram a fundaçãozinha da escola, anexando todo o mais, compreende? Então, a Fundação Instituto Oswaldo Cruz foi uma modificação da Fundação da ENSP, foi um golpe que(nesse decreto então, apareceu a absorção do Serviço de Produtos Profiláticos e do INERu. Bom, acontece que

TR - Aí o DNERu, nessas alturas, virou o que? Ficou sendo normativo?

PB - Não, era, era(foi, foi ah, foi(ai meu Deus, não(foi(não, não desculpe, não, aí ainda continua o DNERu, mas sem o Serviço de Produtos Profiláticos e sem o INERu, continuou o DNERu. Bom(aí então, quando nós fomos, digamos, juridicamente absorvidos por Manguinhos, o então primeiro presidente da Fundação, que foi o filho do Oswaldo Cruz, o Oswaldo Cruz Filho, disse “não, vamos...” naturalmente orientado pelos técnicos lá, “(disse vamos juntar os Serviço de Produtos Profiláticos com o Departamento de Soros e Vacinas da Fundação, do Instituto”. Então, juntaram os dois e chamaram os dois INPROMED [Instituto de Produção de Medicamentos], Instituto de Produção de Medicamentos, INPROMED e nomearam, me parece, o doutor Pena, que era muito meu amigo, nomearam o doutor Pena diretor do INPROMED, e eu fiquei como chefe da parte farmacêutica, porque eu era, eu era diretor.

Fita 2 – Lado B

PB - Repetindo então, juntou o Serviço de Produtos Profiláticos, fundiu com o Departamento de

Vacinas e Soros de Manguinhos, formando o INPROMED, Instituto de Produção de Medicamentos. Mas... e assumindo o Pena, e eu ficando como chefe da parte farmacêutica. Mas com o tempo eles verificaram que... ah não, aí o Pena se afastou, não sei porque o Pena se afastou, e o ministro me indicou para ser diretor do INPROMED, e aí o então(ah sim, aí o Oswaldo Cruz já havia saído de presidente da Fundação, e assumiu o substituto dele, que era o Oswaldo Costa, que tinha sido diretor da Escola, Oswaldo Costa. Bom, e aí o Oswaldo Costa foi para diretor, e o ministro me indicou para ser diretor do INPROMED, e o Oswaldo Costa me chamou, disse “Olha, Barragat, você vai ser o diretor do Instituto de Produção de Medicamentos, do INPROMED”. Eu disse “olha, Oswaldo Costa, muito obrigado mesmo, viu?”. Coitado, o Oswaldo Costa, tinha problemas de saúde, e problemas também financeiros, e lá e tudo(naquela época achavam que Manguinhos era um restaurante falido, porque eles gastavam uma coisa incrível com as refeições hoje (risos), era um restaurante falido. Então, coitado, ele vivia com a máquina de calcular na frente, o Oswaldo Costa, a fazer cálculos para ver se dava, a verba, se a verba dava. Então ele me recebeu, coitado, aquele dia ele estava de mau humor e quando eu disse “muito obrigado, Oswaldo [Costa], pela indicação(” Ele disse “não, não agradeça a mim, agradeça ao ministro, foi o ministro que te indicou(”, (risos)(coitado, ele estava de mau humor naquele dia. De qualquer forma, são pequenas coisas que a gente conta assim, e coisa e tal, que acontecem na vida da gente. Aí, eu fui ser diretor então do INPROMED. Mas o casamento de farmacêutico com vacina não dava certo. Não dava certo, assumiu a presidência o primeiro, o primeiro não-médico que foi presidente da fundação, aquele(ele era economista, não é, o que veio do IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística], como era o nome dele

TR - Vinícius da Fonseca.

PB - Hã? Vinícius, Vinícius, Vinícius, isso mesmo. A mim me dá bloqueio, uma coisa incrível. Bom, de qualquer forma o Vinícius, e o Vinícius disse “não, não está dando certo esse casamento, vamos separar”. E separou de novo vacinas e farmacêutica, foi quando realmente surgiu o Instituto(até era Instituto de Quimioterápicos e Fármacos - FAR-Manguinhos, Instituto de Quimioterápicos. Depois é que trocaram o nome para Instituto de Tecnologia em Fármacos. Mas a abreviação continuou FAR-Manguinhos, como do lado de lá continuou Bio-Manguinhos [Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos]. Então, essa é que é a história de FAR-Manguinhos. Aí depois foi ampliando.

TR - Ele passou de ele passou de não, não

PB - Primeiro de Serviço de Produtos Profiláticos para INPROMED, depois de INPROMED para Instituto de Tecnologia (Instituto de Quimioterápicos... Instituto

TR - Ele passou para tecnológicos, certo?

PB - E finalmente então

TR - Qual era o interesse substancial nessa.

PB - Não, apenas questão burocrática, não, isso não. O fato é que terminou Instituto de Tecnologia em Far...

TR - A introdução da palavra tecnologia, ela introduz também alguma nova noção?

PB - Não, era Instituto de Produção de Quimioterápicos, porque o outro era Instituto de Produção de Biológicos. Então, Instituto de Produção de Produtos Biológicos, Instituto de Produção de Quimioterápicos, produtos quimioterápicos, produtos químicos de saúde, não é? Depois então que veio o nome melhor mesmo, realmente, que é o atual, de Instituto de Tecnologia de Fármacos, que é FAR-Manguinhos e começamos a produzir muito mais, como eu lhe disse, entramos pra CEME, pra rede CEME, passamos a produzir muito mesmo, e(mas aí começamos a desenvolver uma coisa que tinha ficado esquecida na Cidade das Meninas, a parte de pesquisa. Mas aí já, olhando para medicamentos. Então nós pensamos, vamos entrar na parte de síntese de fármacos, porque, o que é o fármaco? O fármaco é a matéria-prima do medicamento, a fabricação de medicamento é fazer a(é a indústria de ponta, é a indústria farmacêutica propriamente dita, a fabricação de comprimidos, da drágea, são operações físicas, do xarope, mas a substância ativa que entra ali, a penicilina, a sulfa, e tudo são fármacos, é o que vai agir, e o Brasil era, e é, adiantadíssimo na indústria de ponta de indústria farmacêutica, nós não devemos nada a indústria estrangeira na produção de comprimidos, isso tudo, mas nós somos fraquíssimos na produção da matéria-prima, que importamos às vezes, às vezes a preços, a preços(bom

TR - E como ficava, professor, a questão dos produtos naturais, da produção de um conhecimento dos produtos naturais, não é? O senhor já está me colocando, que tem uma distância aí no meio interno, que é exatamente na matéria-prima. Mas vocês tinham antes, tanto no IQA quanto lá na Malária, um grupo de pesquisa dedicado a pesquisar pesquisa básica, digamos assim, não era uma pesquisa aplicada à produção de medicamentos?

PB - Não, não, os medicamentos mesmo só começaram em, como eu disse, em 57.

TR - A pesquisa então, lá na malária, ela não tinha o

PB - Era voltada ou para inseticidas ou para entomologia, comportamento dos insetos, compreende? É

TR - Mas então era uma pesquisa em função de alguma substância que já existia, que vocês iam pesquisar como ela funcionava

PB - Isso mesmo, exato, exato.

TR - (contra algum inseto. Não existia uma pesquisa de produção de substância?

PB - Não, não.

TR - Não existia antes?

PB - Existia só.

TR - Na malária?

PB - Ah não, no serviço de malária não existia nada, nada. Existia, quando muito, formulações, eles pegavam, compravam o DDT e dissolviam em querosene, só isso, uma coisa muito simples.

TR - Era uma experiência mais dessa, dessa.

PB - Era coisa de fundo de quintal, sem realmente de qualquer forma, nós então quisemos ir para pesquisa mesmo, porque, justamente o Brasil era, e continua pobre, na produção de fármacos, na substância ativa do medicamento. Então, começamos a estudar alguns medicamentos que nós achamos que podiam ser sintetizados no Brasil. Por que é que nós víamos assim? Em primeiro lugar, já existia, já existia a CEME, e já existia a RENAME, o memento da CEME, que indica ali quais os medicamentos essenciais para as doenças que o Ministério da Saúde está encarregado de combater. Então, fomos ver ali quais os medicamentos que eles usavam, quais as suas substâncias ativas, e dessas substâncias, ativas quais aquelas que seria viável nós sintetizarmos aqui com a prata da casa. Então, selecionamos três(Ah sim, e a RENAME, a Relação de Medicamentos Essenciais da CEME, ela distribuía os medicamentos de cada endemia, de cada doença e tudo. Então, nós corremos à RENAME e a RENAME tinha três qualificações: Grupo um, aquele medicamento essencial mesmo, digamos, aspirina, medicamento para malária, essencial; número dois, aquele medicamento para ser(ah sim, o número um, para ser dado em ambulatório, qualquer um, inclusive nossos médicos de pés descalços, que eram os guardas de malária, podiam, podiam distribuir. Número dois, que eram distribuídos nos hospitais por médicos, então já eram medicamentos de menor quantidade e maior responsabilidade de distribuição. E finalmente, grupo três que era aqueles pra distribuir em hospitais para determinados estudos(estudo de hanseníase, e assim, compreende? Então, nós fomos ver no grupo um, que era o mais geral o que, que a gente podia sintetizar aqui, e selecionamos três. A lidocaína, que é esse que nós compramos na farmácia chamado xilocaína. Para uma dor de dente põe, um machucado põe tudo, o Gelol tem xilocaína, que o nome genérico é lidocaína. Selecionamos a lidocaína, que era fácil fabricar aqui, sintetizar, são sínteses. Selecionamos a fenitoína, que é o medicamento de escolha para a epilepsia, em que a pessoa toma e não tem os ataques, ou seja, em que um epilético pode trabalhar à vontade sem ter o problema de ter um ataque epilético, porque de manhã ele tomou o seu comprimidinho de fenitoína. Selecionamos a fenitoína. E fenito(tudo grupo um da RENAME, e selecionamos a Dapsona, que é o elemento de escolha, o produto de escolha para hanseníase, para lepra, a Dapsona, que é o primeiro tratamento que se dá quando a pessoa apareceu com a doença, começa logo o tratamento com a Dapsona, depois, com os problemas todos de rejeição e tudo, e tudo, aí vem os outros mais complicados, mas começa com a Dapsona. Então resolvemos sintetizar a Dapsona. A chefe do meu, do meu laboratório de pesquisa era a dra. Hilda, aquela que veio comigo do Ministério da Agricultura, com uma equipe muito boa, que ainda tem alguns lá. Então, conseguiram essa síntese muito bem no laboratório, primeiro laboratório, foi uma coisa. Aí eu precisava de um laboratório maior, um bom laboratório de pesquisa, e apresentamos um projeto à FINEP, para termos um laboratório de pesquisa em condições. A FINEP aprovou o nosso laboratório. Montamos o nosso laboratório, com o dinheiro da FINEP e(eu tinha, eu tinha(durante 25 anos eu fui representante do Ministério da Saúde no Conselho de Desenvolvimento Industrial, no grupo da Indústria Química e Farmacêutica, do Conselho de Desenvolvimento Industrial do Ministério de Indústria e Comércio. Foi um conselho que funcionou de 65 a 90, quando o Collor [Fernando Collor de Melo] fez o favor de acabar com ele, como acabou com tudo, acabou com o Ministério da Indústria e Comércio(Bom, esse, esse Conselho de Desenvolvimento Industrial, eu trabalhava no grupo químico, no grupo de Química e Farmacêutica, ele dava incentivo às indústrias que quisessem se instalar aqui, indústrias químicas e farmacêuticas, ou se ampliar. Aprovamos lá o(lá o que fabrica a penicilina, é, a(a Cibram [Companhia Brasileira de Antibióticos], aí no Estado do Rio, aprovamos a... enfim, microbiológica... então, eu lá no grupo da Indústria Química, eu tinha facilidade de ver esses projetos todos e tudo, e tive, então, contato com o coordenador do grupo, que era o doutor Mansur, e que veio a ser um dos diretores da

Norquisa [Nordeste Química Ltda.], e a Norquisa quis entrar na área de medicamentos. Então eu disse “olha, ô Mansur, estamos sintetizando uns medicamentos lá, você que se interessar por eles?” Aí houve a aproximação das cúpulas, o presidente da Fundação com o presidente, era o Geisel [Ernesto Geisel], tem isso(o Geisel, houve uma solenidade lá em Manguinhos, e foi feito um convênio para nós desenvolvermos fármacos e passarmos para Norquisa. Sugestão nossa, com muito orgulho, sugestão nossa, apresentamos os três fármacos, eles aceitaram, montaram a planta piloto, que nós só desenvolvíamos até a etapa de bancada, etapa de bancada é 100 gramas, coisa assim, eles montaram a planta-piloto.

TR - De produção.

PB - É, nessa época eles entraram com o projeto no CDI [Conselho de Desenvolvimento Industrial], onde eu representava o Ministério da Saúde. Entraram no CDI com dois projetos. Um aqui para Xerém, pra fazer, começar pelos nossos produtos, e um projeto enorme lá na Bahia, pra fazer 16 fármacos. Pois bem, esse de Xerém foi implantado, foi uma beleza. Compraram o terreno, aí fizemos um segundo convênio com a FINEP, já um convênio tripartite, Fundação Oswaldo Cruz, Norquisa e FINEP, então a FINEP passou a nos emprestar a fundo perdido, passou a emprestar à Norquisa a juros camaradas. A Norquisa fundou uma subsidiária chamada Nortec [Nordeste Química e Desenvolvimento Tecnológico Ltda.], só para fabricar medicamentos, Nortec, comprou o terreno lá em Xerém, naquela área industrial de Xerém, começaram a montar os reatores, e começaram os nossos produtos, em etapa semi-industrial, industrial, passaram a fabricar, depois vieram fabricar outros, hoje em dia estão fabricando de 15 a 20 medicamentos, os nossos, alguns(ah, depois, a Dapsona, depois tivemos problemas com a Dapsona, então ela foi substituída pela, Prilocaina, que é irmã da lidocaína. Tão exportando, tão atendendo ao mercado nacional, tão exportando os produtos nossos, e pagaram royalty à fundação. Eu não sei, eu sou muito novo na fundação eu não me lembro da fundação ter recebido royalties de outros produtos. Então eu acho que nós inauguramos o retorno de desenvolvimento, porque a preocupação(olha, eu vou dizer uma coisa aqui agora que é, é(mas no fim de algum tempo, um segredo de polichinelo a gente já pode ir dizendo, os que falaram já morreram, e já, e tal e coisa(Nós fomos muito criticados quando começamos a fazer síntese de... para começar, fomos criticados quando começamos a fabricar medicamentos, de gente lá de dentro, que, aqueles que querem pesquisa pura, estudar sexo dos anjos, e(compreende? Nós não, nós era tudo para a prática, idéia que nós trouxemos do Instituto de Malariologia, pois a idéia era fazer coisas de uso imediato, e Manguinhos não gostava disso. Eu até pra, pra provocar. Quando a dra. Hilda desenvolveu a lidocaína, eu disse “dra., escreve um trabalho, eu vou mandar pra publicar nas memórias”. Ah, chutaram o trabalho embora, isso é cópia, é cópia. Vai copiar, vai experimentar, copiar para ver, se é fácil copiar porque, a senhora sabe que quando, que isso, realmente, nós copiávamos produtos patenteados, mas a senhora pega uma patente, a patente diz tudo, menos, menos como.

TR - Como fazer.

PB - (como fazer, compreende. Em absoluto a pessoa pegando uma patente, não faz, não faz o produto menos. Então, foi o nosso pessoal, queimando as pestanas, é que conseguiram fazer a síntese igualzinha à síntese sueca, e depois, com muito orgulho, a Norquisa começou a vender para a matriz sueca, o produto (risos).

TR - Mas isso pode? Quer dizer, pode, normalmente essa “cópia”, entre aspas, é permitida?

PB - Não, o Brasil, até esse ano, não, não reconhecia a patente, doutora.

TR - Eu sei disso.

PB - Agora é diferente, porque é preciso lembrar, isso eu continuo com a idéia de cópia, que sai muito mais barata que original, original(veja bem, a Bristol tem, só para estudar medicamentos para câncer, ela tem 100, não é sem não, um, zero, zero, uma centena de pesquisadores para fazer medicamentos só para câncer. Aonde nós podemos nos competir com uma empresa dessas, com a verba de pesquisa que nós temos? Então a gente tem que copiar! Meu Deus, a Inglaterra copiou durante 200 anos, a Inglaterra só foi reconhecer patente depois de 200 anos de ter copiado tudo de todo mundo. O Japão copiou tudo de todo mundo até setenta e poucos, quando reconheceu patente, eles fazem assim, compreende?

TR - E essa legislação.

PB - Ainda tem mais uma senhora pega a relação de medicamentos essenciais da CEME, só menos de 5% daqueles medicamentos já são patenteados, o resto tudo já caiu no domínio público, então não há porque nós não copiarmos. O fato é que eles nos criticavam, nos criticavam porque nós estávamos copiando, e faziam pouco de nós, compreende, pessoal da pesquisa pura de Manguinhos, compreende? Mas, naturalmente, já é falecido e tudo, não, compreende, não vou citar nomes nem nada, então não há necessidade, compreende? E eu fui criticado, em reuniões lá em Manguinhos, eu fui criticado porque eu, porque eu fazia medicamentos, e deve ser deixado para os laboratórios, os laboratórios eram as multinacionais que dominavam, compreende? 80% do faturamento da indústria farmacêutica vai para as multinacionais. Então, nos criticavam nós fabricar medicamentos. Passamos a fazer síntese, nos criticavam porque nós copiávamos as sínteses, e eu tou dizendo, eu fiz esse trabalho, a dra. fez esse trabalho mandou para Memórias, e eles não publicaram, não, não, isso é cópia, não publicaram. Então, compreende, a gente nota, compreende, que, mas nem sei porque que nós chegamos a esse ponto.

TR - Mas a produção, a idéia da pesquisa aplicada, idéia da pesquisa básica.

PB - Ah sim, exato. Então, nós fazemos lá pesquisas como, aliás, Oswaldo Cruz. Oswaldo Cruz, com todas as campanhas que ele fez, de peste, febre amarela e tudo, ele fez a vacina da Mangueira, que era uma vacina que dava, compreende? Então, Oswaldo Cruz tinha um tino muito grande de industrial, de chefe, compreende, de diretor, de industrial, de empresário, compreende, ele tinha idéias boas, Oswaldo Cruz, muito boas, e foi o que justamente veio dar nesse colosso que hoje é Manguinhos.

TR - Esse projeto, afinal, da gestão Collor ter acordado, das patentes, ele andou, andou, andou, agora estava de novo.

PB - Acabou sendo aprovado, mas como está em vigor daqui há um ano, e sem retroatividade, ou seja, aqueles que mesmo estejam hoje desenvolvendo um produto copiado deles, vai ser respeitado.

TR - Passa a vigorar daqui há um ano.

PB - Exato.

TR - Mas para a indústria farmacêutica e alimentar.

PB - Agora eu já não sei dizer, eu suponho que sim.

TR - Professor, o senhor.

INTERRUPÇÃO

PB - Porque a grande preocupação, eu não quero é uma crítica construtiva, eu não sei como é, não sei como é, tem coisas que não se pode modificar(a grande preocupação dos pesquisadores que não visam assim, como nós, assim, uma coisa imediata, é publicar trabalho. Lá, eu não vou citar nomes, várias vezes diziam “não, não, fulano, ele foi promovido porque ele publicou tantos trabalhos, fulano publicou tantos trabalhos”. Então, é a pressa do sujeito fazer um trabalho pra publicar. Depois vinha olhar. Eu, atualmente, eu sou consultor da ABEFINA [Associação Brasileira de Indústria de Química Fina], Associação Brasileira de Indústria de Química Fina, e tamos fazendo um trabalho, terminou agora mas parece que vai continuar, junto com a FINEP, para levar coisas que as universidades produzem, desenvolvem, para as indústrias, uma ponte que sempre se tentou, mas nunca existiu essa ponte. Então, nós verificamos que essas faculdades, essas universidades, elas são muito fechadas, a própria legislação atrapalha, porque, até bem pouco tempo, um professor não podia dar assessoria a uma empresa, era considerado, era malvisto, compreende? Então, tudo que eles desenvolviam, e desenvolvem, faz só para um trabalho publicado, e pronto. Publicam e vai para a prateleira(Eu sei que a própria Fundação Oswaldo Cruz tem outra mentalidade hoje em dia. Eu, nas minhas conversas lá com a Celeste, eu vejo a vontade de que essas pesquisas lá tenham um resultado prático, em todos os pontos eu vejo, aquela lá que eles fazem lá com a INPAL, e assim por diante, então realmente a mentalidade mudou, não resta dúvida, mas a duras penas, porque, existe uma mentalidade dentro da universidade que é fechada, só para orientar o aluno pós-graduado a fazer mestrado e doutorado, grande parte das vezes, ele justo terminou o bacharel, e entra logo no mestrado, então ele não tem experiência nenhuma da vida profissional. Então, ele se deixa orientar pelo professor dele, que certamente vai dar a ele qualquer trabalho que vai ajudar a ele, professor, nas defesas, isso é coisa, compreende? Então, fica uma coisa entrelaçada que nunca sai alguma coisa de útil aí para fora. Então, isso é que a gente tem que(essa mentalidade tem que ser mudada, compreende? E, agora, por exemplo, eu sei que a ELOAN está em acordo com a(continua em acordo com a Norquisa para novos, desenvolvimentos, aliás, não houve praticamente interrupção, fizeram, do meu tempo ainda fizemos, fizemos acordo com a Salgema [Salgema Indústrias Químicas S/A], lá da Bahia, e desenvolvemos produtos para a Salgema, compreende? E(de maneira que, é preciso isso, compreende, pra, pra ter alguma coisa de útil do que nós desenvolvemos em Manguinhos, não é isso mesmo? De maneira que essa é que é, que eu acho que eu podia dizer até agora nessa(

Data: 12/12/1996

Entrevistadores: Tania Fernandes (TF), Lina Rodrigues e Maria Gilda de Oliveira

Fita 3 – Lado A

TF - Entrevista com doutor Paulo Barragat, dia 12 de dezembro de 1996, para o Projeto: “História e Memória das Políticas Científicas em Plantas Medicinais”, Casa de Oswaldo Cruz.

TF - Professor, nós vamos começar hoje a entrevista retomando alguns pontos que a nós ainda ficaram merecendo um tratamento mediante a entrevista passada.

PB - Certo.

TF - Então nós ficamos com algumas dúvidas acerca da “Cidade dos Meninos” ou das Meninas.

PB - Primeiro foi das Meninas e depois passou a ser dos Meninos.

TF - Então, nós ficamos com algumas dúvidas lá sobre o seguinte: quando vocês criaram o Instituto lá, lá era para ser o Instituto de Malariologia...

PB - Exato.

TF - Correto?

PB - Isso, correto.

TF- Então, para trabalhar principalmente com DDT [diclorodifeniltricloroetano] ou com BHC [hexaclorociclohexano]...

PB - Não... uma consequência...mas... era o seguinte, era para resolver problemas imediatos das campanhas. Eles diziam que Manguinhos fazia muitos trabalhos e tudo, mas aquele era um instituto para problemas bem imediatos de campanha, por exemplo, um determinado inseticida não funcionou, ver por que ele não funcionou, compreende? Coisa assim para... Então, justamente o...

TF - E por que se chamava Instituto de Malariologia se ele tinha outras funções relativas a outras campanhas?

PB - Porque, quando ele foi projetado, existiam 3 serviços na época: Serviço Nacional de Malária, Serviço Nacional de Peste e Serviço Nacional de Febre Amarela. Acontece... todos eles subordinados ao então Departamento Nacional de Saúde do Ministério de Educação e Saúde. Bom, acontece que, quando o [Mário] Pinotti projetou esse Instituto de Malariologia, ele era diretor do Serviço Nacional de Malária, então só cuidava de malária, então Malariologia, estudo de malária. Acontece que, quase ao mesmo tempo, ele recebe do governo a incumbência de cuidar também de esquistossomose e Doença de Chagas, aí então já começou a ficar mais amplo. É lógico, futuramente veio Endemias Rurais [DNERu - Departamento Nacional de Endemias Rurais] com treze endemias, mas ali, a primeira

ampliação... porque peste e febre amarela já tinham outros dois serviços, Serviço Nacional de Peste e Serviço Nacional... Então, como surgiram duas campanhas importantes, Chagas [doença de Chagas] e esquistossomose e realmente o serviço de malária era o mais ativo deles, era o mais ativo mesmo - o Pinotti era muito ativo. Então, o governo... a gente sempre entrega aquela pessoa que está dando recado para fazer essas coisas. Então, o governo resolveu entregar essas duas companhias importantes ao Serviço Nacional de Malária. Então, sem mudar o nome do Serviço Nacional de Malária, ele arcou com o combate a Chagas e esquistossomose e então esse instituto - que basicamente ia ser só para estudos de malária, estudos imediatos, DDT - teve que arcar com duas outras endemias, uma delas transmitida por um inseto “barbeiro,” que não tinha... o veneno não tinha qualquer influência sobre ele, onde nós tivemos que sair para outros inseticidas e tudo, compreende? Então o negócio foi se expandindo. Eu não sei se eu respondi bem a sua pergunta.

TF - Respondeu. Aí o seguinte, ele ficou como Instituto de Malariologia?

PB - O nome não modificou, só que ele foi arcando outras endemias.

TF - E depois ele não houve uma mudança...

PB - Só quando houve a criação do Departamento Nacional de Endemias Rurais [DNERu], que arcou então com treze endemias.

TF - Aí o instituto começou a responder então a essas endemias...

PB - Já era o INERu [Instituto Nacional de Endemias Rurais], que foi depois para Belo Horizonte, Instituto Nacional de Endemias Rurais.

TF - E me diga o seguinte... Então isso, para Belo Horizonte foi para o René Rachou, não foi?

PB - Isso mesmo. Lá o René Rachou... o início...

TF - O instituto foi para lá.

PB - Isso mesmo, foi para lá.

TF - E aí então ficou aqui... Como é que ficou essa divisão?

PB - Justamente. Quando houve uma modificação em todo o Ministério, uma modificação muito grande, em que pegaram as endemias todas e reuniram no Departamento Nacional de Endemias Rurais [DNERu], esse departamento foi criado com um serviço chamado Serviço de Produtos Profiláticos [SPP] e com o Instituto, Instituto Nacional de Endemias Rurais [INERu]. Daquele acervo da “Cidade das Meninas”, o quê que coube ao Serviço de Produtos Profiláticos? A parte de fabricação. O quê que coube ao INERu, Instituto Nacional de Endemias Rurais, que foi para Belo Horizonte? A parte de pesquisa. Ainda não tinha medicamentos nessa época, vieram depois os medicamentos.

TF - E aí, como é que faziam os testes? As pesquisas eram feitas lá...

PB - Não, aí é que está. Veja bem, a pesquisa industrial continuou sendo na “Cidade das Meninas”,

não podia deixar de ser, compreende. Para lá foram as pesquisas de ver como é que o mosquito pousa, aqueles “troços todos”, compreende.

TF - Pesquisa (inaudível) entomológica.

PB - Exato, disso, compreende. Mas a parte industrial, a pesquisa industrial continua na “Cidade das Meninas”.

TF - Mas ele foi para lá, para Belo Horizonte, porque Minas Gerais é uma área endêmica ou teve algum movimento político, alguma relação mais específica do René Rachou... como é que foi essa...

PB - Agora é que eu não sei, não sei lhe explicar, não sei lhe explicar porque que a área de pesquisa foi para lá. Não foi toda... não foi toda porque tinha a dra. Lina... Conheceu dra. Lina... Julesqui. A dra. Lina cuidava da parte de pesquisa de barbeiros e ela então... ela se mudou para um (inaudível), um ramo do INERu que ficou em Jacarepaguá. Por que Jacarepaguá? Porque lá tinha uma parte da... a sucursal do Rio de Janeiro... Quando foi criado o Endemias Rurais, em cada Estado haviam circunscrições que cuidavam de malária, que passaram a cuidar de todas as endemias e com postos para combater mosquitos. Então, em Jacarepaguá, havia já um terreno que era do Ministério e que pertencia ao Rio de Janeiro para combate de mosquito e tudo. Como era um terreno um pouquinho grande, a dra. Lina que, não queria ir para Belo Horizonte..., mas ela tinha muita força porque, ela realmente era uma pesquisadora e tanto, não se podia abrir mão dela em absoluto. Então, ela se deslocou para Jacarepaguá com essas criações de barbeiros.

TF - É aquela casa que ainda existe lá em Jacarepaguá?

PB - Isso mesmo, isso mesmo. Aliás, ela trabalhou lá agora até pouco tempo...

TF - Acho que ainda está lá. Então lá ficou só... ficaram pesquisas de “barbeiro”, é isso?

PB - É, só a parte da dra. Lina. Realmente eram pesquisas muito bem feitas, muito boas, porque ela era uma pesquisadora e tanto, ou é, eu nunca mais tive contato, mas deve estar aposentada já...

TF - Só ficou esse setor lá, mais nada? Em Jacarepaguá ou tinha uma estrutura (inaudível)

PB - Não, não, que eu me recorde era só essa parte de criação de “barbeiros” e testes com barbeiros, que eu me recorde era só isso. E o resto do INERu foi para Belo Horizonte. Agora, realmente, porque o resto todo se deslocou para Belo Horizonte eu não sei lhe responder...

TF - Mas a parte de pesquisa, a parte administrativa ficou aqui no Rio, do INERu?

PB - Ah, sim! Pelo seguinte, porque a matriz, a sede do Departamento de Endemias Rurais passou a ser... Sabe onde é a casa da Marquesa dos Santos, ali na Pedro II? Casa da Marquesa dos Santos, essa que agora é museu, “não sei o quê” ...

TF - Sei, sei.

PB - Pois bem, ali, na casa da Marquesa, era o Serviço Nacional de Febre Amarela. Então [o Departamento Nacional de] Endemias Rurais ainda não estava criado em Brasília. Então Endemias

Rurais se instalou naquele prédio, que é muito bonito e tudo; naquele prédio onde era o Serviço de Febre Amarela, então, Endemias ficou ali. Então, veja que o comando era aqui no Rio, era ali na Pedro II, ali no prédio da Marquesa e... Então o INERu era subordinado a Endemias Rurais... então o INERu era subordinado ali ao prédio da Marquesa de Santos.

TF - Então, quando ele cita nos documentos São Cristóvão, é o prédio da Marquesa de Santos?

PB - É o prédio da Marquesa dos Santos, isso mesmo. Até tinha umas coisas interessantes, pinturas lindas, lindas... lindas na parede e numa das paredes... parece aquelas coisas... “pichada” e tudo, caíram tudo por cima, foi um trabalho para tirar aquela “caiação”, depois que nós saímos de lá. Nós não, nós conservamos o máximo possível aquelas pinturas todas e tinha...
TF - Então o senhor foi para São Cristóvão também?

PB - Eu passei a ser subordinado a Endemias Rurais.

TF - Sim, mas em São Cristóvão?

PB - Sim, porque Manguinhos só surgiu depois. A nossa ligação com Manguinhos é de... extra oficialmente, quando nós invadimos lá, nós invadimos lá em 60, mas continuávamos subordinados a Endemias Rurais. Finalmente, em 75, quando é criada a Fundação Instituto Oswaldo Cruz é que nós fomos absorvidos. Mas naquela época ainda era subordinado a Endemias Rurais, compreende? Bom, então nós íamos ali... ah, sim... agora estou me perdendo um pouco...

TF - O senhor estava falando sobre a conservação das pinturas...

PB - Ah, sim! Exato. Então pinturas lindas, tudo feito no tempo da Marquesa, compreende. E tinha uma das pinturas... eu vou falar, meu filho está aí, eu vou chamar meu filho. Meu filho é ultra especialista em arte e coisa; ele é quem faz essa exposição aqui no Pedro II, exposição no Belas Artes, então ele sabe o que eu vou citar. Tinha num desses quadros, tinha uma mosquinha pintada... nunca ouviu falar nisso não? Não sei se foi o próprio artista que pintou tudo, que pintou uma mosca e, naturalmente, aquilo chamava atenção: “vem ver a mosca, ‘tal coisa’ aqui, ‘tal e coisa’...” E depois então... caíram por cima, foi uma barbaridade! Depois, foi um trabalho danando para restaurar, depois que nós saímos de lá. Nós conservamos aquelas pinturas perfeitas, eram pinturas lindas, lindas. Então, ali se instalou Endemias Rurais; e o quê que aconteceu com os três diretores? O diretor de Febre Amarela, o diretor de Peste, os diretores de Malária passaram a ser vices de Endemias Rurais [Departamento de Endemias Rurais]. Então [o Departamento Nacional de] Endemias Rurais tinha um diretor geral, que foi o Pinotti, diretor geral, e depois cada um dos, dos... não sei como é que chamava, era um dos diretores que veio, para não perder a sua função gratificada e tudo, compreende. Não estava em mudança política, apenas uma mudança dentro do órgão, uma modificação no organograma do Ministério, compreende. Então... a sua pergunta então, portanto, não resta dúvida, o INERu era subordinado ali ao prédio da Marquesa de Santos, [Departamento Nacional de] Endemias Rurais. Então, realmente, essa parte foi para Belo Horizonte... eu não sei se já havia alguma pesquisa em Belo Horizonte, talvez... Outra coisa, atualmente, veja bem, cada um desses três núcleos, o de Belo Horizonte, René Rachou, o da Bahia, Gonçalo Muniz, o de Pernambuco, que é Aggeu Magalhães, eles têm, entre todas as suas atribuições, uma atribuição mais específica, mais nobre, ligada, é lógico, a região. Então, veja que... me parece que o René Rachou é mais... É simples, Aggeu Magalhães, ele está em Recife, onde é o maior foco brasileiro de filaríose. Então, realmente eles estudam muito filaríose,

estão atualmente testando justamente um inseticida biológico lá contra o Culex. Então filariose, depois Bahia é esquistossomose, realmente o que dá esquistossomose naqueles estados ali, compreende. Bahia dá esquistossomose, então isso mesmo, e Belo Horizonte é [doença de] Chagas... Belo Horizonte é Chagas. Não, também justamente, está trabalhando com mosquitos...

TF - Chagas e malária também.

PB - Hein?

TF - Chagas e malária, né?

PB - Não tem mais malária...

TF - Não tem mais hoje, mas naquela época...

PB - Ah, não resta dúvida, tinha muita. Fizeram testes muito interessantes lá. No tempo do Olímpio, eles fizeram o primeiro teste contra barbeiro...

TF - Olímpio da Fonseca?

PB - Não, não, não... Olímpio da Fonseca era Manguinhos, não, não; um de Endemias Rurais, doutor Olímpio... de Melo... agora eu não me lembro... De qualquer forma, quando ele foi diretor de Endemias Rurais, em Minas fizeram uma pesquisa muito interessante de combate ao barbeiro usando um fosforado, chamava-se palethion e usando o piretro, que era de flores de piretro lá de Itaquara, no Rio Grande do Sul. Lá eles plantavam o crisântemo que dava esse piretro... Hoje, esses inseticidas todos que tem aí a venda nos supermercados e tudo, piretróides, são semelhantes ao piretro sintéticos, mas tudo nasceu com o piretro natural, que veio do Quênia, onde eles plantavam as flores crisântemo e Cinerariaefolium, são umas flores muito botininhas, branquinhas, lindas, lindas. Então da flor é que se tira o princípio ativo, as flores são moídas e dali, ali tem princípio ativo, o piretro, que tem uma ação de abater o inseto, ele abate no ar, é ação chamada knockdown e depois então, vieram... Como esse piretro natural foi se tornando muito caro, difícil de obter e tudo, então passaram a fazer os sintéticos, compreende. Hoje, então... no momento, as nossas campanhas usam piretro sintético no combate a insetos, a vários insetos e tudo. Eu estou saindo muito da minha...

TF - Não, não, não, é ótimo o senhor dar essas explicações...

LR - Deixa só perguntar uma coisa que eu queria...

PB - Claro.

LR - Professor, só para confirmar, em São Cristóvão não havia funcionando nada que fosse além dessa parte administrativa?

PB - Sim, mas era...

TF - Não tinha laboratório em São Cristóvão, só a parte administrativa.

PB- Não, veja bem, veja bem: como ali era originariamente o Serviço Nacional de Febre Amarela, possivelmente fizessem pesquisas ali sobre febre amarela, ou análises, compreende, de sangue, não sei, compreende?

TF - Ligado à Fundação Rockefeller, não?

PB - Veio da Rockefeller, mas era Ministério da Saúde. Mais alguma coisa?

LR - Não, não.

PB - Satisfiz a sua pergunta?

TF - Eu tenho uma perguntinha. Alguns documentos apontavam o DNERu, alguma parte do DNERu funcionando na Rio Branco...

PB - Ah, vamos chegar lá.

TF - Então, tá!

PB - Quando o Departamento de Endemias Rurais foi crescendo muito, o Pinotti... todo mundo tem ambição, a ambição do Pinotti era chegar a ministro, compreende. Então, da mesma forma que diretor... como se diz... do Serviço de Malária, ele foi... ele forçou a criação de Endemias Rurais [Departamento Nacional de Endemias Rurais] para ser nomeado diretor de Endemias Rurais, compreende. A política, tá muito bem, eu não tenho nada a criticar... mas se faz isso... Mas, de qualquer forma, (inaudível). Então, quando ele foi diretor de [Departamento Nacional de] Endemias Rurais... antes disso não... antes disso, ele ainda como diretor... Porque, realmente, ele foi tão eficiente como...como... depois quando ele se envolveu com política; porque, realmente, ele sabia reunir em torno dele técnicos espetaculares, compreende? Então, realmente... por isso, quando deram Chagas e Esquistossomose para ele combater é porque ele estava se virando muito bem com malária, acabou com a malária aqui na baixada. E o meu médico, eu era moço ainda, tinha um doente de malária que apanhou malária quando ele ia de carro para Petrópolis, passando ali pela Baixada, ele parou o carro para trocar um pneu e o mosquito picou ele e ele apanhou malária. O que tinha de malária aqui em Jacarepaguá... coisa incrível! Não resta dúvida, o Pinotti trabalhou muito bem. Então, ele primeiro... lógico, ele ambicionava ser coisa mais alta do que diretor do Serviço da Malária, e quando então o Getúlio [Vargas] assumiu... na primeira ou na segunda vez... ah, meu Deus! A segunda vez, Getúlio... quando ele se suicidou foi em 54, certo? Então, 54... isso mesmo! O último Ministério do Getúlio, antes dele se suicidar, o Ministro da Saúde era o Pinotti. Aí o Getúlio se suicidou, desfez-se o Ministério, que veio o pessoal lá do Galeão. E então o Pinotti forçou, um pouco depois, a criação de [Departamento Nacional de] Endemias Rurais para ele ser... ele era o candidato natural, compreende? Era o cara que tinha... não digo que não merecesse, compreende? Ele era um candidato natural, era o que tinha melhor desenvolvido o combate à endemia, das endemias principais que era a malária. Então foi criado o Departamento [Nacional] de Endemias Rurais, reunindo os três, Malária, Febre Amarela e Peste e o primeiro diretor, diretor geral, aí já era diretor geral, foi o Pinotti. Por sua vez, depois o Pinotti voltou a ministro, foi um dos poucos que foi ministro duas vezes, aí já foi no tempo do Juscelino [Kubtschek]. Bom, então... ah, sim! Então estávamos falando da mudança, a mudança do prédio. Então, justamente, foi crescendo [Departamento de] Endemias Rurais porque recebeu 13 endemias, era brucelose, era bócio, era... enfim, eram 13, não

tenho na cabeça, eram 13 endemias. Então, aquela casa da Marquesa dos Santos estava pequena, já não dava mais mesmo, não dava mesmo. Então eles alugaram 4 andares no edifício Monteiro Aranha, esquina da Av. Rio Branco com... Alfândega, acho que é Alfândega. Av. Rio Branco 80, me lembrei do número, não esqueci o número. É... eu acho que é aí, Edifício Monteiro Aranha, Edifício Monteiro Aranha. Então, nós ocupávamos o décimo, parece décimo terceiro, décimo quarto e depois o décimo sétimo e o décimo oitavo, lá em cima. O Pinotti, o gabinete dele ficava no décimo oitavo. O Élber era o secretário dele, foi muito meu amigo durante muitos anos, acho que ele está em Brasília, deve estar aposentado agora. Bom, então aí nós nos mudamos para a Av. Rio Branco, compreende. Então eu, nessa ocasião eu já havia invadido Manguinhos, lá pelos fundos, já contei a história como eu ganhei, invadi Manguinhos..., mas continuava subordinado a Endemias Rurais. Então ia, no fim da tarde eu ia lá conversar com o Élber, saber das novidades no departamento lá na Av. Rio Branco. (risos)... Eu tremi com medo desse barulho que eu senti. Eu ia lá conversar com o Élber, o Élber é o secretário do Pinotti. Mas o pessoal todo ia embora e tudo, e o Élber ficava lá fazendo alguma coisa, então eu ia para lá e ficava conversando com ele, compreende? Então uma noite lá, 7 horas da noite, sete e tanto e tudo, estava no prédio só eu e ele lá em cima, compreende, só eu e ele. Tudo vazio, o prédio tudo vazio, aí eu disse: “Élber, está sentindo um cheiro de queimado?” “É, tá (inaudível)”. Aí, quando eu saí do gabinete assim, abro a porta, o corredor era só fumaça, fumaça mesmo, fechada (risos). Pronto, agora vou morrer “estorricado”, eu e o Élber, nossas famílias não vão saber (risos). Mas me deu um medo desgraçado de ver aquele andar todo cheio de fumaça, compreende? Felizmente, era a lixeira que tinha pegado fogo e aí vieram os bombeiros e apagaram... Sabe que lixeira dá muita fumaça, era fumaça para “burro”, então assusta. Aquela fumaça foi subindo... ah, a fumaça foi subindo pelo coisa [poço] dos elevadores, pelo... e bateu lá em cima, compreende, e encheu os andares... os andares estavam vazios, não tinha ninguém, compreende? Só eu que estava lá em cima com o Élber (risos)... Então, bom, de qualquer forma, essa é que é a história de termos nos mudado para Monteiro Aranha ali na Av. Rio Branco, 4 andares, me parece que era 13, 14... o 18 eu tenho certeza, que era o que eu ia lá sempre no gabinete do diretor e 17. Os debaixo, parece que era 13, 14, 17 e 18, eram 4 andares...

(Interrupção da gravação)

(Intruso) - Até logo Seu Paulo!

PB - Até logo! Um bom fim de semana.

(Intruso) - Para o Senhor também.

PB - Obrigado!

TF - Havia algum financiamento lá para o DNERu? Por exemplo, a Fundação Rockefeller, profissionais que trabalhavam lá (inaudível)

PB - Tinha, tinham dinheiro, mas eu não, não... isso, eu não sei quem pode esclarecer sobre isso, quem sabe isso... quem sabe sobre isso é o doutor Fonseca. Conhece o Fonseca, que foi diretor da parte de Manguinhos de Vacinas. Eu posso dar o telefone dele, mas lá tem o telefone dele.

TF - Não, nós já fizemos entrevistas com ele.

PB - Já, então pergunte a ele. Ele conhece bem essa parte, que ele foi do Rockefeller, ele conhece bem isso...

(Interrupção da gravação)

PB - Querem? Isso é diet, não engorda não. Querem... aceita?

LR - Obrigada.

TF - Então vamos lá, voltando as nossas dúvidas. O BHC, foi o seguinte, informações que nós tínhamos... até quando se fabricou o BHC lá na “Cidade dos Meninos”?

PB - Isso é uma... muita gente fala e “tal e coisa.” Veja bem, esse problema do BHC, lá da contaminação, o famoso Pó-de-broca, foi levantado por um vereador de Caxias que, cada vez que tem eleições ele agita isso... Não estou dizendo que não existam problemas, mas ele agita isso para se eleger. Aí ele se elege e passam 4 anos sem mexer no assunto, da próxima vez, de novo, que ele quer se eleger de novo, ele agita o negócio. Então... então sugiro (inaudível). Me parece que eu já esclareci sobre isso. Nós começamos a fabricar o BHC em 1950. Bom, nessa época eu estava nos Estados Unidos porque a minha área era outra, a minha área era o DDT. Então em 50 começaram a fabricar o BHC. Me parece que eu até lhe falei da inauguração da fábrica, eu acho que eu dei a data certa da inauguração da fábrica. O quê que é o BHC? A gente parte do benzol... benzeno, benzol é nome comercial, benzeno, parte do benzeno, aquela figura de química que forma um balãozinho assim, com duplas ligações. Parte do benzeno e passa-se cloro através do benzeno, então o cloro vai se fixando no benzeno e aí que tem um problema, justamente, é que conforme se usa um catalisador - catalisador é uma substância que modifica uma reação - conforme se usa um catalisador ou outro, essa entrada do cloro no benzeno se faz ou por adição ou por substituição. Se é por substituição, dá um composto que não é inseticida e que realmente chamar-se-ia o... o hexaclorobenzeno de benzeno. Esse nome que chamam, BHC, é um nome errado, um nome popular, mas é um nome errado porque o hexacloreto de benzeno realmente, o hexaclorobenzeno, o BHC, (inaudível), ele não tem ação de inseticida, é uma substância usada para outras coisas. Se... se usa um outro catalisador, o cloro vai entrando sem deslocar, sem deslocar outros átomos. Então ele vai sacrificando as duplas ligações e passam a ser ligações simples com o cloro em todas as pontas do balãozinho, 6 cloros. Então, o verdadeiro nome é hexacloro, são 6 cloros, hexacloro; ciclo, que é um ciclo; benzeno, porque a origem é o benzeno. Então um é inseticida, o outro não é inseticida. Então, nós lá fabricávamos, é lógico como inseticida, então nós tínhamos que usar um catalisador especial. Isso foi nos trazido por um químico holandês, não sei, eu acho que já falei sobre isso...químico holandês, [Hent] Kemp. Então ele fez lá no laboratório, fez uma planta piloto funcionando bem, aí então foi construída a fábrica em 50 e começou a funcionar. Não sei se começou a funcionar assim não... em torno de 50. Então, como vocês estão vendo, quais são as matérias-primas? Cloro e benzeno. Juntando as duas dava hexaclorobenzeno. O benzeno vinha de Volta Redonda, relativamente perto, Volta Redonda, vinha de Volta Redonda. Já o cloro vinha de uma fábrica no Estado do Rio, São Gonçalo... vinha de uma fábrica em São Gonçalo que fabricava cloro. Por quê? Não se pode transportar cloro a grandes distâncias, porque o cloro só se pode transportar em cilindros muito pesados. Então, em proporção ao cloro, sai tão caro o transporte que levando o cloro a distância ele chega caríssimo lá, então não compensa uma fabricação com cloro transportado à longa distância, tem que ser fabricado no local ou, quando muito, numa fábrica perto, que era o caso. Então, enquanto tinha essa fábrica - chamava-se Eletroquímica Fluminense - ela passou por várias mãos, numa época ela foi

de holandeses, foi quando veio esse holandês que eu já contei a história. Então, essa Eletroquímica Fluminense fabricava cloro... É o seguinte, como é que se fabrica o cloro? É com solução de salmoura, sal de cozinha, aí passa eletricidade, fica... na solução fica soda cáustica e sai o gás cloro. Então, eles tinham o cloro ali, que eles botavam em botijões e nos vendiam, nós íamos buscar com um caminhão, então era perto, relativamente perto, alguns quilômetros, até que uma noite essa fábrica explodiu... era um processo que eles usavam, que tinham um nível de água assim, que não deixava que o nitrogênio se comunicasse com o cloro. Um belo dia, o sujeito lá dormiu, o vigia, e o nível da água foi baixando e o cloro se misturou com o nitrogênio. Quando o cloro se mistura com o nitrogênio forma o chamado gás tonante, tonante que explode... explodiu, explodiu a fábrica toda. Então, “da noite para o dia”, desculpe o trocadilho. (risos), “da noite para o dia,” nós ficamos sem o cloro. Aí, estávamos em plena campanha de Chagas... Ah sim, justamente como eu lhe disse que quando o Serviço de malária assumiu o combate ao barbeiro, de doença de Chagas, nós só trabalhávamos com DDT, porque o DDT era muito bom para controlar o mosquito da malária, anophyles, mas de repente surgiu um novo problema: o barbeiro que não “dava bola” para DDT. Então foi quando nós fomos fazer o BHC. Bom, então, justamente quando aquela fábrica explodiu, nós dissemos não, nós precisamos... Ah, sim! Tem mais uma coisa, a nossa fábrica de BHC foi uma das primeiras no Brasil, não existia ainda ou estava começando a existir fábrica comercial de BHC. Então, realmente, era uma necessidade fabricar o BHC, era uma necessidade. Depois vieram as fábricas da Mattarazzo e outras e tudo... então, bom, mas era uma necessidade. Então, de repente explodiu a fábrica. O que se vai fazer? Bom, vamos mandar vir cloro de São Paulo e mandamos vir cloro de São Paulo, do Mattarazzo. Mas era caríssimo trazer esse cloro de São Paulo, butijões de uma tonelada, grandões, “pesado para burro”. Depois, tinha que devolver o vasilhame, era “caro para burro”, tinha que devolver. Então era frete de ida e retorno e foi quando se chegou à oportunidade para ver que o Mattarazzo, que nos vendia o cloro, nos vendia o BHC mais barato, que o BHC vinha ensacado, compreende? O cloro vinha naqueles butijões de ácidos pesadíssimos. Então paramos de fabricar o BHC. Então, esse BHC paramos de fabricar, a rigor, em 54. Falam que foi até 56... não, houve uma tentativa em 56, mas funcionou um ou dois dias, então não se pode dizer que funcionou. Então, a rigor, a fábrica parou em 54. Estou satisfazendo a sua pergunta?

TF - Está. Não, mas tem uma outra questão, que aí se coloca na documentação, que a gente viu que a pasta de BHC, em 53 começou a ser produzida em São Cristóvão...

PB - Pasta de BHC... houve um engano.

TF - Houve um engano?

PB - Não, veja bem, vamos com calma, houve um emulsionante...

TF - Eu vi emulsionante, vi pasta...

PB - ...com BHC, que nós usávamos BHC, mas a pasta de BHC que foi ensaiada nunca funcionou, tentou-se fazer, mas nunca funcionou.

TF - Tentou-se em São Cristóvão ou na “Cidade das Meninas”?

PB - “Cidade das Meninas”, porque em São Cristóvão era DDT. A parte de DDT mudou da “Cidade das Meninas” para São Cristóvão, a pasta de DDT.

TF - Quando? A produção da pasta que o Senhor estava falando...

PB - A produção da pasta... espera aí, vou te dizer já. Era o brigadeiro... Bijus o diretor [do DNERu] e... foi quando eu também fui... eu fui para iniciar a produção da pasta de DDT lá, justamente... Ah, não, espera lá! Vamos apagar isso tudo. A pasta de DDT começou em São Cristóvão, depois é que aquele brigadeiro Bijus, o diretor, mudou ela para a “Cidade das Meninas,” para depois acabar lá e a gente fazer em Manguinhos. Então, ela nasceu em São Cristóvão...

TF - Em torno de cinquenta e poucos, não é isso?

PB - 54. Ainda existia o Serviço Nacional de Malária, era seção de SOC, Seção de Organização e Controle. O chefe era o doutor Modesto e ele pediu que eu fizesse a pasta de DDT com um tipo de pasta que ele trouxe da Itália. Eu copiei a pasta italiana.

TF - E esse BHC que passou a vir de São Paulo, ele já vinha pronto....

Fita 3 – Lado B

PB - ...Aí então, tendo que importar o cloro de São Paulo, esse cloro chegava caríssimo, por isso terminamos então a fabricação em 54. Houve um ensaio em voltar a produzir em 56, mas foi um ou dois dias, não se pode nem contar isso.

TF - Então, o grosso lá da Cidade das Meninas ficou sendo o DDT? BHC já vinha pronto, aí a produção...

PB - Não, não. O BHC que era comprado, ele não ia para a Cidade das Meninas, ele ia para São Cristóvão. Lá tinha um almoxarifado, são apenas de...

TF - De diluição...

PB - ...não, não. Veja bem, a diluição é feita no campo, é o chamado “pó molhado”. É um pó concentrado, mas com substâncias chamadas surfactante, que facilitam a dispersão em água. Então, o sujeito leva para o campo num saquinho e com a água local ele põe a quantidade de pó e mexe e aquele pó suspende. Ele então aplica com uma bomba... “costal,” que tem um agitador, para que ele possa ficar sempre... a mesma bomba, o mesmo agitador, a mesma manivela que ele movimenta, dá pressão para sair o líquido e agita para o pó ficar sempre em suspensão naquele depósito nas costas. Então é o “pó molhado”.

TF - Isso está solucionado. Vamos ao outro problema. O outro problema seria o seguinte: o Serviço de Produtos Profiláticos [SPP], ele funcionava em São Cristóvão ou ele era o próprio laboratório lá da Cidade das Meninas?

PB - Da Cidade das Meninas... não, mas ele nasceu depois. O Serviço de Produtos Profiláticos, que foi criado com [Departamento Nacional de] Endemias Rurais e que absorveu a parte industrial, ele ficou

lá em cima [Duque de Caxias] porque o [Departamento Nacional de] Endemias Rurais foi criado em 56. Então ele continuou lá em cima, apenas a fábrica de BHC estava desativada, mas ele tinha lá produção de emulsificante, a produção de iscas raticidas, em 57 então, o início da fabricação de medicamentos, laboratório de medicamentos. Aliás, eu não sei se eu esclareci aqui, quando se resolveu entrar na fabricação de medicamentos, nós não tínhamos farmacêuticos lá em cima, mas justo coincidiu com o fechamento do famoso laboratório Raul Leite. Faliu, mas foi uma falência mais... muita política e tudo, não vem ao caso. De qualquer forma, era um grande laboratório nacional, o laboratório Raul Leite que fechou. Então nós aproveitamos os farmacêuticos do Raul Leite para dar início a nossa fabricação de medicamentos.

TF - Então a seção industrial e a seção técnica eram ligadas ao Serviço de Produtos Profiláticos?

PB - Isso mesmo. O Serviço de Produtos Profiláticos tinha duas seções, uma seção industrial que ficou lá em cima e a seção técnica que eu chefiava e que eu vim exercer aqui em São Cristóvão.

TF - Isso já era quando? O senhor se recorda?

PB - De 56 em diante. 56... não... é o seguinte, eu já vim aqui para baixo antes, antes da criação... ainda era Serviço Nacional de Malária quando eu vim aqui para Melo e Souza, para essa seção, era seção SOC, Seção de Organização e Controle do Serviço Nacional de Malária. A Seção de Organização e Controle é que se encarregava da aplicação de inseticidas, porque lá em cima, lembre-se bem, lá em cima era fabricação, mas a distribuição e “coisa” era Seção e Organização e Controle do Serviço Nacional de Malária, que ficava na Melo e Souza, em São Cristóvão. Bom, então ali, o chefe ali era muito ativo, o doutor Modesto, e foi quando ele foi a Itália e viu eles fabricarem lá a pasta de DDT e quando ele voltou, ele trouxe uma amostra e me pediu se eu podia imitar aquela pasta italiana e “tal e coisa”. Não pode ser imitada igual, igual não, porque não dava certo. Aí modificamos a fórmula e “tal e coisa”. Então a pasta começou aqui embaixo e lá em cima ficou a fabricação de iscas raticidas, fabricação do emulsificante e só. Logo depois veio a criação, realmente, do laboratório farmacêutico, esse é que pegou...

TF - Por que o senhor saiu de lá da Cidade das Meninas?

PB - Hein?

TF - Por que o senhor saiu de lá da Cidade das Meninas?

PB - Olha, eu fui fazer uma... O Pinotti me mandou para os Estados Unidos para estudar a fabricação do DDT, fabricação da substância ativa do DDT e eu fui para os Estados Unidos em 51. Quando eu voltei em 52, o doutor Modesto de Souza que era chefe dessa seção SOC, Serviço de Organização e Controle, pediu que eu ficasse com ele em Bonsucesso. Então eu fiquei com ele em Bonsucesso.

TF - Por que Bonsucesso?

PB - Desculpe, São Cristóvão... desculpe, em São Cristóvão. Aí eu fiquei com ele e... como foi o negócio... aí o Pinotti foi para diretor geral de [Departamento] Endemias Rurais e então, doutor Modesto... O quê que ele foi? ... ele foi dirigir uma dessas seções... agora eu não me lembro mais mesmo! O fato é que eu fiquei em São Cristóvão. Eu não fui mais lá para cima, porque depois quando assumiu o brigadeiro... Bijus, quando o brigadeiro Bijus assumiu a direção do Serviço de Produtos

Profiláticos, ele me manteve aqui embaixo em São Cristóvão, chefiando a seção técnica, mas aqui em São Cristóvão. Porque a coisa lá em cima estava, estava realmente, aos poucos estava... não, porque sim, porque o abrigo vinha nos pressionando para nós sairmos de lá. O abrigo já... porque o Pinotti quando, digamos, alugou aquilo lá em cima, sem pagar aluguel, mas quando ele pediu emprestado aquilo lá em cima, que foi em 48, ele pediu por 5 anos, quer dizer...

(Interrupção da gravação)

PB - Então, como eu disse, o Pinotti me mandou para os Estados Unidos para estudar a fabricação de DDT e eu fui com uma bolsa da WHO, Organização Mundial de Saúde [OMS] e foi a primeira vez que eles tiveram um químico lá, porque até então os bolsistas eram todos médicos. Então eles não entendiam “nada de nada”, da minha área, compreende? Então, realmente, eu fiz uma bolsa muito prejudicada mesmo. Eles faziam as... uns contatos para eu ir visitar as fábricas e eram uma barbaridade. Eu vou lhe dar um exemplo: eles me fizeram... minha base era Washington, onde ficava a WHO, minha base era Washington. Então, uma das viagens, “ah, o senhor vai visitar uma fábrica de DDT em New York” ... próximo de Nova York, “em New York, vai visitar uma fábrica de DDT lá, está aí o endereço, o nome do diretor e ‘tal e coisa’”. Me desloquei de Washington até Nova York, para ir em New York de carro. Quando eu chego lá, o dono da fábrica me recebe no gabinete dele, muito delicado, muito coisa, primeiramente, inicialmente, me serve um uísque e “tal e coisa”, eu recusei porque eu não tomo uísque, eu sou um cara chato, e aí então ele disse: “o senhor vem do Brasil para olhar a minha fábrica de DDT e copiar para ir fazer DDT no Brasil? Não! Se o senhor quiser eu lhe vendo o meu DDT, mas o senhor não vai espiar a minha fábrica não...” e me mandou embora. Quer dizer, eu fiz uma viagem (risos) a um outro Estado, 4 horas de viagem, compreende? E chego lá, o cara só me recebe no gabinete dele, me oferece um uísque e me manda embora (risos)! De maneira que, realmente, eu tive essa minha bolsa de DDT muito prejudicada pelos maus contatos que foram feitos, compreende? Eu, por sua vez, não conhecia os Estados Unidos, a primeira vez que eu ia lá e tudo, compreende? Mas, qualquer forma, são apenas... esse negócio deles não querer mostrar a fábrica, o que eles queriam era nos vender o DDT. Acabou sendo feita a fábrica de DDT aqui.

TF - Então, aí o senhor ficou na seção técnica, dirigindo essa seção técnica?

PB - Sim, é.

TF - E aí o senhor ficava responsável pela distribuição... como era o serviço?

PB - Ah sim, veja bem, quando o brigadeiro Bijus saiu de diretor, assumiu a direção o doutor Carlos Modesto de Souza, eu passei para a direção da seção técnica e ele da seção técnica, ele foi para diretor... de qualquer forma, veja bem, foi uma transição muito rápida, porque aí veio... veio... não sei... o fato é que... Ah, sim! Ele foi para diretor dos Serviços de Produtos Profiláticos. Saiu o brigadeiro Bijus e entrou o doutor Modesto, diretor de Serviço de Produtos Profiláticos, e eu continuei, fui para chefe da seção técnica, eu continuei, eu já era... de qualquer forma eu passei a ser diretor substituto do doutor Modesto, nos Serviços de Produtos Profiláticos. Acontece que depois ele foi convidado para ser chefe do gabinete do Ministro. Então eu, que era substituto de diretor, assumi a direção dos Serviços de Produtos Profiláticos e ele ficou como chefe do gabinete do Ministro da Saúde.

TF - Isso já era em ...

PB - Nessa época é que veio, veio o problema de nós termos que sair de lá...Ah, sim! Mas como eu estava dizendo então, nós tínhamos feito um pedido, uma solicitação para ficar ocupando aqueles pavilhões por 5 anos e nós já estávamos lá há 10 anos, de 10 para 12 anos, compreende. Então cada vez que assumia um novo ministro o provedor lá do abrigo... Leonel Miranda não, como é o nome dele?

TF - Levy Miranda

PB - O Levy Mianda, o Leonel Miranda foi ministro. O Levy Miranda vinha com um ofício para o Ministro pedindo para a gente sair – lá vinha o ministro – até que um dos ministros ficou... ficou feio e disse: “não, vamos sair de lá e ‘tal e coisa’...” e a bomba estourou na minha mão, porque disseram: “não, você é que tem que procuram lugar para mudar o serviço”. Eu acho que eu já relatei isso.

TF - Porque o senhor era, então, o diretor dos Serviços Profiláticos.

PB - É, eu respondia pelo serviço, eu era o diretor em exercício... Bem, é o tal negócio, depois de um mês eu passei a ser efetivo porque o doutor Modesto estava como chefe do gabinete do Ministro, compreende? Então eu, com um mês, eu já passei a receber como diretor e fui ficando lá e aí justamente, o ministro pediu... e eu então fui ver o Travassos, que era diretor. Isso eu já disse... o Travassos, o Travassos me indicou esse esqueleto que tinha lá nos fundos de Manguinhos e “tal e coisa”, e então achei...

TF - Travassos era na ocasião...

PB - Diretor de Manguinhos, do (inaudível), naquela época era Instituto Oswaldo Cruz. O Travassos era diretor do Instituto Oswaldo Cruz.

LR - Posso fazer uma pergunta?

PB - Pois não.

LR - Doutor, eu vi uns documentos assinados pelo senhor como chefe da seção industrial...

(Interrupção da gravação)

PB - Não... o chefe da seção industrial era o doutor Romero, Luiz Romero... era o doutor Romero; eu era chefe da seção técnica... Tem certeza? Ah, só se ele viajou e eu estava respondendo por ele, não tinha... não tinha grande importância... não me lembro de ter sido chefe da seção industrial, não mesmo... ou fui? Fazem tantos anos... eu acho que não, nunca fui diretor da seção industrial... deixa eu ver...

(Interrupção da gravação)

LR - Doutor Paulo (inaudível)

PB - Hein?

LR - (inaudível)

PB - Ah, sim. Querem mais uma refeição?

LR - Obrigada, estou satisfeita.

PB - Olha, eu devo ter isso... não, eu não anotei isso...não...eu posso ter respondido assim por... nomeado mesmo eu fui para seção técnica, tenho bem certeza. Era chefe da seção técnica. Mais alguma coisa?

TF - Sim, olha só. Nessa mudança aí, sobre a mudança da Cidade das Meninas para o...

PB - Manguinhos...

TF - Para Manguinhos. Nós vimos lá um parecer do Carlos Modesto...

PB - Que foi meu chefe, e ficou sendo chefe de gabinete do ministro.

TF - Isso, ele inclusive assinava como diretor substituto, 161..., mas não tem problema... Mas ele era favorável a mudança, justificava favoravelmente...

PB - Ah, não! Aí ele era diretor substituto já de [Departamento Nacional de] Endemias Rurais. Ele era diretor de Endemias Rurais, não era mais do Serviço de Produtos Profiláticos não. Ele foi a diretor de [Departamento Nacional de] Endemias Rurais...

(Interrupção da gravação)

TF - Pronto, voltamos. O Modesto, então ele foi diretor do DNERu...

PB - Diretor-geral do DNERu, quando veio a revolução. Quando veio a revolução ele era diretor-geral de Endemias Rurais, em 64.

TF - É, mas esse documento estava assinado em 61.

PB - Então ele foi de 61 a 64, terminou em 64.

TF - Então o seguinte, mas aí ele assinava o parecer favorável a mudança do...

PB - Foi ele quem me pediu para tratar disso, ele me encarregou de tratar disso.

TF - Pois é, aí a gente leu em um lugar que tinha um outro parecer que era contra essa mudança.

PB - Bom, então vamos falar da política. Vamos falar da política então.

TF - Isso, então vamos lá.

PB - É... desliga um pouco, desliga um pouquinho... (risos). Vamos falar de coisas (inaudível).

(Interrupção da gravação)

PB - O... o grupo que ia organizar a Fábrica Nacional de inseticidas, seria uma fábrica brasileira estatal que ia fabricar inseticidas para o combate das endemias e que devia se instalar em Pernambuco...

TF - Ah é? Por que em Pernambuco?

PB - (risos) Veja bem, lá estava Arraes [Miguel Arraes], estava aquele pessoal todo, compreende? Olha, o que houve de localização assim de fábrica fora do lugar por política... Eu não lhe contei aquele negócio da fábrica de DDT que eu fui estudar nos Estados Unidos e que depois eles queriam que eu pusesse no Vale do Paraíba porque quem estava mandando no Ministério era o Ademar de Barros e o senador deles, o eleitorado dele era no Vale do Paraíba. Então a fábrica de DDT tinha que ser no Vale do Paraíba que não tinha matéria-prima nenhuma, e “tal e coisa”, era uma barbaridade! De qualquer forma...

TF - Sim, mas aí esse decreto então, esse grupo acabou não vingando.

PB - Porque veio a Revolução [de 1964], 15 dias depois.

TF - Ah tá, então tá.

PB - Eu fui nomeado no dia 15 de março, a Revolução foi dia 31 de março. Aí o DOPS veio em cima de mim (risos), mandaram um questionário para eu responder... (inaudível). Graças a Deus, eu tinha tido um colega de colégio que tinha sido delegado do DOPS. Quando veio esse questionário para mim, eles quiseram me fazer mal, esse delegado tinha deixado o DOPS, tinha ido lá para a Alfândega, lá... no Cais do Porto, aquela Delegacia de polícia que tem ali na antiga Rodoviária, mas ele tinha deixado amigos no “coisa”... assim que disseram no Ministério: “olha aí, querem te nomear... o Ministro quer te nomear diretor dos Serviços de Produtos Profiláticos, quer te nomear diretor, mas ele não pode porque teu nome está vetado aí pela... pela polícia lá...” “Cadê, cadê a minha ficha?” Aí eles mostraram minha ficha, “tal e coisa” ... fez isso, fez aquilo... embaixo, na última linha, “acusado de atividades subversivas”. Puxa vida! Que atividade subversiva eu fiz? Aí eu me lembrei desse meu colega, do (inaudível). Aí fui vê-lo. Ele foi ver, me levou lá dentro do DOPS e tudo, me levou, pegou minha ficha lá. Toda ficha era igualzinha, mas faltava a última linha, essa última linha “acusado de atividades subversivas” foi acrescentada no Ministério por um cara que queria ocupar o meu lugar (risos). Isso não é coisa para ficar gravada aí. Ah sim, por isso que encontraram coisas assim, contra coisa, era dessa turma que só queria desfazer, compreende. Realmente, foi uma beleza a mudança para Manguinhos, olha o quê que é Far-Manguinhos hoje em dia, compreende.

LR - Nunca poderia Far-Manguinhos ter acontecido lá?

PB - É horrível! Aquilo é um buraco. Já foi lá em cima alguma vez?

LR - Caxias, só ali, centro...

PB - Depois de Caxias, muitos quilômetros além de Caxias. É, digamos, na mesma altura da Refinaria, só que é na estrada velha, a Refinaria é na nova, a Refinaria de Duque de Caxias. Na estrada velha tem um município [distrito] chamado Campos Elísios. Em Campos Elísios é a Cidade das Meninas, é uma estrada de 4 quilômetros que vai lá para dentro, compreende? Mas desprovida de tudo, compreende? É uma barbaridade aquilo lá, é um buraco, compreende? Nós não podíamos, em absoluto, fazer um desenvolvimento de pesquisa e fabricação de medicamentos e tudo. Lá não dava mesmo, compreende? É longe de tudo, é uma barbaridade, compreende? E depois, não era nosso terreno, aquilo era para os meninos lá que, realmente não tinham meninos, mas tinham meninos. O abrigo Cristo Redentor pelo menos funcionava muito bem naquela época, era uma boa instituição. Quando era o Levy Miranda, “opa!”, aquilo andava que era uma linha, os meninos todos uniformizadinhos e tudo, era uma beleza! Compreende? Muito, muito bem dirigido mesmo. Ele morreu depois, coitado, no fim ele estava com uma doença de Parkeinson e tudo, mas ele foi um grande diretor do Cristo Redentor.

LR - Doutor, e por que se ficou tanto tempo lá?

PB - Porque enquanto se ficava lá, se ficava porque nunca havia dinheiro para mudança, compreende? Não havia verba para mudar. Mas afinal veio uma pressão do ministro e apareceu dinheiro, compreende? Aliás, um dinheiro “mixa”, porque o prédio que nós ocupamos aqui foi apenas uma reforma de um pedaço, onde hoje é o ambulatório (inaudível) Farias e a mudança em alguns caminhões, compreende? O que nós deixamos lá eram uns “bangalôsinhos” que não tinha como... era bangalô, era residência, não era prédio industrial. O único prédio industrial era o da fábrica, que teve que ser demolido mesmo porque passou a poluir tudo e não tinha mais condições de ser, compreende?

TF - Me diga o seguinte, uma coisa que ficou obscura na entrevista ainda lá no início, quando começou a falar... Quando o senhor saiu do IQA [Instituto de Química Agrícola] e foi para o Serviço Nacional de Malária, como é que foi esse convite para o senhor fazer essa... de onde partiu essa...

PB - Foi esquisito isso, esquisito mesmo. O Pinotti tinha um amigo, um holandês, que era ligado a uma indústria na Holanda. Então esse holandês é quem trouxe a idéia da fábrica de BHC, que depois veio um químico lá da Holanda para nos dar o processo. Bom, então como esse holandês era uma cara, um executivo, um cara de implantação assim de... então o Pinotti encarregou ele de organizar o que seria, digamos, o pessoal técnico do Instituto de Malariologia, pelo menos na parte de Química, ele não se envolvia em Medicina, mas na parte de Química. Então eu recebi uma carta me convidando para eu ir trabalhar no Instituto de Malariologia assinada por esse Peter Malta, compreende? Ele assinando, é lógico que não tinha o timbre em cima, apenas, ele era... ele fazia papel... um intermediário, compreende, um...

TF - Mas o senhor estava no IQA nesse momento? O senhor ainda estava no IQA, não estava?

PB - Instituto de Química Agrícola? Estava. Mas eu já estava com aviso que eu ia ter que deixar porque tinha acabado o contrato, era um contrato... O Instituto de Química Agrícola, hoje é EMBRAPA [Empresa Brasileira de Pesquisas Agronômicas], ele fez um acordo como eu disse, fez um acordo com a Prefeitura do Distrito Federal, aqui era a capital da República, um acordo para analisarem as terras aqui do Rio, para ver que plantaçaõ dava e tudo. Então, eu até me lembro, era aquele que foi prefeito... Negrão de Lima, ele tinha um “topete” aqui, Negrão de Lima, andava sempre de terno de linho branco e eu fui contratado pelo Negrão de Lima aqui para o Instituto de Química Agrícola [IQA]. Então o

dinheiro vinha da Prefeitura. Nós trabalhávamos aqui, porque o laboratório era aqui, era um laboratório do Ministério da Agricultura, mas que prestava serviços à Prefeitura do Distrito Federal mediante um convênio, um convênio entre a prefeitura do Distrito Federal com o Ministério da Agricultura. Esse convênio tinha que ser renovado uma vez por ano. Então eu fui contratado, eu e a Dra. Hilda, fomos contratados por um ano. Aí, no fim de um ano foi renovado esse contrato e eu fui mantido, mas poucos meses depois desmancharam o contrato, não tinham mais dinheiro, compreende? Então o diretor aqui, do Instituto de Química Agrícola, que era Ministério da Agricultura, me chamou e disse, me chamou a mim e a Hilda, disse: “olha, vou ter que dispensar vocês no fim do mês porque a fonte secou, o dinheiro acabou, da prefeitura, mas acontece que eu recebi um pedido do doutor Mário Pinotti para fornecer dois químicos para um Instituto de Química Agrícola, um Instituto de Malariologia que vai ser fundado lá em cima, então indiquei vocês dois.” E aí, o meu trabalho aqui, graças a Deus, terminou... eu já era casado, terminou em 31 de maio, em 1 de junho eu assumi lá, compreende?

TF - E a Hilda foi com o senhor?

PB - Foi comigo.

TF - E a Hilda, qual o destino dela?

PB - Ela foi sempre a... sempre me acompanhou, ela chefiava a seção de pesquisas, as pesquisas que nós fizemos para NORQUISA [Nordeste Química S/A] e que vieram a dar fagos que eles estão fabricando até hoje, foram graças a ela e a equipe dela, compreende. Eles é quem sintetizaram lá os primeiros fagos que a NORQUISA passou a fabricar lá em Xerém. Então, ela realmente, foi uma química formidável e ficou lá até um pouco antes do Collor assumir... alguns anos antes...

TF - Lá aonde, que o senhor diz? Em Manguinhos?

PB - Em Manguinhos, é. Ela pediu para se aposentar, infelizmente, ela coitada, ela tinha atritos muito fortes com o então diretor de... um dos diretores lá de Manguinhos e então ela pediu para se aposentar e se aposentou ainda, na época nós ainda éramos CLT, se aposentou pelo INPS, coitada, ganha uma miséria de aposentadoria. Eu peguei já o regime único do “coisa”, do Collor e me aposentei bem melhor. TF - Aí sim, bom, chegamos em Manguinhos, em Far-Manguinhos. Então eu queria que o senhor falasse um pouco de Manguinhos e dos departamentos que foram criados, como é que foi organizado Manguinhos, a gente parou aí, na última entrevista nós paramos na organização de Manguinhos...

PB - Eu tinha algumas coisinhas para falar um pouco de antes disso...quer?

TF - Então fale, por favor.

PB - Bom, então, eu até vou deixar por ordem cronológica... Eu...eu, a senhora escutou tudo. Eu cheguei a falar de que eu ia soltar aeromodelos ali no Aeroclube de Manguinhos com um colega meu? Ou não? Uns aviõezinhos que eu soltava lá...

TF - Não, eu não me recordo não.

PB - É o seguinte, da minha turma de colégio, 5 foram para a Aeronáutica e eu não foi porque eu sou

daltônico. Bom, um desses que foi para a Aeronáutica e que veio a ser comandante de jato na Panair, o (inaudível), ele gostava muito de soltar aeromodelos e eu também gostava, compreende? E tinha ali, em frente a Manguinhos tinha o famoso Aeroclube de Manguinhos, com os aviõezinhos lá, pequenininho, particular, era um Aeroclube. Então, tinha uma pista lá de aeromodelos. Então eu com esse meu colega, nós íamos lá para soltar esses aviõezinhos, compreende, aviõezinhos de motor a gasolina e “tal e coisa”. Mas não existia ainda a Av. Brasil, isso foi anterior a 1940... por aí, não tinha ainda a Av. Brasil. Então nós íamos pela Leopoldina, descíamos ali na estação da Leopoldina e atravessávamos a pé por ali, passávamos em frente ao Castelo, compreende, e íamos soltar os aviõezinhos lá e depois voltávamos. Mal podia supor que daqui há anos eu ia entrar (risos), como o futuro a Deus pertence, nessa época...a gente não sabe, que anos depois eu ia trabalhar ali em Manguinhos.

TF - Que ia passear muito por ali.

PB - Que eu não ia ser aviador porque eu era daltônico e “tal e coisa”. Mas então... ah sim, outra coisa que eu queria contar é... Ah sim, eu disse que o nosso do laboratório farmacêutico lá ficou com Raul Leite, com o pessoal do Raul Leite. Depois 5... quando eu era professor de inseticidas lá da Escola Nacional de Saúde Pública, da ENSP. Quando a ENSP estava no... lá no Morro da Viúva, onde é o Fernandes Figueira, naquele prediozinho da frente do [Instituto] Fernandes Figueira, aquele prédio de 6 andares, ali é que era a ENSP. Na época o diretor era o... me deu bloqueio, daqui a pouco eu lembro. Bom, que era muito meu amigo e ele então me convidou para eu dar a parte de inseticidas para o curso de Saúde Pública para médicos... Scorselle, doutor Scorselle ele era muito meu amigo, o Scorselle. Depois ele foi meu colega no Conselho da CEME, no Conselho consultivo da CEME [Central de Medicamentos]. Então o Scorselle me convidou para ser professor de inseticidas, “Dá só o tópico de inseticidas na ENSP”. Então eu dava lá para os médicos, inseticida. Na época estava no auge o DDT, estava na “crista da onda”, a gente até pensava em erradicar a malária com DDT. Então eu disse: “bom, uma boa idéia será eu levar esse pessoal para visitar uma fábrica de DDT”. E nessa época já existia, a única fábrica de DDT que existiu no Brasil, da HOECHST, em São Paulo, no município de Suzano, em São Paulo. Então eu disse: “olha, Scorselle, vou levar o pessoal e tal...” “Ótima idéia, leva para visitar lá a fábrica de DDT, eu até conheço lá o químico-chefe lá e tal e coisa” ... “Tal e coisa” e marcamos e o Scorselle disse: “você vão no nosso ônibus”, a Escola [Nacional] de Saúde Pública [ENSP] tinha um ônibus naquela época. Está muito bem, o ônibus marcou determinada hora, nos pegou lá e nós fomos todos, e fomos lá, eu com os médicos estudantes para visitar a fábrica de DDT. Chegamos lá, o motorista disse: “olha, doutor, eu tenho que fazer umas coisas aqui em São Paulo e tudo, que horas o senhor quer que eu volte aqui?” Eu disse: “bom, às 5 horas da tarde está bom, tá justo o tempo da gente voltar, 5 horas da tarde. Vamos chegar no Rio lá pelas 10 horas, 5 horas de viagem...Tá bem.” E o cara não apareceu mais, não voltou mesmo. Aí o tempo foi passando e tudo e eu disse: “olha pessoal, agora não dá mais para a gente pegar a estrada, nós temos que voltar de avião”. E aí foi um problema, nós tivemos que nos cotizar lá para comprar a passagem de avião e tudo. Fomos todos de avião e “tal e coisa”, voltamos todos de avião porque o homem... (risos) O cara foi tratar de interesses dele e “tal e coisa”, esqueceu... naturalmente isso nunca foi investigado nem nada. Scorselle passou um bruto de um sabão, eu não tive culpa nenhuma. Bom, outra coisa que eu queria contar também... O Scorselle era um grande sujeito... Ah, nós tratávamos as paredes com DDT e tinha que ficar 2 gramas de DDT por metro quadrado. Ficando na parede 2 gramas de DDT por metro quadrado a gente tinha certeza que controlava o mosquito. Então era preciso ter analistas que fossem em certos lugares e raspassem o pó da parede e analisar para ver se realmente estava sendo bem distribuído o DDT, se estava sendo bem aplicado o DDT. Então a [Departamento Nacional de] Endemias Rurais

tinha um quadro de técnicos analistas que iam nesses lugares olhar. Então, surgiu lá, não sei se algum problema no Rio Grande do Sul e pediram a um desses analistas que fossem daqui ao Rio Grande do Sul para examinar o DDT que tinha sido aplicado em determinadas casas lá. E era um sujeito, naturalmente, muito cioso e tudo, e havia urgência na missão dele, então ele... ah, um dos reagentes que se usa para essa análise é o ácido sulfúrico concentrado, aquele que sai fumaça, por isso que a gente chama ácido sulfúrico “fumante”. Então ele, com medo que o material não chegasse lá para ele fazer as análises, ele disse: “eu vou levar esse material comigo”. E tomou um Caravelle aí no Rio e despachou o material junto, esse ácido sulfúrico, na bagagem. O Caravelle foi um dos primeiros jatos e, portanto, ele ia a grande altitude, portanto a cabine era pressurizada. Mas o gabinete de... o “coisa” de bagagem não era pressurizado e ele, em vez dele levar o vidro de ácido sulfúrico com ele, despachou na bagagem, foi lá para baixo. Quando houve a subida do avião o vidro de ácido sulfúrico abriu, abriu, despejou ácido sulfúrico no compartimento de bagagem. O vapor do ácido sulfúrico começou a atacar aquela fiação toda, os fios passam lá por baixo, compreende. O fato é que quando o avião desceu lá em Porto Alegre e eles abriram o compartimento de bagagem, aquela fumaceira danada de ácido e tudo, compreende. E o avião não pode mais sair dali, compreende? Teve que fazer uma limpeza, uma vistoria, refazer aquilo tudo e “tal e coisa”. Então houve um processo. Então houve uma comissão de inquérito. Eu fui nomeado para essa comissão de inquérito para julgar esse rapaz, compreende. Era eu....

Fita 4 – Lado A

PB - Chamamos o rapaz lá para dar explicações e tudo, mas ficamos com pena do rapaz porque tudo o que ele fez foi para bem servir, compreende? Ele disse: “não, não, se eu chegasse atrasado...” Ele deu uma série de justificativas, mas ele desconhecia esse negócio todo de pressurização, estava justo começando os aviões a jato, compreende? Foi o Caravelle, o Caravelle foi o primeiro avião a jato aqui, compreende? Então nós fizemos um parecer de maneira a não prejudicar o rapaz, compreende? Mas foi um fato curioso que ficou, compreende? Saiu nos jornais e tudo. Depois... ah! Isso foi um fato que vale a pena ser registrado, foi em 1970, em Manguinhos, eu ainda era intruso porque ainda era diretor do Serviço de Produtos Profiláticos [SPP], mas não obedecia a Manguinhos...

(Interrupção da gravação)

PB- Oi, tudo bem? – ... Eu não obedecia a Manguinhos, eu obedecia ao [Departamento Nacional de] Endemias Rurais [DNERu], mas me dava muito bem com todos lá de Manguinhos, muito bem mesmo, inclusive com o Neri Guimarães. Ouviu falar no Neri Guimarães?

TF - (inaudível).

PB - Bom, o Neri Guimarães foi um grande pesquisador de Manguinhos, grande pesquisador mesmo. Foi o diretor do Hospital lá e tudo. Eu era muito amigo dele e convidaram o Neri, ele era o mais cotado para ser o diretor do Instituto Oswaldo Cruz [IOC], era antes da Fundação. Ele foi convidado para ser o diretor do Instituto Oswaldo Cruz, mas tinha uma turma lá contra ele: turma terrível, viu? E não era flor que se cheire, não; uma turma “danada” contra ele. O Neri Guimarães era um sujeito bem intencionado mesmo, mas os outros queriam ver era a caveira dele, então fizeram uma lista para endereçar ao ministro pedindo que ele não fosse nomeado diretor do Instituto Oswaldo Cruz. Então o

Neri me viu um dia lá e me convidou para ir almoçar com ele. Eu fui almoçar com ele no restaurante de Manguinhos e ele estava numa tensão nervosa terrível, ele me disse: “olha Barragat, e ‘tal e coisa’...” e historiou a coisa toda, compreende? Ele estava tenso e eu disse: “não Neri, não liga para isso e ‘tal e coisa’”. Eu procurando botar “panos quentes” e tudo, e tudo; mas ele estava numa tensão nervosa, uma coisa incrível. Ele almoçou comigo, mas ultra tenso. Aí o motorista foi buscá-lo, eu fui lá para a minha unidade e o motorista foi buscá-lo, e ele me disse: “olha, eu não estou passando bem...” Disse para o motorista: “me leva em casa” e foi piorando no carro, foi piorando, o motorista então parou aí no hospital da Lagoa ou Miguel Couto, não sei bem, um desses hospitais aí, ele teve um enfarte fulminante e morreu! Preocupação, aborrecimento por causa disso, disso que houve, e eu assisti isso, eu almocei com ele, eu fui o último a almoçar com ele, foi no dia em que ele morreu, uma barbaridade! Neri Guimarães, um grande sujeito, grande médico... deixa eu verificar seus extratos, não sei se outros vão dar parecer contrário, o meu é esse! Meu parecer é esse! Depois... o que mais eu tenho a contar daqueles tempos... sete, oito... depois nove... Ah, veja bem, o que eu tenho a relacionar... eu tenho algumas coisas a relatar aí, é sobre a Central de Medicamentos [CEME], mas não deixa de ser ligado conosco porque nós éramos um dos laboratórios da Central de Medicamentos, oficial, afinal o Ministério da Saúde era o laboratório oficial, o laboratório do Ministério da Saúde era o nosso, na época até era o INPROMED [Instituto Nacional de Produção de Medicamentos] que juntava vacina com medicamentos, depois o INPROMED se dividiu em Far-Manguinhos e Bio-Manguinhos, certo? Mas primeiro era INPROMED. Assim que foi criada, a Fundação juntou, como eu disse, o Serviço de Produtos Profiláticos com o departamento de vacinas e soros e criaram o INPROMED, Instituto [Nacional] de Produção de Medicamentos. Então é... ah sim, nos primeiros... eu fui indicado pelo ministro, mantendo a minha posição de diretor do INPROMED, eu fui nomeado pelo ministro para ser representante do Ministério da Saúde na CEME [Central de Medicamentos] e fiquei como... a CEME tinha um presidente e um conselho diretor. O Conselho Diretor éramos 4 coronéis e eu, um que era representante do laboratório farmacêutico da Marinha, laboratório farmacêutico do Exército, laboratório farmacêutico da Aeronáutica, INPS, que era um coronel, e o Ministério da Saúde, que era um civil, eu. Então, quando passou o nosso período de Comissão Diretora, eu deixei a Comissão Diretora e fui indicado para o Conselho Consultivo. De qualquer forma, em qualquer um desses lugares, nós tínhamos uma atuação no acompanhamento dos estímulos que a CEME dava e a CEME então deu estímulos para vários... várias entidades, universidades e tudo, desenvolverem fármacos - fármacos é matéria prima do medicamento-, desenvolverem fármacos. Mas o negócio era um começo, a gente não tinha identidade desse pessoal, compreende? Todos vinham com ótimas referências e tudo, compreende? Nós estávamos num regime de ditadura em que era difícil investigar, ainda mais investigar um militar, não se podia, compreende? E deu-se concessão para um Instituto de Química Industrial e “tal e coisa”, no Vale do Paraíba, um Instituto de Química de tecnologia industrial e “tal e coisa”. Bom, eles tinham... ao mesmo tempo eles tinham uma escola de técnicos em Química, nível técnico e eles queriam desenvolver pesquisas e na época o negócio era chefiado por um tenente-coronel da reserva e o homem... ele era... muito, muito boa vontade, mas perturbado da cabeça, era uma coisa incrível e resolveu pedir um empréstimo a CEME, queria fazer aspirina. Até apareceu numa revista a fotografia dele escrito embaixo “O pai da aspirina nacional” (risos). Eu tenho essa revista aí, essa é ótima! O pai da aspirina nacional. E montou as “trapizongas” todas com bons técnicos, mas montou, compreende? Mas não é fácil a fabricação de aspirina, nós não temos a tecnologia, isto está na mão de Bayer e Cia, compreende? Então ele montou um negócio, mas a aspirina não saía. Montou o negócio pago pela CEME, financiado pela CEME, portanto equipamento da CEME, o que tinha lá era todo equipamento da CEME. Mas aí ele viu que a aspirina não saía e ele viu que precisava de mais equipamentos, mais gente e tudo, precisava de dinheiro. Então ele foi ao Banco Nacional, esse que quebrou agora, foi ao Banco Nacional e pediu um empréstimo e o Banco Nacional disse: “não, mas o

senhor me dá uma garantia”. Ele deu o equipamento da CEME todo em garantia, compreende? (risos). Aí recebeu o dinheiro do Banco Nacional, “tocou o pau” no dinheiro, não que ele tenha posto no bolso, não, mas comprou mais troços e “tal e coisa”, e a aspirina não saiu, e o Banco Nacional, um belo dia, chegou lá para tomar conta do equipamento da CEME, compreende? (risos). E deu um daqueles inqueritos que não dão em nada, compreende? Mas foi um problema, compreende; e assim houve alguns casos assim terríveis que... um outro caso foi o Instituto de... Não contei nada do negócio do Instituto Militar de Engenharia [IME] também. Nós fizemos um acordo com eles, para eles fabricarem também medicamentos.

TF - Instituto... desculpe, Militar...

PB - O IME, o IME [Instituto Militar de Engenharia].

TF - Ah, tá.

PB - Aí na Praia vermelha.

TF - Sim, sim.

PB - E aí fizemos um acordo com eles e... infelizmente... tem mais coisa aí..., mas infelizmente o negócio não deu certo. Não deu certo mesmo.

TF - Mas por que não deu certo?

PB - Uma barbaridade! Pode parar, pára isso aí, por favor, só um instante. Pode parar, senão eu não vou falar.

TF - Fazia convênios com outras instituições...

PB - Com outras entidades para desenvolver fármacos, compreende? E tudo ruiu porque quando terminou o primeiro... porque o Médici, o Médici... eles podiam ser ditadores e tudo, mas eram... em primeiro lugar eles eram patriotas, eles não queriam saber de influências de multinacionais nem nada. Então o Médici nos disse, quando nós assumimos lá a CEME: “olha, vocês vão ficar diretamente subordinados a mim porque senão eu sei que a CEME não vai adiante”. E não deu outra; quando terminou o período do Médici e veio o ... esse que morreu agora, o Geisel.

TF - O Geisel [Ernesto Geisel].

PB - O Geisel era muito bem intencionado, mas houve uma diretriz geral que foi um erro para a CEME. A diretriz geral da equipe... porque quando o Medici estava já no fim, ele...ele já estava... tudo já indicava que ia ser o Geisel. Então o Geisel já fez o grupo dele para preparar o que ia ser o governo dele, e esse grupo de técnicos achou que nenhum órgão podia continuar subordinado diretamente à Presidência da República. Eles não visavam a CEME não, era uma ordem geral, nenhum órgão mais vai poder ficar subordinado... e com isso cortaram os órgãos todos e cortaram a CEME; e foi quando a CEME começou a “desgringolar”, compreende? Aí é que veio depois a corrupção da CEME, foi depois e tudo. Tudo começou no momento que a CEME deixou a Presidência da República, era só isso que eu queria dizer. Ah, sim! Deixa eu só ver se tem mais alguma coisa para acrescentar... 9... incentivo...

Sim, o negócio dos incentivos, compreende? É... um detalhe apenas, um detalhe apenas; quando Far-Manguinhos que ocupava aquele prédio, aquele esqueleto aí dos fundos da Fundação, desculpe o trocadilho. Quando ocupava aquele esqueleto e nós fomos obrigados a sair dali porque o Raimundo de Brito queria botar ali a Escola. Eu fui escolher, eu escolhi aquele campo de futebol, eu disse: “não, nós temos que abrir uma entrada na rua aí lateral para entrar material e tudo”. Então fizemos um portão ali do lado e esse portão foi aberto assim na marra, assim, compreende? Não falamos com a Prefeitura nem nada, sabe como é que era naquela época no regime militar e tudo. Não abre portão, abre... e que número vamos dar? Eu olhei assim no princípio da rua e “tal e coisa” e eu disse: “bota o número 100”. E esse número 100 está até hoje, isso nunca foi registrado até hoje, se for ver lá na Prefeitura não existe quem estabeleceu esse número 100. Fui eu (risos) que botei o número 100 e lá ficou até hoje (risos). Bom, isso aí são detalhes apenas que eu recorro para vocês. Ah, e o endereço hoje em dia, agora é Far-Manguinhos, Rua Sisenano Nabuco, número 100. Está lá! Ficou e vai ficar para sempre. Bom, deixa eu ver se tem só mais alguma coisa aí para dizer. Não, depois eu quero falar sobre esse meu projeto lá na Amazônia, que eu fui na Amazônia e o negócio vai indo bem. Mas vamos continuar, vamos pela ordem cronológica.

TF - Já que o senhor falou da CEME...

PB - Pois não.

TF - ... eu acho que seria interessante o senhor falar um pouco da história da CEME nessa relação que o senhor participou.

PB - O primeiro... – aceita? Não? – O primeiro presidente da CEME, dr. Wilson Aguiar, era um economista, ele é vivo ainda, de vez em quando é engraçado, eu encontro com ele ainda aí no “Imposto de Renda”, quando nós vamos ao “Imposto de Renda” em Ipanema, ele mora em Ipanema. Quando ele vai tirar dúvida lá no Imposto de Renda para fazer declaração, eu sempre me encontro com ele na fila. Foi um cara formidável, eu sou suspeito para falar, compreende? Mas foi o melhor diretor que a CEME teve, foi o homem que não só deu a partida da CEME como promoveu a CEME no Brasil inteiro. Eu conheço o Brasil inteiro graças a CEME, que a gente viajava que não era brincadeira, eu já tinha minha mala pronta aqui, quando ele me telefonava: “olha, hoje à noite nós vamos para Manaus”, era assim. Então ele realmente foi de um dinamismo extraordinário e sob...

TF - O senhor era o que na CEME? O senhor ocupava que cargo?

PB - Comissão Diretora. O quadro da CEME era o seguinte: Presidência, na época dr. Wilson Aguiar; Comissão Diretora, pertenceram à Comissão Diretora os indicados pelos Ministros do Exército, Marinha, Aeronáutica, INPS e Ministério da Saúde, cinco. O Exército indicava o diretor do laboratório farmacêutico do Exército, grande amigo meu, Coronel Weber Moraes de Barros, aquele que eu contei aquela história do... que ele discutia de homem para homem com... você não conhece essa história?

TF - Não.

PB - Depois vou falar, Coronel Weber, diretor do laboratório farmacêutico do Exército e portanto, membro da Comissão Diretora da CEME; da Marinha era o comandante Consídera, ele é vivo até hoje, de vez em quando eu falo com ele. Consídera, diretor, lógico, do laboratório farmacêutico da Marinha; da Aeronáutica, coronel Carlê, falei com ele no outro dia, está aposentado no Rio Grande do Sul, ele

era também diretor do laboratório farmacêutico da Aeronáutica na Ilha do Governador e, finalmente, o coronel... agora me deu um bloqueio no nome, era um tenente-coronel que era do INPS e que tinha na época laboratório farmacêutico, então foi também um dos diretores e no Ministério da Saúde eu fui indicado como diretor, então eram 5 diretores e um presidente. Então nós éramos a Comissão Diretora.

TF - O senhor continuou na Fundação [FIOCRUZ]?

PB - Continuei na Fundação, continuei como diretor lá na Fundação. Aí então nós viajavamos para ir ver os vários secretários de saúde e explicar o que era a CEME e ver o quê que eles precisavam. Por exemplo, no Piauí, a situação era tão grave que nós mandávamos medicamentos para a capital do Piauí, Teresina, nós mandávamos para Teresina e o medicamento ficava apodrecendo lá porque eles não tinham, não tinham viaturas para mandar o medicamento para o interior. Então a CEME comprou picapes e deu picapes para os secretários de saúde destes Estados mais pobres para eles distribuírem o medicamento. E então houve uma solenidade aqui, quando saíram as carretas com os medicamentos, a primeira leva de medicamentos, foi bonito, foi muito bonito isso. Naturalmente houve propaganda política, eles tiravam fotografias das carretas, a carreta saindo lá do laboratório farmacêutico do Exército, uma carreta cheia de medicamentos. Então tinha um detalhe curioso desse coronel lá do... o Weber, que era meu amigo, coronel diretor do laboratório farmacêutico do Exército, ele era um cara muito dinâmico e acontece... isso que eu estou dizendo tudo que é militar sabe disso. Acontece que nas Forças Armadas os militares de tropa não gostam dos militares técnicos, exceção feita na Aeronáutica com os médicos, porque o aviador que voa depende do médico, então aí ele agrada o médico, ele gosta do médico, o militar que voa porque depende dele, compreende? Como ele depende dos mecânicos. Por isso fica a maior amizade que existe de superior com subordinado, é na Aeronáutica, por quê? Porque o Brigadeiro que está voando lá em cima depende daquele mecânico que vai ver se está tudo certinho nos motores e tudo. Então o Brigadeiro fica amigo do mecânico, sem nenhum dos dois dizer isso, mas a verdade tem que ser dita. Então, mais normalmente os militares de tropa não gostam dos militares técnicos e acontecia isso então lá no Exército. O Weber, que era farmacêutico, queria inovar no laboratório dele, queria ver o superior dele, o superior dele era um general de Intendência, são os piores, compreende? São os piores, os de Intendência, ele: “não, não pode”. Aí um dia ele perdeu a paciência, o Weber, apesar de ser coronel ele tinha irmãos generais, então ele tinha as “costas” quentes, compreende? Então ele disse para esse general da Intendência: “mas, general, nós não podemos por uma vez conversar de homem para homem?” Então o general disse para ele: “não! Só de superior para subordinado”. Ele me contou isso, já está falecido, mas lá de cima ele está escutando o que eu estou dizendo: “não! Só de superior para subordinado!” E eu soube isso por outros lá, porque eu tenho muitos amigos lá enquanto a gente vai vivendo a vida, vai fazendo amigos. Bom, então outras coisas sobre a CEME, que a sra. quer que eu conte, que mais que eu posso contar sobre a CEME... tem tanta coisa... Ah! Quando eram essas apresentações, naturalmente a turma ameaçava apresentar eles todos fardados e eu à paisana, compreende? Pensavam que eu era um “milico” à paisana, então “coronel, coronel, coronel, coronel Barragat” (risos). Ah, eu me diverti muito!

TF - Como era esse trabalho da CEME em relação com vocês na Fiocruz?

PB - Ih! Uma vez saiu um “arranca rabo”. O Ministro me telefonou aqui para casa... bom, eu pensei: “estou na rua! Estou desgraçado!” Eu me tornei amigo do Presidente da CEME, do Wilson Aguiar, porque eu achava que ele era muito bem intencionado, bem intencionado mesmo e surgiu um problema lá de discórdia dele com o Ministro da Saúde, que na época era o... esse que eles falam tanto em

Manguinhos, lá do... que botou esses cassados lá... como era o nome dele, meu Deus? Esse Ministro que cassou o pessoal todo...

TF - Solto Maior? Rocha Lagoa?

PB - Rocha Lagoa, aí houve um problema entre a CEME e o Ministério da Saúde, que eu achei que a CEME tinha razão, achei que a CEME tinha razão, então eu disse: “não Wilson, se você acha que é assim, vamos fazer assim então.” À noite o Ministro me telefone aqui para casa: “Barragat, eu botei você lá para me representar, ouviu? E você tem que defender o nosso interesse...” Mas ele me passou um “sabão” (risos), o major me passou um “sabão”. “Pô, amanhã eu já vou encontrar a minha carta de demissão lá” (risos). Mas não, foi só um “sabão” e não passou daquilo, mas eu disse: “puxa vida, acabou” (risos). E assim são as coisas.

TF - E como é que ficou a CEME com a Fiocruz.

PB - Bom, aí é que está. A CEME, no fim do governo Garrastazu Médici, no que veio o Geisel, houve a ordem: “tem que sair da presidência, não pode mais ficar subordinado”. Aí 3 Ministérios ficaram de olho na CEME, o Ministério da Saúde que dizia: “não, medicamentos tem que ser do Ministério da Saúde”. O Ministério da Indústria e Comércio porque era o que estimulava a fabricação dos medicamentos aqui; então “não, tem que ser porque a base da CEME são os medicamentos e nós temos que fabricar isso tudo aqui no Brasil, então tem que ser a Indústria e Comércio, tem que ir para a Indústria e Comércio”; e o INPS, que o INPS é que dizia: “não, nós é que distribuimos os medicamentos, os postos de saúde no INPS, então...” Hoje está tudo com o Ministério da Saúde, naquela época era INPS, compreende? “Então tem que vir para o INPS”. O INPS é o que tinha mais dinheiro, então foi o que pode dar lance mais alto. A CEME então saiu da Presidência da República para ir para o INPS, que foi um desastre, compreende? Foi um desastre mesmo. E... agora está me falhando... o que mais que eu queria dizer sobre isso, meu Deus? Ah, sim! Mas para contentar “gregos e troianos” disseram: “não, mas a parte de pesquisa da CEME irá para o Ministério da Indústria e Comércio.” A famosa Seção de Tecnologia Industrial, STI, mas haverá uma ponte ligando uma coisa a outra. Essa ponte nunca foi construída, nunca existiu, compreende? Então a CEME perdeu todo aquele estímulo de pesquisa, continuou lá o Edmundo, é o último que está lá, é meu amigo, o último da “velha guarda”, é o último que continua lá, o Edmundo, outro dia ele fez uma conferência lá na CEME. Mas, praticamente, não tem mais quase função nenhuma a parte de ação de pesquisa da CEME, compreende? Nada, nada. Depois passou para o Ministério da Saúde, compreende, mas já havia aquela roubalheira danada, aquela... tudo que foi do tempo do Alcení Guerra, aquilo tudo, uma “porcaria danada”. Pediam comissão, cada medicamento que era comprado era na base de comissão e tudo, acabou com a...

TF - Hoje em dia, a medicação que a Fiocruz fabrica sai Fundação e CEME, como é que é essa...

PB - Ah, sim! Veja bem. Alguns laboratórios fizeram o seguinte, alguns laboratórios disseram: “não, nós não vamos ficar dependentes só da CEME, nós vamos ter duas linhas, não importa que é a mesma aspirina que está sendo fabricada, mas quando chega na hora de embalar, uma embala com timbre da CEME, a outra embala com o nosso timbre e que nós vamos vender a quem nós acharmos que distribui para quem nós escolhemos. E assim faz a FURP em São Paulo, que é o maior laboratório estatal que existe em São Paulo, é a FURP, Fundação do Remédio Popular, é a FURP. Aqui me parece que Far-Manguinhos está fazendo assim agora, me parece que Far-Manguinhos tem agora dois rótulos.

TF - E tem o selo das duas? Fiocruz e CEME? Eu já vi isso!

PB - É isso daí, justamente.

TF - Ah, bom!

PB - Para poder justamente vender fora da CEME, para poder vender sem ser só para a CEME. Os da CEME ela distribui com o selo da CEME.

TF - Ah, tá!

PB - Os outros que ela vende para um hospital aí, qualquer coisa, é com o rótulo dela, da Fiocruz. Ah, sim, depois houve também muitos problemas na parte de vacinas porque o governo se queixava... o Ministério da Saúde se queixava que a Fiocruz não dava conta das vacinas e a Fiocruz dizia: “não, não posso dar conta das vacinas porque quem dirige isso é a CEME e a CEME não dá ‘bola’ para vacinas, só quer saber de medicamentos”. Então houve... tiraram da CEME a parte de vacinas...

TF - Aí ficou Bio-Manguinhos.

PB - Ficou, é... não, não só, mas também Manguinhos passou a ser distribuidor de vacinas, mesmo não fabricadas em Manguinhos. Está cheio de vacinas lá que são importadas, em Manguinhos, mas que são distribuídas por Manguinhos, quer dizer, a CEME não se envolvia... eu não sei se voltou agora, sabe como é política, não é? Mas durante muitos anos a CEME foi tirada do Ministério de mexer em vacina. A única autoridade de vacinas era Manguinhos.

TF - Posso aproveitar esse momento para se conversar sobre fabricação de medicamentos para retomar uma questão anterior? Eu fico muito curiosa em relação a saber como é que foi o processo de tomada de decisão de fabricação de medicamentos ainda à época do SPP [Serviço de Produtos Profiláticos]. Vocês trabalhavam só com inseticidas, aí em 57 decidem...

PB - Honra seja feita, foi idéia do Brigadeiro Bijus. Ele é que... naquela época existia como existia hoje, FINEP [Financiadora de Estudos e Projetos], não sei o quê; existia um famoso plano SALTE [Saúde, Alimentação, Transporte e Energia], não sei se você já ouviu falar.

TF - Já.

PB - Esse plano SALTE financiava, a fundo perdido, financiava coisas assim e tinha uma verba lá que ia ser arquivada, arquivada não, que ia ser recolhida, ia ser recolhida porque...

TF- Não foi gasta.

PB - 5.000 não sei o quê, 5.000 não sei o quê, é... que não... Então o Brigadeiro Bijus pegou essa verba e comprou o equipamento para o... princípio do laboratório de medicamentos, comprou o equipamento e contratou o pessoal, como eu disse, do Raul Leite, que tinha fechado. Então, equipamento comprado com plano SALTE, pessoal contratado do extinto Raul Leite, formou então o laboratório farmacêutico

do Serviço de Produtos Profiláticos, laboratório farmacêutico do Serviço de Produtos Profiláticos. Mais alguma coisa?

TF - Essa discussão existia... acho que era a dica para a gente chegar aí... exista já essa discussão dentro do próprio SPP [Serviço de Produtos Profiláticos] para se ampliar os serviços dele e assumir também a parte de medicamentos ou essa questão veio de fora?

PB - Não, não. Sim, veja bem. O Brigadeiro Bijus, que era... porque na época o Ministério da Saúde pertencia a São Paulo, política, compreende? Então, quem nomeava era... desliga, desliga só um instante... Então, na Saúde foi a mesma coisa, compreende? Era o Ademar de Barros que indicava o pessoal da saúde, então o Ademar de Barros foi quem indicou esse amigo dele, o Brigadeiro Bijus, que era farmacêutico. Então, é lógico, que ele, como farmacêutico, e chega num lugar lá que só tinha inseticidas, ele quis botar medicamentos, está muito certo! Não critico, compreende? Na França, na França, os inseticidas são tratados em revista de farmácia, você pega uma revista de farmacêutica, lá trata de medicamentos e de inseticidas. Aliás, a diferença é a famosa frase de Paracelsus: “tudo é veneno, nada é veneno, dependendo da dose”, tudo é veneno, nada é veneno e por isso existe, por exemplo, o Arfarin. O Arfarin - esses raticidas a base de anti-coagulantes -, ele é usado para pessoa contra coágulos e nós temos nos primeiros elementos da (inaudível) aparece lá o Arfarin, o Arfarin. Então ele, em uma dosagem pequena, salva o sujeito, cura o sujeito ou trata o sujeito, uma dosagem grande mata rato. Então, é a frase de Paracelsus, “tudo é veneno, nada é veneno, dependendo da dose”. Então esse farmacêutico entrou para... esse farmacêutico entrou para lá, compreende? É lógico que ele quis levar medicamentos e foi uma boa idéia, ótima idéia do Bijus, ótima idéia mesmo, compreende?

TF - E aí, vamos continuar, Manguinhos, como é que foi o desenvolvimento da... não, não mais SPP [Serviço de Produtos Profiláticos], como é que foi o desenvolvimento dele lá em Manguinhos?

PB - Bom, aí é que está, como eu disse então, no momento em que houve aquela grande mudança no Ministério e que criaram, transformaram, porque quando foi criada a Fundação Oswaldo Cruz era proibido fazer novas Fundações, porque toda repartição que queria ter verba própria virava Fundação. Então estava um abuso, tudo virava Fundação, compreende? Então o governo botou um basta, disse: “não, acaba, não se faz mais Fundação nenhuma!” Foi justo quando quiseram fazer de Manguinhos uma Fundação. E dali eles fizeram... A escola era Fundação, era Fundação ENSP, Instituto Castelo Branco até, depois Fundação ENSP [Escola Nacional de Saúde Pública]. Então eles... é da mesma forma que transformar de uma roda fazer um carro; da escola eles juntaram o grande, o resto todo, vamos supor, que fosse uma fundação grande e fosse anexar um pequenininho, estava muito bem, mas não, eles anexaram o maior, a Fundação à escola e transformaram então a Fundação de escola em Fundação Oswaldo Cruz e por isso ficou com aquele nome esquisito, Fundação Instituto Oswaldo Cruz, compreende? Mas também eram aqueles que não queriam, não queriam que acabasse o nome Instituto Oswaldo Cruz, não pode porque o nome é “tal e coisa”. Está muito bem, mas quando era no tempo de Oswaldo Cruz não era Instituto Oswaldo Cruz, era...

TF - Soroterápico.

PB - Soroterápico, Instituto Soroterápico, não é isso mesmo? Então realmente..., mas está muito bem e continuou porque hoje em dia uma das grandes divisões lá dentro, a turma que faz pesquisa pura é o Instituto Oswaldo Cruz, é o IOC, continua IOC. Mas o fato é que quando criaram a Fundação transformando a escola no todo, mantiveram IOC. Então ficou Fundação Instituto Oswaldo Cruz e por isso a sigla é Fiocruz, que o sujeito diz: “que engraçado, como que é Fundação Oswaldo Cruz e a sigla

é Fiocruz”. Porque a sigla nasceu antes, nasceu quando foi Fundação Instituto Oswaldo Cruz, Fiocruz, está entendendo? Essas coisas com o tempo...

TF - Mas como é que foi a sua gestão lá na...

PB - Bom, ah sim, aí então, quando houve a formação da Fundação Instituto Oswaldo Cruz, da Fiocruz, eles absorveram esses órgãos, como eu já disse, de fora, os intrusos lá que eram o SPP [Serviço de Produtos Profiláticos] e o INERu [Instituto Nacional de Endemias Rurais]. Bom, em Manguinhos já existia a divisão de vacinas e soros, divisão ou departamento, não me lembro, vamos ver depois se era divisão ou departamento de vacinas e soros, que era chefiado pelo dr. Pena. Então pegaram o meu serviço, juntaram o Serviço de Produtos Profiláticos [SPP] com divisão ou departamento de vacinas e soros e formaram então o INPROMED [Instituto Nacional de Produção de Medicamentos], Instituto de Produção e Medicamentos, cujo diretor ficou sendo o Pena, que já era diretor de... das vacinas, ficou sendo o Pena e eu fiquei como vice. Depois houve um problema lá que o Pena teve que sair e foi quando o Ministro me chamou, e foi quando eu contei aquele caso, eu já contei aquele caso que o “coisa” me chamou, não agradeça a mim... não contei, não?

TF - Não, acho que não contou não.

PB - O diretor... o primeiro presidente de Manguinhos foi o Oswaldo Cruz Filho e o vice dele, o vice diretor era o diretor da Escola que era Oswaldo Costa. Houve um problema lá, houve um problema político, que o Oswaldo Cruz teve que pedir demissão, não foi nada de roubalheira, não, não foi nada disso, não. Mas houve um problema político que o Oswaldo Cruz foi obrigado a sair. Então, como não interessava ao Ministro trazer uma pessoa de fora no momento, assumiu interinamente o vice, que era o Oswaldo Costa, que era o diretor da Escola, ele assumiu a presidência da Fundação e aí ele me chama e aí... talvez tenha sido mesmo movimento político, compreende? Que fez o Pena sair do INPROMED, e aí ele me chama e diz: “Oh Barragat, você vai ser o novo diretor do INPROMED”. Eu disse: “Oh, Oswaldo Costa, eu estou surpreso, mas quero te agradecer essa distinção e tudo...”, porque tudo que a gente faz... não é verdade? Aí então ele disse: “não agradeça a mim não, agradeça ao Ministro.

Fita 4 – Lado B

TF - Estávamos na Fiocruz e essa relação com a CEME [Central de Medicamentos]. Não, estávamos na Fiocruz já.

PB - Ah, sim. Bom, aí então, como eu disse...

TF - A sua nomeação.

PB - Ele me chamou e eu então assumi a presidência do... na época era o quê? Não, era diretor do INPROMED, eu era diretor, passei a diretor do INPROMED. Depois quando assumiu o Vinícius da Fonseca a presidência, ele achou que não dava certo a junção de medicamento com vacina, que não funcionava bem. Então dividiu de novo, só que passou a chamar... não era mais Serviço de Produtos Profiláticos [SPP], passou a chamar Far-Manguinhos porque era Instituto de Produção de Fármacos e Bio-Manguinhos que era Instituto de Produtos Biológicos.

TF - Sendo que Far-Manguinhos e Bio-Manguinhos é apelido, não é?

PB - É, porque o nome mesmo, o nome atual é Instituto de Tecnologia em Fármacos, o Far-Manguinhos; o outro lá não estou bem lembrado como é que é, porque também já mudou de nome umas duas ou três vezes. Mas o nome mesmo é Instituto de Tecnologia em Fármacos, Far-Manguinhos é... (inaudível)

TF - E lá, na origem da produção de medicamentos, como é que foi a aquisição de tecnologia?

PB - Foi o pessoal do Raul Leite.

TF - Ah, tá! Todo o pessoal?

PB - Nós... todo o pessoal do Raul Leite, a chefia, todo pessoal técnico do Raul Leite veio para nós.

TF - E eles...

PB - Trouxeram fórmulas.

TF - Ah! Bom.

PB - Trouxeram fórmulas. Veja bem, uma vez que é um bom farmacêutico, que ele está com prática em fazer um comprimido, trocar uma substância ativa pela outra, é uma questão de “experimentaçãozinha”, mas ele já sabe fazer um comprimido, ele sabe fazer uma drágea, sabe fazer um xarope, compreende? E aquele pessoal... o Raul Leite foi um grande laboratório. Ele fechou não foi por problema... foi por problema político. Um chefe deles, um diretor era Senador ou coisa assim, compreende? Depois caiu nas más... e coisa lá e “tal e coisa”. Enfim, foi problema político que o Raul Leite fechou, não foi por problema técnico, não, eles faziam grandes medicamentos.

TF - Então, vamos às mudanças de Far-Manguinhos, como é que ela foi...

PB - Bom, aí então Far-Manguinhos fez... começamos a desenvolver pesquisa, começamos a desenvolver pesquisa e passamos a produzir a pasta de DDT [diclorodifeniltricloroetano], que tinha sido... porque primeiro a pasta de DDT começou em São Cristóvão, certo?

TF - Isso.

PB - De São Cristóvão ela foi para a “Cidade das Meninas”, o Brigadeiro levou lá para cima, mas durou pouco tempo lá porque aí fechou aquilo lá em cima, então eu trouxe a pasta para Manguinhos e em Manguinhos ela ficou sendo fabricada ali nos fundos, a céu aberto, mas, quimicamente, a gente controlava ela no nosso laboratório. Então no nosso laboratório nós estudávamos inseticidas e também medicamento e tudo, porque isso no laboratório “tudo é veneno, nada é veneno, dependendo da dose”. Então a gente, tomando cuidado, não tem problema de no mesmo laboratório analisar um e outro. Então, ali nós desenvolvíamos vários produtos, tentamos desenvolver um produto para combater os caramujos, depois... e aí começamos com a síntese de medicamentos, síntese mesmo, e a dra. Hilda chefou isso, trabalhou muito bem mesmo. Ela, aliás, fez a síntese do primeiro produto que nós

sintetizamos lá, que foi a Dapsona, medicamento de escolha para a lepra porque quando eu me reuni lá com a equipe, eu disse: “Olha, vamos escolher aqui para começar a sintetizar medicamentos que sejam do nível um da RENAME [Relação Nacional de Medicamentos Essenciais]. A CEME [Central de Medicamentos] tem um elemento farmacêutico chamado RENAME, relação de medicamentos essenciais, RENAME, relação de medicamentos essenciais, que são os medicamentos essenciais para tratar a maioria dos brasileiros, então tem aspirina, tem...

TF - Cloreto de potássio?

PB - Tudo, exato. Então eu disse: “olha, vamos escolher para sintetizar aí uns 2 ou 3 medicamentos fármacos, fármacos é a substância ativa de medicamentos, vamos escolher uns 2 ou 3 fármacos, mas vamos escolher aqueles que são, digamos, nível A”. Então a CEME tem 3 níveis: nível 1, nível 2, nível 3. Nível 1 são aqueles que são distribuídos em ambulatório, tal como aspirina... tudo, nível 1; nível 2, aqueles que vão para hospitais, medicamentos mais complicados, mais “coisa” e tudo; e nível 3 aqueles medicamentos ainda para pesquisa em que reúne um grupo para ver se trata ou mata a turma, compreende? Então eu disse: “vamos escolher nível 1, não tem perigo nenhum. Quais são? Vamos ver, lepra é a Dapsona, é o medicamento até hoje, foi escolha a Dapsona, depois a... (inaudível), a filariose, elefantíase, filariose, o medicamento de escolha é a Dietil carboamazina, que está sendo de novo sintetizado lá agora.

TF - Dietil?

PB - Dietil carboamazina, na época demos o nome até de fantasia, hoje em dia é proibido isso, mas demos Filariosan... É o seguinte, porque o laboratório inglês que fabricava, fabricava a dietil carboamazina com o nome de Hetrasan, com H, Hetrasan, e vendia nas farmácias e tudo, Hetrasan. Mas vendia pouco porque o grosso, como é uma campanha feita pelo Ministério da Saúde e só tinha mesmo em Belém e Recife, um pouco “pingado” em Santa Catarina e tudo, mas o grosso era Belém e Recife, hoje muito mais Recife, mas Belém e Recife. Então era campanha do Ministério da Saúde, então não adiantava botar o medicamento em farmácia, ninguém comprava. Então o fabricante do Hetrasan parou de fabricar ou quando muito fabricava por encomenda nossa, então nós dissemos: “vamos fabricar o Hetrasan” e passamos a fabricar e demos um nome nosso, então imitando o Hetrasan chamamos Filariosan, de filariose, Hetrasan, Filariosan de forma que... isso é só um detalhe apenas. Então, para sintetizar escolhemos a Dapsona, a dietil carboamazina, mas essa depois nós tivemos que parar e ela só está sendo sintetizada agora; nós escolhemos 2 anestésicos de ação local que são importantíssimos, o nome comercial é xilocaína, que tem Gelol, que tem... compreende? A gente precisa, vai... vai abrir um abscesso e bota xilocaína, o nome genérico da xilocaína é lidocaína, foi descoberta por suecos e o dono dele no mundo inteiro era Astra. Astra é uma empresa sueca, eu disse: “olha, vamos fazer a lidocaína, vamos fazer a dapsona, e vamos fazer...” Meu Deus, qual é o outro?... Agora me dá bloqueio... enfim, escolhemos 3. Escolhemos 3 e a dra. Hilda lá, espetacular com equipe dela e tudo, saíram com as sínteses, saíram com as sínteses, aí eu disse: “olha... foi a FINEP [Financiadora de Estudos e Projetos], eu disse: “nós não podemos trabalhar, olha o tamanho desse laboratório, sem equipamento, sem nada e tudo...” Aí, nós conseguimos um financiamento da FINEP, mas o financiamento era só para equipamento, mas nós queríamos ter uma sala grande e “tal e coisa”. Então aqueles tais pavilhões que nós construímos lá, que eram só estruturas de aço, a gente pôde mudar o layout a vontade, não pôde; não cai porque está sustentado pelas vigas de aço. Então vamos fazer um laboratório grande aqui. É, mas o empréstimo da FINEP é só para equipamento. Aí fez-se aquela velha química e deu também para fazer o... (risos); enfim, montamos o laboratório, ficou jóia o laboratório,

jóia, jóia e aí a FINEP disse: “nós queremos outro financiamento”. A FINEP disse: “bom, agora o segundo financiamento vocês têm que mostrar uma empresa interessada no produto de vocês. O segundo financiamento é desde que haja alguém interessado no que vocês inventarem”. Eu já tinha muita amizade com a NORQUISA [Nordeste Química S/A], porque eu era representante do Ministério da Saúde, fui durante 25 anos do Conselho de Desenvolvimento Industrial. Eu fui o único representante lá da primeira reunião à última, quando Collor fechou aquele “negócio” lá, uma das grandes besteiras que ele fez, que nós examinávamos projetos de indústrias químicas e farmacêuticas. Então, graças ao meu contato lá no CDI, Conselho de Desenvolvimento Industrial, eu me tornei muito amigo do pessoal da Petrobrás e a NORQUISA nasceu da Petrobrás através da Petroquímica. Então eu... inclusive, era coordenador lá do nosso grupo um que hoje ainda é diretor na NORQUISA, o dr. Mansur. Então falei com ele: “olha Mansur, nós sintetizamos uns medicamentos aí, uns fármacos muito bons, você não quer experimentar?” Aí, ele veio nos ver e gostou dos produtos, então fez um convênio conosco e foi então um convênio tripartite, conforme queria a FINEP: Fundação Oswaldo Cruz, NORQUISA, FINEP.

TF - A NORQUISA é estatal?

PB - Não, não, não é estatal, foi e não foi, é difícil dizer, compreende? Do tempo do Geisel foi criado lá... a Bahia lá... o Camaçari, aquilo tudo e aquelas grandes empresas químicas se multiplicaram pelo Brasil inteiro, foram constituídas com uma constituição de 33% Estatal, 33% Nacional e 33% Multi, então a NORQUISA foi criada nesse sistema, mas hoje, praticamente, ela não tem mais nada de governo porque o que ela tinha de governo era através da Petroquímica, a Petroquímica se... como é...

TF- Se desfez?

PB - É, passou para... foram vendidas, isso que o governo faz... Como é que chama?

TF - Privatizada.

PB - Foi privatizada. Então hoje em dia a NORQUISA não é mais, mas era estatal. Bom, mas então... onde é que eu parei mesmo? Ah, sim! Aí o Mansur concordou, então fizemos lá na Fundação uma reunião séria com a FINEP e então a FINEP fez um novo empréstimo da seguinte maneira: emprestou a nós de Far-Manguinhos a fundo perdido, quer dizer, o dinheiro não volta e a NORQUISA para montar o equipamento que ia fabricar os nossos produtos com juros bastante camaradas, juros bem abaixo dos juros de banco e assim então nós passamos a fornecer medicamentos para a NORQUISA que apresentou na época, dois projetos ao CDI [Conselho de Desenvolvimento Industrial] para fabricação de medicamentos, um projeto pequenininho aí no fundo da baía em Xerém, zona industrial de Xerém, onde ela começou a produzir os nossos fármacos, o primeiro fármaco que ela fabricou foi nosso, bom e um projeto enorme lá na Bahia para fazer 16 fármacos, ia ser um monstro de laboratório de produção de medicamentos lá na Bahia . Mas o negócio “degringolou” e o laboratório da Bahia nunca saiu do papel e esse aqui de Xerém foi desenvolvendo, desenvolvendo e que hoje mantém toda essa fabricação de medicamentos, estão fabricando 18 fármacos, sendo os primeiros desenvolvidos por nós e agora eles voltaram lá para Manguinhos; infelizmente houve umas administrações depois da minha que não tinham uma simpatia maior pela NORQUISA e cortaram a... é uma pena porque a NORQUISA até bem pouco pagava royalties dos produtos que nós fornecíamos para eles, eles passaram a fabricar e pagavam royalties, pela primeira vez Manguinhos passou a receber royalties de um produto que desenvolveu, isso eu estou a espera de alguém que me desminta isso. Houve realmente, Oswaldo Cruz

que fez a famosa vacina da “Mangureira”, que eu não sei como é que foi negociada na época, compreende? Mas o fato é que Far-Manguinhos foi o primeiro a fornecer uma tecnologia que deu depois royalties à Fundação Oswaldo Cruz, depois vieram umas administrações - que não vem ao caso citar nomes - que acharam que... sei lá, que não estava certo e “tal e coisa”, e cortaram essa... Estupidez, não é? Agora viram o erro, reconheceram o erro, compreende? E já atrelaram de novo com a...

TF - Com a NORQUISA?

PB - Com a NORQUISA.

TF - E, à época da sua administração, houve algum outro convênio além desse com a NORQUISA?

PB - Houve com a Salgema, fizemos com a Salgema, a Salgema é um grande fabricante de soda cáustica em Camaçari, em... Bahia, não, Sergipe.

TF - Salgema é em Sergipe.

PB - Alagoas, estamos todos errados, Alagoas (risos).

TF - Onde?

PB - Alagoas, Maceió, foi uma grande estatal que agora foi, eu acho que foi privatizada. Então, ela fazia cloro e soda cáustica. No mundo inteiro, que é o seguinte, quando você eletrolisa o sal, passa eletricidade no sal para dividir ele entre soda cáustica e cloro, você tem certas quantidades de cloro e de soda cáustica que você não pode modificar, um quilo de sal de cozinha só dá X de cloro e dois X de soda cáustica. O que é que acontece? Conforme o país é mais desenvolvido ou menos desenvolvido, ele consome mais um do que o outro. País menos desenvolvido consome mais soda cáustica, então sobra cloro; país mais desenvolvido como Estados Unidos consome mais cloro, então sobra soda cáustica. Eu vi nos Estados Unidos eles jogando no Rio Ohio soda cáustica para ser neutralizada porque eles não tinham colocação para a soda cáustica, numa época em que não se falava em poluição. Aqui a Salgema estava produzindo... ah, sim, ela fabrica a partir de Salgema, como é o nome mesmo... existe dois lugares onde tem sal: no mar e em jazidas subterrâneas, que um dia foram mar, acontece que esse sal de jazida, ele é puríssimo, 99%, 99,99%, então é uma beleza você extrair esse sal para eletrolisar, porque ele vem quase puro, compreende? O sal do mar tem magnésio, tem o “diabo a quatro”, então lá eles furaram, encontraram... eles estavam furando para procurar petróleo...

TF - E acharam sal.

PB - É, porque tem muito petróleo ali e eles fizeram um furo para pesquisa de petróleo e encontraram o sal e hoje em dia é essa a grande fonte da Salgema, então ela fabrica. Acontece que no Brasil, como nós somos um país menos desenvolvido, nós consumimos muito mais soda cáustica do que cloro. Então, o diretor de lá que era muito meu amigo, o Miragaia, ainda é meu amigo até hoje, ele disse: “não, nós temos que estimular nesse país o consumo de cloro porque aumentando... ah, sim, ele era obrigado a neutralizar o cloro, ele gastava um dinheirão neutralizando o cloro porque você não pode soltar o cloro assim, no mar, porque mata peixe, não pode soltar no ar porque mata todo o mundo, então gasta um dinheirão para neutralizar o cloro. Então ele procurava meios de utilização nobre do cloro. Então, ele pensou em fazer alguns fármacos, algumas coisas que consomem cloro, então ele fez um

convênio conosco e nós desenvolvemos alguns produtos que nós entregamos a eles que são produtos que consomem cloro, compreende? Donde nosso convênio com a Salgema, não sei, hoje em dia não sei, eu acho que acabou esse convênio.

TF - A Salgema acabou, hoje é Odebrecht, a Odebrecht incorporou a Salgema.

PB - Ah! Ela foi uma das que comprou, isso mesmo, tem razão, ela tem a maioria, a Odebrecht.

TF - Deixa eu lhe perguntar o seguinte: na Fundação o sr. fez... o sr. ficou então... o sr. fez um convênio, me parece aqui, um convênio em 84 com a FINEP, era esse que o sr. estava falando ou o sr. tinha um outro convênio que ampliou os laboratórios e não sei o quê?

PB - Foi com a FINEP e com a NORQUISA, porque a Salgema entrou depois, a Salgema só veio depois.

TF - Não, mas a FINEP, como é que foi esse convênio com a FINEP?

PB - Não, todos eles foram com a FINEP.

TF - Teve aquele “FINEPÃO”, não é isso?

LR - Foi primeiro o convênio com a FINEP e depois o segundo com a FINEP e com a NORQUISA, não é?

PB - Ah, sim!

LR - O primeiro com a FINEP, o segundo com a NORQUISA?

PB - O primeiro era só Fundação-FINEP, Far-Manguinhos-FINEP; o segundo é que a FINEP disse: “olha, o segundo convênio a gente só faz... o segundo empréstimo a gente só faz quando tem uma empresa interessada no produto”.

TF - Ah, tá!

PB - Aí, eu trouxe a NORQUISA, então fizemos um convênio tripartite, em que a FINEP emprestou para nós a fundo perdido e para a NORQUISA a juros camaradas.

TF - Bom, posteriormente, logo em seguida, o Sr. foi membro da GIFAR [Grupo da Indústria Farmacêutica]?

PB - Fui... foi, foi muito rápido essa... veja bem...

TF - Qual a atribuição do GIFAR e o quê que vocês faziam enquanto membros?

PB - Era desenvolvimento de fármacos nacionais. O primeiro GIFAR aconteceu no tempo do Jango, eu assisti a duas reuniões dele. O primeiro GIFAR, Grupo da Indústria Farmacêutica, também para fazer medicamentos aqui, foi o Jango que instalou e depois quando veio a Revolução e eles criaram o

CDI, Conselho de Desenvolvimento Industrial, então o Ministério da Indústria e Comércio criou um Conselho de Desenvolvimento Industrial com vários departamentos, um deles era o GEIQUIM, Grupo Executivo da Indústria Química, GEIQUIM. No decreto de formação do GEIQUIM dizia lá que ele absorveria o GIFAR. Então o primeiro GIFAR feito pelo Jango foi absorvido pelo GEIQUIM; o segundo GIFAR foi criado quando Delfim era ministro, quando Delfim Neto era ministro... .. foi no governo da ditadura.

LR - Setenta e poucos?

TF - Setenta e muitos!

LR - Setenta e alguma coisa.

PB - Não, foi no final, foi no final porque eu me lembro que nós, já estava havendo uma certa independência e nós então fizemos uma organização do novo GIFAR, “draconiana” contra as multinacionais, compreende? Quer dizer, que dava força aos laboratórios nacionais e o Delfim tinha que assinar para aprovar. Ah, o Ministro da Indústria e Comércio era um cara talvez de esquerda, compreende? Ele era contra as multinacionais e ele nos deu toda a força e nós então fizemos um “troço” para proteger a indústria nacional.

TF - Quem eram os outros membros do GIFAR nessa ocasião? Quem eram os outros membros?

LR - O GIFAR e o GEIFAR eram a mesma coisa?

PB - A mesma coisa, mudava a linha, mas a finalidade era a mesma, é que o primeiro, do tempo do Jango, era GIFAR - Grupo... não! ... era GEIFAR o primeiro... e o segundo foi GIFAR... De qualquer forma era o grupo de indústria farmacêutica para proteger a indústria farmacêutica nacional contra as multís.

TF - Mas aí esse documento foi assinado pelo ministro, Delfim encampou...

PB - Aí é que está, o Ministro da Indústria e Comércio, ele era a nosso favor, compreende? Ele era contra o domínio das multinacionais, ele queria nos dar força, nós queríamos dar proteção a indústria nacional, uma porção de... eu tenho isso tudo guardado, uma documentação enorme e nós fizemos uma documentação muito violenta protegendo a indústria nacional e tinha os presidentes, eram dois presidentes do grupo, sei lá, o Ministro da Indústria e Comércio e o Ministro da Fazenda [Ernane Goveia]; o da Indústria e Comércio que estimulou a coisa era a nosso favor, assinou, depois foi para o Delfim assinar, Delfim nunca assinou.

TF - Aí morreu?

PB - Morreu, morreu mesmo! E eu fui infeliz membro.

TF - O sr. foi falecido.

PB - (risos) Fui falecido.

TF - Aí é o seguinte, o sr. ficou na... enquanto diretor de Far-Manguinhos até quando?

PB - Até o Bermudes assumir, lhe digo já... (ruído de papel sendo manuseado) ... em torno de... ele já estava cansado, a idade chega e “tal e coisa”, mas o ...

TF - Ah, então foi no Arouca, já!

PB - Foi no [Sérgio] Arouca, mas o Arouca sempre foi muito distinto comigo, ele sabe que em absoluto, não sou de esquerda e tudo, mas ele sempre foi de uma distinção comigo incrível, eu respeito muito ele, muito ele, porque ele sempre me respeitou muito. Então ele me chamou e disse: “Olha, eu estou precisando do seu lugar, mas você não será prejudicado, você vai ser nomeado assessor da presidência, que era o mesmo nível, salário e tudo. Então no mesmo dia em que ele nomeou o Bermudes para o meu lugar, ele me nomeou assessor da presidência.

TF - E como é que foi essa sincronia, o que é que o senhor fazia lá?

PB - Nada, continuei em Far-Manguinhos, porque ele pensou, compreende? Que eu quisesse sair de Manguinhos porque geralmente o diretor que cai não gosta de ficar sob a ordem do novo diretor e “tal e coisa”. Eu não tenho isso mesmo, eu me dava bem com o Bermudes, muito bem, aliás, o Bermudes continua meu amigo, me convidou, já fiz um trabalho com ele e tudo, compreende? Então foi um problema político, não resta dúvida como aliás depois o Bermudes usou aquilo como trampolim para ele ser depois diretor do [Instituto] Vital Brazil, lá de Niterói, e aí então veio um outro para o lugar dele, mas isto tudo já estava naturalmente...

TF - Quem que veio depois do Bermudes? Não foi a ...

PB - Agora é que eu estou atrapalhado, não foi o... esse que está lá ainda, mas que...

TF - Não, agora é uma moça, como é que chama ela...

PB - Não, não, mas está em Far-Manguinhos.

TF - Ricardo?

PB - Que está orientando a doutora Elizabeth, ele é professor do Fundão... Gemal, conhece? André Gemal. Veio o André Gemal e depois eu acho que veio o Eduardo Martins, eu tenho essa ordem toda lá em cima, de qualquer forma o (inaudível) me chamou e me designou assessor da presidência e depois, anos depois quando ele precisou também desse lugar político, ele olhou e viu que eu já tinha tempo suficiente para passar... para ficar com...

TF - Para incorporar.

PB - Incorporar, então ele incorporou e disse: “você continua...” Ah, sim! Porque ele pensou que eu fosse querer sair dali de Far-Manguinhos, compreende? Mas eu me dou bem, então ele me deixou em Far-Manguinhos e eu continuei colaborando lá em Far-Manguinhos.

TF - O senhor ficou fazendo o quê?

PB - Olha, andei me dedicando totalmente ao CDI, projetos, justamente eu tenho lá um arquivo de 25 anos de Indústria Química que eu entreguei agora ao Gemal e vai ficar uma parte em Manguinhos e outra parte ele vai usar na Escola de Química, porque a parte de Indústria Química interessa pouco à Far-Manguinhos, compreende? A parte farmacêutica vai ficar com Far-Manguinhos e a parte de indústria química pesada vai... Petroquímica ele vai levar para o Fundão.

TF - Mas o senhor ficava fazendo pesquisas?

PB - Não, eu tinha... durante 25 anos, eu vou lhe dar qual a função do CDI. A função do CDI [Conselho de Desenvolvimento Industrial] era desenvolver a indústria química brasileira; então ele recebia projetos de novas fábricas ou ampliação de fábricas existentes e ele examinava se estas implantações ou expansões cabiam no país, se iriam poluir o país, se ia conflitar com outras já existentes, foi o caso daquela que, como eu disse, aconteceu aquele acidente foi assim, justamente, compreende? Era o caso de uma multi-nacional que queria entrar e tinha uma brasileira que dizia que ia fazer e “tal e coisa”; de qualquer forma... Então, com isso nós fomos recebendo informes da indústria química, eu - porque fui o único que fiquei 25 anos lá -, eu tenho arquivado 25 anos de desenvolvimento da indústria química brasileira, eu tenho um dossiê, um armário de aço do tamanho dessa porta com todo o histórico da indústria química brasileira de 1965 a 90, que está lá em Manguinhos, compreende? Então...

TF - Essa parte que vai ser doada?

PB - Uma parte vai para o Fundão e outra parte fica em Far-Manguinhos que é o que interessa, a parte farmacêutica, então, compreende? É... porque isso interessa a estudante de química, não interessa à Far-Manguinhos a fabricação de soda cáustica, está entendendo? Então, deixar perder um dossiê desse, compreende? Quando novos estudantes podem aproveitar daqueles processos todos para aprender como é que se fabrica isso, como é que se fabrica aquilo e “tal e coisa”, aços, bases, petroquímicos, tudo isso, compreende? Então tem muito mais utilidade uma vez que o André Gemal é nosso, de Manguinhos e ao mesmo tempo é professor no Fundão [UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro], nada como ele, aliás, ele me disse que o arquivo não vai sair de lá de FAR - Manguinhos, apenas ele empresta os processos e depois o cara devolve, compreende?

TF - Sim, e aí o sr. ficou fazendo o que mais lá em Far-Manguinhos?

PB - Ah, eu era consultado porque a...

TF - Como um consultor?

PB - Exato, um consultor, consultoria.

TF - E o senhor aposentou quando? O sr. já aposentou de Manguinhos?

PB - Me aposentei, me aposentei quando minha esposa teve em 88, ela teve um acidente cerebral e... uma coisa muito séria e daqui a Manguinhos são 20 km, então eu ficava muito preocupado de ficar em Manguinhos, compreende? Longe daqui e a minha senhora com esse problema de saúde muito sério,

então eu ainda tinha três anos para me aposentar porque eu só ia completar 70 anos... eu me aposentei com 87 anos, mas eu me aposentei...

TF - Oitenta e sete anos?

PB - 67 anos.

TF - Ah, que susto!

PB - 67 anos, eu tinha 67, ainda podia ficar mais três anos lá, compreende? Ninguém me incomodava, eu não tinha horário, não tinha ponto, nem nada, ficava lá, porque eu gosto disso, mas de qualquer forma, quer dizer, mas foi o problema da minha esposa, não quis deixar de dar assistência a ela, um apoio a ela. Então me aposentei, dou minha consultoria, sou consultor aí de uma empresa, estou com esse projeto, depois quero falar sobre esse projeto lá na Amazônia e esse é através de Far-Manguinhos, compreende? E sou consultor da Escola, lá do Caderno de Saúde Pública [Revista]. Eles me convidaram, eu sou consultor lá do Caderno de Saúde Pública, compreende? De maneira que eu mantenho o meu laço lá de... ligado a Manguinhos, que eu gosto muito, compreende? E mantenho minha atividade, não me deito antes de uma hora da manhã, de maneira que não... eu tenho um lema: “andar muito, comer pouco, ler muito, dormir pouco”; e assim estou me mantendo, graças a Deus, Amém. (risos).

TF - Então, fale da Amazônia?

PB - Há 20 anos atrás, 21 anos atrás, me caiu nas mãos uma revistinha da Petrobrás ou folheto, não sei, depois vou explicar isso, que contava uma história, uma historiazinha que eu cortei na época, sem me dar conta de que eu estava cortando a fonte. Cortei o artigo, que eu tenho até hoje, muito interessante e que contava a seguinte história: numa localidade, alto Rio Negro, 400 km acima de Manaus, uma localidade chamada Barcelos - hoje ela está com 8.300 habitantes, Barcelos. Uma senhora, lá no seu barraco, acabou o querosene da lâmpada de querosene, então ela saiu com uma canequinha e um facão e foi andando pela mata e escolheu uma árvore, quando ela encontrou essa árvore, ela furou a árvore e botou a latinha e correu um líquido com forte cheiro de gasolina, os índios chamam ela “pau de gasolina”, os nativos lá, aí ela viu que já tinha bastante, voltou, botou no seu lampião de querosene e acendeu e deu uma luz muito forte que iluminou todo o barracozinho dela, e que dizia esse artigo da Petrobrás que a localidade de Barcelos era a única no mundo, isso eu não apurei mesmo, que era a única no mundo que continha... que tinha essas árvores que tinham esse líquido, é um óleo essencial e que os índios chamavam Iamuí, Inhamuí, tem vários nomes, classificada, ela é da família das lauráceas, é uma laurácea muito grande, o tronco dela chega a ter 1,20 m de base e é curioso que o nome, o nome em latim não é, o nome... a família é laurácea, depois tem o gênero e a espécie, o gênero é Ocotea geralmente as Ocoteas tem resina, assim é um nome indígena da Guiana Inglesa Ocotea e o segundo nome da espécie barcellensis, é curioso como é que o nome barcellensis, é lógico que é tirado de Barcelos ou seja o cara que afinal caracterizou isso dever ter sido lá em Barcelos, compreende? Por isso deu Ocotea barcellensis. Foi difícil, porque o rio enche muito ali, mas de qualquer forma a minha idéia desde aquela época era extrair essa resina e decompor essa resina nos seus vários constituintes, que alguns são muito importantes para a indústria de perfumes, outros...

TF - Entrevista com o dr. Paulo Barragat. Fita número 5, dia 12 de dezembro de 1996.

PB - ...também dessa resina pode-se tirar uma substância que ajuda a produção de um anti-inflamatório, anti-esteroidal, que está sendo desenvolvido por aquele NPPN lá do Fundão [Ilha do Fundão/ Universidade Federal do Rio de Janeiro], Núcleo de Pesquisas de Produtos Naturais, NPPN. Enfim, uma porção... antigamente se usava até como linimento, como... porque tem, digamos, basicamente seria uma espécie como a terebentina, umas substâncias até aromáticas, boas para brônquios e tudo, compreende? Essa medicina alternativa. De qualquer forma, eu achei que seria interessante se aproveitar essa resina com essas finalidades todas, mas na época, o mais importante é que, o principal constituinte dessa resina, alfa-pireno, era matéria-prima de um grande inseticida que foi muito fabricado aqui no Brasil, mas eles importavam a matéria-prima. Mas depois esse inseticida, por ser clorado, ele foi banido junto com os clorados, apesar de ser bio-degradável. Está muito bem que tenham banido DDT [diclorodifeniltricloroetano]⁷, que tenham banido o BHC [hexaclorociclohexano]⁸, mas não havia razão de banir esse confector, que era um produto bio-degradável, compreende? Mas houve um interesse comercial atrás disso para lançar produtos patenteados mais caros e tudo, no início não tinha esse negócio de patente. De qualquer forma, quando... Ah, eu ia ver se o Matarazzo explorava isso, porque eu conhecia o químico do Matarazzo⁹, me dava bem com ele e tudo e o Matarazzo fabricava já esse produto aqui, importando matéria-prima. Mas logo depois veio o banimento, realmente eu cheguei a apresentar um trabalho no I Congresso de Toxicologia em Manaus, em 76. Eu apresentei um trabalho sobre isso, mas depois veio o banimento dos clorados e tudo e eu me desinteressei, não havia como, me desinteressei... não tinha a quem interessar, a quem “vender o peixe”. Mas agora, com esse negócio de desenvolvimento, biodiversidade, o desenvolvimento em conservar a Amazônia, ou seja, fazer ela ser auto-sustentável, sem derrubar árvores. Então eles estão falando em extrativismo, borracha, um pouquinho, ainda tem um pouquinho, castanhas, tudo isso é extrativismo. Então eu pensei na extração dessa resina, mas é preciso ver se essas árvores ainda estão lá. Então, justamente, eu conversei lá com a Eloan; a Eloan [Coutinho] gostou da idéia e pediu que eu fosse com o [Benjamin] Gilbert a Manaus conversar com o pessoal do INPA [Instituto Nacional de pesquisa da Amazônia]. E eu fui lá, agora, a semana passada e fui muito bem recebido lá e tudo, eles acharam muito interessante e tudo e, realmente, o ponto de partida é fazer um recenseamento dessas árvores. Mas, independente do INPA, nós entramos em contato com um empresário, que é um farmacêutico com mestrado e professor lá da faculdade de Manaus, um cara muito ativo que “entrega mensagem a Garcia”. Eu gostei muito dele, ele tem uma indústria lá, assim, de produtos naturais muito, bem feita mesmo, esses chás de “quebra-pedra”, esses “troços todos”, compreende? Mas muito bem feita mesmo! Tudo com muita assepsia e uma “coisa” industrial bem feitinha e tudo. Uma indústria pequena, mas

⁷ “DDT (diclorodifeniltricloroetano), inseticida sintético que atua sobre o sistema nervoso dos insetos, causando-lhes a morte. É produto muito eficaz no combate a insetos parasitas do homem, sendo útil também contra os mosquitos transmissores da malária, tifo, febre amarela e peste. Quimicamente estável, persistente no ambiente por muito tempo, o que é inconveniente, pois permite sua concentração no curso de cadeias alimentares naturais. Por isso, seu uso vem sendo proibido em alguns países. Em vários casos, a eficácia do inseticida se reduz, porque se desenvolvem insetos que resistem à sua ação”. “Dicionário Enciclopédico Tudo.” Ed. Círculo do Livro, 1977, p.903.

⁸ “BHC, sigla inglesa do *hexaclorociclohexano* ou *hexacloreto de benzeno*, composto químico utilizado como inseticida, sobretudo na agricultura. Altamente tóxico, é perigoso para o homem”. “Dicionário Enciclopédico Tudo”, Ed. Círculo do Livro, p.205.

⁹ Indústrias Químicas Francisco Matarazzo.

muito bem montada. Então, realmente, é o cara de “entregar mensagem a Garcia”. Conhece a história de “entregar mensagem a Garcia?”

TF - Não.

PB - Ah, leiam! Vale a pena! É o cara que entrega mensagem a Garcia. Então eu fui lá com o [Benjamin] Gilbert e parece que o Gilbert pode, inclusive, conseguir um financiamento do Banco Mundial, que empresta para empresas privadas, compreende? Então nós interessaríamos numa empresa privada com financiamento do Banco Mundial à explorar essa resina. E a minha idéia era aproveitar na extração da resina os seringueiros e os silvícolas, porque os seringueiros estão morrendo de fome, eu expliquei no meu projeto, esse projetinho, os seringueiros estão morrendo de fome, então, como eles conhecem a mata, não seria difícil eles em vez de tirarem látex da seringueira, extraírem essa resina dessa árvore. Eu fiz um projeto, e os silvícolas, porque muitas dessas árvores estão em áreas de reserva e se tem silvícolas lá até plantando maconha, compreende? Porque silvícola não pode extrair uma resina assim da árvore, compreende?

TF - Como é o nome dessa resina?

PB - Olha, é um óleo essencial, chama-se óleo essencial do louro-inhamuí¹⁰, louro-inhamuí, para começar é família das lauráceas, então popularmente chamam louro, tudo que é da laurácea chamam de louro, laurácea é louro. Então o nome inhamuí, da árvore, eles associam à família, que é laurácea, então chamam louro-inhamuí, ou simplesmente inhamuí ou mamorim, tem vários nomes, alguns chamam de “pau-de-fogo”, “pau-de-gasolina”, compreende? Pelo... aquele “negócio” ... histórico, compreende? E eu então, aí cito histórico, tudo, compreende? Do processo e tudo, o primeiro que foi lá e achou curioso como é que aquele negócio pegava fogo, quando ele chegou com o cigarro perto e pegou fogo e “tal e coisa” e a grande quantidade que corria porque parece que ele fez um furo numa árvore e saíram mais de 10 litros de resina de uma árvore, compreende? Me falaram até em 20 litros, me parece; eu acho um exagero, mas de qualquer forma, compreende? Então a minha idéia é aproveitar os silvícolas e os seringueiros na extração dessa resina e nós industrializaríamos isso em Manaus mesmo, aproveitando as vantagens da Zona Franca, compreende? E isso ia ser distribuído e, inclusive, há falta desses produtos aqui no sul, porque esses produtos normalmente são retirados do pinho, pinho do pinheiro, mas é esse pinho que eles plantam para fazer celulose de papel. Então eles fazem a plantação do pinheiro e antes dela chegar a 25 anos, entre 12 e 20 e poucos anos, eles extraem uma resina muito semelhante a essa, acontece que agora eles estão substituindo o pinheiro pelo eucalipto, porque as fábricas de papel querem celulose de fibra curta e o pinheiro dá só celulose de fibra longa, quem dá celulose de fibra curta é o eucalipto. Então, estão substituindo o pinheiro pelo eucalipto, então está secando a fonte dessas resinas. Então, a minha idéia é extrair lá do... dessa planta lá. Mas não tem nada (risos), enquanto isso vou passando o tempo.

TF - Então...você têm mais alguma questão? Não sei se o sr. tem mais alguma questão...

PB - Não, estou um pouco cansado, sempre tive um timbre de voz muito alto...

¹⁰ LOURO-INHAMUÍ: árvore da família das lauráceas (*Ocotea barcellensis*), do alto Amazonas e PA, cujo tronco quando perfurado, deixa escorrer uma espécie de terebitina, de uso local; nhamuí, louro-mamorim. “Dicionário Aurélio.”